



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

LARISSA ROGÉRIO BEZERRA

"ARTE EM CENA": NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM ARTE
ESPÍRITA

FORTALEZA
2013

LARISSA ROGÉRIO BEZERRA

"ARTE EM CENA": NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM ARTE
ESPÍRITA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Eixo: Educação Ambiental, Arte, Espiritualidade e Juventude.

Orientadora: Profa. Dra Ercília Maria
Braga de Olinda

FORTALEZA
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- B469a Bezerra, Larissa Rogério.
"Arte em cena" : narrativas de uma experiência formativa com arte espírita / Larissa Rogério
Bezerra. – 2013.
201 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Educação.
Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.
- 1.Arte espírita. 2.Narrativas pessoais. 3.Educação e espiritismo – Fortaleza(CE). 4.Educação – Métodos biográficos. 5.Jovens – Educação – Fortaleza(CE). I. Título.

CDD 133.9

LARISSA ROGÉRIO BEZERRA

ARTE EM CENA": NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM ARTE
ESPÍRITA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Eixo: Educação Ambiental, Arte, Espiritualidade e Juventude.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda
Universidade Federal do Ceará - UFC
(Presidente)

Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo
Universidade Federal do Ceará - UFC
(Membro Interno)

Prof. Dr. Gilberto Andrade Machado
Instituto Federal do Ceará - IFCE
(Membro Externo)

A Deus,
A espiritualidade,
A minha família,
Ao meu amor,
E, em especial, ao meu avô Durval, que
sempre acreditou em mim e se não fosse por
seus fortes abraços e olhar doce, minha vida
teria sido menos colorida. Saudades
"Vôzinho".

AGRADECIMENTOS

Certa vez, um amigo me disse que a palavra "Obrigada" vem do latim *obligatus*, que significa se ligar ou prender uma pessoa a outra, por favor prestado. Acredito que o agradecimento verdadeiro e de coração, não pode amarrar as pessoas à obrigação de devolver o que lhe foi dado. Por isso, gostaria de, aqui, agradecer de forma plena sem gerar ou me sentir presa a nenhum tipo de obrigação. Sou grata:

A Deus, por ter me dado a oportunidade de viver para aprender, crescer e me melhorar a cada instante.

A Espiritualidade, que sempre está do meu lado e durante a escrita desse trabalho me intui de forma muito importante.

A minha família, que é a minha base e meu porto seguro, cada um do seu jeito único de me apoiar. A minha mãe Jeânia, por ser esse modelo lindo de ser humano, que espero ser um dia. Ao meu pai Sérgio, que me instiga a saber cada vez mais e mais. Á minha irmã Lorena, por compartilhar de tantos momentos inesquecíveis e por me ensinar a ver o outro lado das coisas. A minha irmãzinha Laurinha, por ser essa pessoinha que surgiu na minha vida para iluminar e trazer tanta alegria. Ao meu padrasto Edson, essa pessoa super especial que me faz chorar com suas palavras e demonstrações de carinho. A Angélica, por ser uma flor dentro da minha família, que veio para perfumar a vida do meu pai.

Aos meus avós, em especial ao meu avô Durval, que sempre esteve presente na minha vida, que dava os abraços mais fortes e carinhosos do mundo, que me olhava com uma admiração que me emociona até hoje e que deixou uma saudade fora do comum nos meus dias.

Aos meus tios, tias, primos e primas, que me proporcionaram experiências tão valiosas, que eu irei carregar por onde for durante toda a vida.

Ao amor da minha vida, Lucas, por ser esse espírito que decidiu viver do meu lado para que pudéssemos crescer juntos, que me faz querer ser uma pessoa melhor todos os dias, que me faz querer ganhar o mundo e ao mesmo tempo fincar raízes, que me faz querer ter uma família e que desperta em mim os sentimentos mais lindos que eu já conheci. Sou muito grata por ter você do meu lado "B".

A minha professora orientadora e amiga Ercília Olinda, que me guiou nessa empreitada e sempre foi paciente com minha ansiedade e hiperatividade, que me mostrou o

caminho do aprendizado e me ajudou na construção desses aprendizados aqui expostos.

A professora e amiga Luciane Goldberg, que se mostrou minha irmã gêmea (risos) que me ensinou tanto em tão pouco tempo, que me fez enxergar o caminho do ensino de arte e que me mostrou outras cores da vida que eu não conhecia.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram e, cada um do seu jeito, fazem de mim uma pessoa muito amada.

Aos professores e à UFC, pela oportunidade de crescer e aprender cada vez mais.

Aos meus amigos que aceitaram fazer parte dessa pesquisa: João Romário, Allan Denizard, Marina Leite, Aline Rodrigues, Tamara Larripa e Lucas Moura. A essa família eu sou grata por ter me acolhido no Arte em Cena e por ter feito da minha juventude um período inesquecível e maravilhoso. Essas experiências e esses aprendizados ficarão marcados no meu espírito para sempre, por essa e por outras vidas.

"Hoje, descanso de um desses dias. Eu sei que agora posso contar com uma pequena pausa. Hoje sei quão belo é o mundo, que para mim durante horas é infinitamente mais belo do que para qualquer outro, que as cores parecem mais doces, que o ar corre mais alegre e a luz flutua com maior leveza."

Hermann Hesse

RESUMO

A sociedade contemporânea carece cada vez mais de iniciativas que proporcionem experiências verdadeiramente formativas. Experiências que possam desenvolver as várias dimensões do humano, em prol de uma formação integral. A Doutrina Espírita traz propostas objetivas neste sentido, tratando, não só, do desenvolvimento do homem enquanto ser social, mas em seus diversos aspectos de Espírito encarnado em processo constante de educação de si. O Movimento Espírita surge a partir das práticas cotidianas dessa Doutrina, que não se caracteriza apenas como uma religião, mas como um conjunto de princípios, valores e conhecimentos científicos e filosóficos. Levando em consideração que a Doutrina Espírita abre ao indivíduo uma série de novos olhares sobre si e sobre o mundo, a Arte Espírita brota da necessidade de trabalhar e expressar as dificuldades e os aprendizados vivenciados e construídos a partir da prática do Espiritismo. Com base nos fundamentos da pesquisa (auto)biográfica (JOSSO, 2010; DELORY-MOMBERGER, 2008) utilizamos o procedimento metodológico chamado Círculo Reflexivo Biográfico-CRB (OLINDA, 2009; 2010) para construir as biografias educativas (DOMINICÉ, 1988) de sete jovens que participaram do grupo Arte Em Cena da Mocidade Espírita Paulo e Estevão, em Fortaleza, no período de 2000 a 2011. O objetivo deste trabalho é compreender o significado da Arte Espírita na formação juvenil, avaliando seu papel na produção de saberes e sentido para a vida. O material produzido no CRB foi tratado seguindo as orientações da análise textual discursiva (MORAES, 2003) para que pudéssemos chegar até às produções de saberes e aos aprendizados experienciais. A Arte Espírita proporcionou a esses jovens uma experiência formadora de amplo alcance em que as amizades, as dificuldades, as lembranças, o sentimento de família, a descoberta da juventude, os sorrisos, as lágrimas, as raízes, os desafios, as superações, o caminho, o palco, a alegria, o trabalho, são apenas exemplos das preciosas marcas de uma experiência que mudou a vida deles de uma forma que só suas próprias narrativas podem expressar e representar.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Espírita – Narrativas Juvenis – Aprendizagens experienciais.

ABSTRACT

Contemporary society lacks more and more initiatives that provide truly formative experiences. Experiences that can develop the various dimensions of the human, in favor of a comprehensive formation. The Spiritist Doctrine brings objective proposals in this sense, regarding not only the development of man as social being, but in its various aspects of incarnate spirit in a constant process of self-education. The Spiritist Movement arises from the everyday practices of this Doctrine, which is not characterized only as a religion, but as a set of principles, values and scientific and philosophical knowledge. Taking into consideration that the Spiritist Doctrine makes the individual open to a series of new looks at himself and at the world, the Spiritist Art springs from the need to work on and express the difficulties and the learning experienced and built up from the practices of Spiritism. Based on the fundamentals of the auto/biographical research (JOSSO, 2010; DELORY-MOMBERGER, 2008), we used the methodological procedure called Biographical Reflective Circle-BRC (OLINDA, 2009; 2010) to build the educational biographies (DOMINICÉ, 1988) of seven youngsters who participated in the group Arte Em Cena (Art On Scene) of Paulo e Estevão Mocidade Espírita (Paulo and Estevão Spiritist Youth), in Fortaleza, in the period from 2000 to 2011. The objective of this work is to comprehend the meaning of the Spiritist Art in the youth formation, evaluating its role in the production of knowledge and meaning for life. The material produced in the BRC was treated following the guidelines of discursive textual analysis (MORAES, 2003) so we could get to the production of knowledge and to the experiential learning. The Spiritist Art provided these youngsters with a wide-range formative experience in which the friendships, the difficulties, the memories, the feeling of family, the discovery of youth, the smiles, the tears, the roots, the challenges, the overcoming, the way, the stage, the joy, the work, are just examples of the precious marks of an experience that changed their lives in a way that only their own narratives can express and represent.

Keywords: Spiritist Art – Youth Narratives – Experiential learning.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Dinâmica "estranhamento".....	92
Foto 2 - Dinâmica "estranhamento".....	92
Foto 3 - Dinâmica "estranhamento".....	92
Foto 4 - Dinâmica "estranhamento".....	92
Foto 5 - Dinâmica "estranhamento".....	93
Foto 6 - Dinâmica "estranhamento".....	93
Foto 7 - Dinâmica "estranhamento".....	93
Foto 8 - Dinâmica "O olhar coletivo".....	97
Foto 9 - Dinâmica "O olhar coletivo".....	97
Foto 10 - Dinâmica "Frutos das experiências".....	104
Foto 11 - Dinâmica "Frutos das experiências".....	104
Foto 12 - Peça Juízo Final (2001)	112
Foto 13 - Arte em Cena no V EMECE (2003)	112
Foto 14 - Arte em Cena (2003)	112
Foto 15 - Peça: Se fiquei esperando o amor me buscar (2004)	112
Foto 16 - Arte em Cena no VI EMECE (2005)	112
Foto 17 - Peça: Fala mesinha (2006)	112
Foto 18 - Peça: Fala Mesinha (2006)	113
Foto 19 - Arte em Cena (2007)	113
Foto 20 - Desenho da Marina.....	114
Foto 21 - Mandala da Marina.....	114
Foto 22 - Desenho do Romário.....	116
Foto 23 - Mandala do Romário.....	116
Foto 24 - Desenho do Lucas.....	118
Foto 25 - Mandala do Lucas.....	118
Foto 26 - Desenho do Allan.....	120
Foto 27 - Mandala do Allan.....	120
Foto 28 - Desenho da Tamara.....	122
Foto 29 - Mandala da Tamara.....	122
Foto 30 - Desenho da Aline.....	124

Foto 31 - Mandala da Aline.....	124
Foto 32 - Meu desenho.....	126
Foto 33 - Minha mandala.....	126
Foto 34 - Caminho da Marina.....	136
Foto 35 - Caminho do Romário.....	141
Foto 36 - Caminho do Lucas.....	146
Foto 37 - Caminho do Allan.....	151
Foto 38 - Caminho da Tamara.....	159
Foto 39 - Caminho da Aline.....	165
Foto 40 - Meu caminho.....	169

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Personagens do movimento espírita.....	41
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 PRIMEIRO ATO - O UNIVERSO DA ARTE ESPÍRITA	
CAPÍTULO 01 - DOCTRINA, MOVIMENTO E JUVENTUDE ESPÍRITA	31
1.1. Espiritismo: doutrina e movimento.....	31
1.2. Juventude Espírita	49
 CAPÍTULO 02 - A ARTE ESPÍRITA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO JUVENIL	
58	
2.1. As várias dimensões de uma "Arte-Formação".....	60
2.1.1. Dimensão Sociocultural.....	61
2.1.2. Dimensão Experiencial.....	63
2.1.3. Dimensão Educativa.....	65
2.1.4. Dimensão Espiritual.....	68
2.2. O que é Arte Espírita?	70
 SEGUNDO ATO - O UNIVERSO DA PESQUISA	
CAPÍTULO 03 – A TESSITURA INTERSUBJETIVA.....	85
3.1. Os Ensaios: o dia a dia do CRB	85
3.1.1. Primeiro encontro – a conversa	87
3.1.2. Segundo encontro – a confecção da mandala	91
3.1.3. Terceiro encontro – a narrativa de si	93
3.1.4 Quarto encontro (1) – a colaboração narrativa	96
3.1.5 Quarto encontro (2) – a colaboração narrativa	98
3.1.6. Quinto encontro – o caminho	98

3.1.7. Sexto encontro (1) – a árvore	102
3.1.8. Sexto encontro (2) – a árvore	104
3.2. O Cenário: a história do Arte em Cena	105
3.3. Os Personagens	113
3.3.1. Marina Leite, a sorridente	114
3.3.2. João Romário, o buscado	116
3.3.3. Lucas Moura, o metódico	118
3.3.4. Allan Denizard, o nefelibata	120
3.3.5. Tamara Larripa, a educadora	122
3.3.6. Aline Rodrigues, a tímida	124
3.3.7. Larissa Bezerra, a intensa	125

TERCEIRO ATO - O UNIVERSO DO ARTE EM CENA

CAPÍTULO 04 - ARTE EM CENA E SUAS PRODUÇÕES DE SABERES: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA FOMATIVA..... 129

4.1. A peça: os aprendizados experienciais e os projetos vitais, antes, durante e depois do palco	129
4.1.1. A arte encena a vida - Marina Leite	136
4.1.2. A Arte que me colocou no Caminho - João Romário	141
4.1.3. A oficina do crescimento - Lucas Moura	146
4.1.4. A fonte da juventude - Allan Denizard	151
4.1.5. A contribuição do Movimento Espírita para minha vida - Tamara Larripa ..	159
4.1.6. Arte e afeto: o início de minha trajetória - Aline Rodrigues	165
4.1.7. Arte em Cena e em minha vida - Larissa Bezerra	169

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180
APÊNDICES	185
ANEXOS	190

INTRODUÇÃO

"[...]com eles aprendi que a arte não é pra você se mostrar, a arte é pra você levar uma mensagem, seja ela qual for, tendo sempre cuidado com o que se diz, já que ela é também uma ferramenta de sensibilização e formação."

Aline Rodrigues

A juventude é o período da vida em que o indivíduo se encontra, em geral, com maior intensidade, em busca das experiências que irão formá-lo, tornando-o, já no presente, uma pessoa mais plena e preparando-o para o que será no futuro. É um período de dúvidas, curiosidades, conflitos e incertezas, mas também de disposição, desejo e mobilização (NOVAES, 2005).

O jovem reflete e, ao mesmo tempo, constrói a sociedade em que vive. Ele é a plena expressão da sociedade contemporânea, seja perpetuando seus princípios, seja criticando-os. Groppo (2000, p. 11 e 12) demonstra que “a categoria social juventude – assim como outras categorias sociais baseadas nas faixas etárias – tem uma importância crucial para o entendimento de diversas características das sociedades modernas, o funcionamento delas e suas transformações”. Sendo assim, o jovem tanto possui o poder de intervir na sociedade moderna quanto de se deixar influenciar por ela, já que “a modernidade é também o processo histórico-social de construção das juventudes como hoje as conhecemos” (Id., *ibid*, p. 12).

Essa mesma juventude transita entre instâncias da sociedade em busca de uma identidade, de uma ideologia, de algo que direcione sua força propulsora e transformadora para uma causa. É uma busca constante de vínculos e de experiências que possam contribuir para sua formação. Segundo Delory-Momberger (2008, p. 87) “o papel da formação é permitir aos indivíduos transformarem seu vivido em experiência, e sua experiência em saberes e saber fazer”, possibilitando que esses indivíduos se tornem pessoas mais conscientes das suas histórias, dos seus aprendizados e dos seus projetos futuros.

O educador Paulo Freire (2005) propõe que essa “autonomização” do indivíduo seja justamente o resgate da humanização que vem se perdendo ao longo dos últimos tempos. Em algumas instâncias, o ser humano vem deixando um pouco de lado os princípios e valores que caracterizam essa “humanidade”, tais como: solidariedade, justiça, espiritualidade,

compreensão, respeito e cooperação. Na fase atual de “modernidade líquida” (BAUMANN, 2001), esse processo pode resultar em uma perda do sentimento social coletivo, crítico e reflexivo, à medida que as pessoas se voltam mais para a satisfação de interesses pessoais em detrimento de projetos comuns.

Porém, esse processo de formar e humanizar as pessoas só “tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos” (FREIRE, 2005, p. 33). Sendo assim, é necessário que, além de uma formação crítica e reflexiva a respeito do mundo, exista uma educação voltada para os princípios e valores que visem formar esses indivíduos, buscando devolver a importância do sentido de humanidade e de coletividade.

Um dos âmbitos da sociedade que pode oportunizar e incentivar esse tipo de reflexão é o religioso. Segundo Novaes (2005, p. 263), “ao lado de outros recortes – de classe, de gênero, de raça ou cor, de local de moradia, de opção sexual, de estilo ou gosto musical –, a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”.

Uma das características da juventude atual, moderna e interligada pelos meios midiáticos, é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. Novaes (2005, p. 271) mostra que são os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais.

Assim, algumas religiões buscam apresentar caminhos para que esses jovens reflitam sobre suas atitudes, invistam na sua formação e busquem se tornar pessoas melhores. No caso da Doutrina Espírita, segmento focado nesta dissertação, esses caminhos não se resumem apenas ao caráter religioso. Ela propõe uma nova filosofia de vida, além de um novo enfoque para a relação com a ciência. Segundo Allan Kardec (1996, p. 8), codificador da referida doutrina,

[...] o Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.

Sobre o objetivo do Espiritismo, Rodrigues (2010, p. 51), ressalta que é

[...] contribuir com o progresso moral e intelectual do homem. Esclarecer as multidões sobre a dinamicidade da vida. Que esta não acaba no túmulo, mas se perpetua incessantemente por diversas existências através da reencarnação. Alargar o conhecimento humano visando o aprimoramento moral e intelectual que, por conseguinte alcança a compreensão do seu estado atual dando subsídios para saber o que fazer para melhorar-se.

Mas será que os jovens conseguem compreender e utilizar os preceitos espíritas em favor de sua própria formação? Será que eles se assumem e se enxergam como jovens espíritas? Será que existe algo que os diferencia dos outros jovens? Algo que os une a um único ideal, ou a um único objetivo? Será que existe um movimento de juventude espírita? Acreditamos que essas e outras tantas questões não serão completamente respondidas aqui e agora, mas este trabalho propõe-se a levantar e discutir as necessidades que surgem a partir das novas formas de os movimentos sociais se manifestarem na atualidade.

Durante a pesquisa, os conceitos de Movimento Espírita e de juventude espírita foram discutidos e construídos a partir das falas dos próprios participantes do movimento.

Mesmo que ainda não estejam fundamentalmente difundidas essas diferentes visões a respeito dos movimentos sociais contemporâneos, acreditamos que seja válido levar em conta essas novas concepções que surgem a partir da efervescência do cotidiano, em que o verdadeiro movimento está e nunca cessa de se renovar e se modificar de acordo com as necessidades da sociedade vigente.

A respeito desses tipos de agrupamentos contemporâneos de jovens, Groppo (2000, p. 17) defende que eles “constroem identidades juvenis diferenciadas de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive nos casos em que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade”; e porque não de religião?

Considerando que os movimentos sociais estão se modificando com o passar do tempo e com as novas formas de viver socialmente, diferentes maneiras de identificar e categorizar esses movimentos contemporâneos precisam ser descobertas. Segundo Melucci (1989), hoje, os movimentos sociais são identificados mais através das atitudes cotidianas, do que por suas categorias e características “macro estabelecidas”. Seus ideais e princípios

manifestam-se principalmente nos pequenos atos do dia a dia, tanto nas ruas quanto nas escolas e na internet. Sua mensagem fundamental está no fato de existir e agir. Sendo assim, os movimentos juvenis “tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório, no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática” (MELUCCI, 1989, p. 12-13).

Nessa perspectiva, podemos falar de movimento juvenil espírita, partindo do princípio de que ele se identifica através da postura diferenciada que os jovens espíritas teriam diante das diversas situações da vida. À medida que os preceitos da Doutrina Espírita vão fazendo parte da composição da identidade e da personalidade dos jovens, suas atitudes acabam refletindo essa nova forma de ver o mundo, na maioria das vezes, diferenciada dos outros jovens. Uma das experiências que contribuem para a compreensão e a vivência desse “pensar diferente” é a arte.

Em minha experiência pessoal, a arte sempre esteve presente, constituindo-se um elemento fundamental na minha formação. Desde cedo, reconheço-me como participante do movimento juvenil espírita em Fortaleza e em outras cidades. Aos quinze anos entrei para a oficina de teatro Arte em Cena e lá permaneci por mais de nove anos, primeiramente como integrante e, em seguida, como coordenadora. Essa experiência deu-me a oportunidade de expandir minha participação no Movimento Espírita e contribuiu para que eu, como jovem, assumisse responsabilidades maiores dentro e fora da casa espírita. Além de ampliar meus conhecimentos sobre a Doutrina, o contato com a Arte Espírita me possibilitou vivenciar diversas situações que contribuíram para o meu amadurecimento e para a solução de problemáticas presentes na minha juventude. Hoje, sei e sinto que minha vida teria sido completamente diferente se não tivesse vivenciado toda essa experiência, a partir da qual pude construir diversos aprendizados.

Josso (2010, p. 36) diz que a aprendizagem experiencial é a "capacidade para resolver problemas, mas acompanhada de uma formulação teórica e/ou de uma simbolização", ou seja, é aquilo que adquirimos com a reflexão das experiências vividas, colocado em prática como uma capacidade de resolver questões fundantes para a vida. Mas, para que o processo de aprendizado se constitua em experiência formadora, ele depende não só da reflexão gerada a partir dessa experiência, mas, sobretudo, de uma atenção consciente e de uma implicação e

responsabilização crescentes.

Quando pensamos em um âmbito mais geral, notamos que a sociedade contemporânea ainda não reconheceu a importância da arte e dos sentidos para o desenvolvimento e a formação dos indivíduos. Segundo Duarte (2001, p. 41) o mundo moderno está alicerçado nesta “tendência que, progressivamente, irá se solidificar: a maior confiabilidade na descrição quantitativa do mundo em detrimento da qualitativa, o que significa uma migração da atenção humana dos sentidos e sensações – isto é, do corpo – para o cérebro”.

A arte abre os olhos do corpo, do coração e do espírito para “enxergar o mundo”. Ela atua justamente na educação dos sentidos para que o indivíduo consiga perceber tudo que acontece a sua volta, como algo que irá enriquecer seu aprendizado e sua formação. E como pensar em formação e humanização das pessoas, sem pensar no desenvolvimento dessa sensibilidade, desse reconhecimento de si, do outro e do mundo?

Para Tolstoi (2002), a arte tem a característica de colocar o homem frente a frente com ele mesmo. O artista, para o autor, é um moldador da própria vida, como um “professor dos homens” e um “líder” no movimento à frente da humanidade, em direção ao bem, pois, através da arte, ele consegue entrar em contato com o que há de mais espiritual em sua essência. Na mesma direção Freire (1992, p. 80) afirma que os princípios religiosos assumem o papel social de gerar a Teologia da Libertação, que propõe a superação da “acomodação e do imobilismo pela assunção da significação profunda da presença do homem e da mulher na história, no mundo”. Ele defende que o homem, privado de ser, refletir e falar pode fazer da arte, o seu discurso, a sua denúncia, o seu protesto.

No entanto, não basta utilizar a arte apenas para identificar-se enquanto ser social ou criticar a realidade que o cerca. De acordo com Freire (1992) é necessário unir essa percepção à luta pela transformação do mundo e principalmente de si.

Nesse sentido, Tolstoi (2002) propõe que a arte tenha o papel de contribuir para a formação dos indivíduos a partir dos estímulos reflexivos que ela propõe, elevando o homem de sua vida pessoal para a vida universal, coletiva e social, não apenas por meio da participação nas mesmas ideias e crenças do grupo social em que está inserido, mas também por meio dos mesmos sentimentos compartilhados por esses.

Com base nestes princípios, a arte permite o homem expressar “conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contagiados desses sentimentos e também os experimentarem” (TOLSTOI, 2002, p.15). Essas trocas de experiências, sentimentos, pensamentos e reflexões, levam o indivíduo a tomar consciência de si e de seus aprendizados. E se, conforme indica Josso (2010,p.39) “a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações”.

Mas como seria esse processo aliado aos princípios da Doutrina Espírita? Será que podemos pensar na existência de uma Arte Espírita? Que características ela teria para ser considerada uma arte diferente das outras? Quais as contribuições que a Arte Espírita poderia trazer para a formação do homem? Qual a contribuição que ela tem a oferecer para a formação dos jovens? Mais uma vez, não iremos encontrar respostas e conceitos fechados neste trabalho. Essas são discussões relativamente recentes, que necessitam de mais maturidade e reflexão para se chegar a algumas conclusões. Aqui, na verdade, nos propomos a problematizar e mostrar a existência dessas questões, buscando assim refletir sobre como essas manifestações populares podem gerar conhecimento.

Percebendo a relevância da temática e a pertinência das questões levantadas, o **objetivo principal** desta pesquisa é compreender o significado da Arte Espírita na formação juvenil, avaliando seu papel na produção de saberes e sentido para a vida, a partir das narrativas de vida dos jovens que, na Mocidade Espírita Paulo e Estevão, em Fortaleza, participaram do grupo Arte em Cena.

Como **objetivos específicos**, apontamos:

- ▶ Conceituar Movimento Espírita, identificando ações, sujeitos e instituições que se ocupam do segmento juvenil;
- ▶ Refletir sobre o perfil dos jovens que participam do Movimento Espírita em Fortaleza, a partir de dados coletados pela Federação Espírita Brasileira;
- ▶ Discutir o conceito de Arte Espírita, problematizando sua contribuição na formação

humana;

► Mapear e interpretar, a partir das narrativas de vida, os saberes produzidos nas vivências com a Arte Espírita e os elementos fundantes para a constituição do projeto vital de cada um.

Abordagem Metodológica

Este trabalho foi realizado com base nos princípios da pesquisa (auto)biográfica, utilizando um procedimento metodológico chamado Circulo Reflexivo Biográfico (OLINDA, 2010), em que os jovens *participantes/atores/autores*¹ construíram sua biografia educativa, proposta por Dominicè (2010), com o propósito de identificar, na de cada um, a contribuição que a Arte Espírita teve em sua formação. Para este pioneiro do movimento socioeducativo das histórias de vida em formação, a biografia educativa se configura como

um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico [...]portanto, ao mesmo tempo em que serve de revelador do grau de apropriação do processo de formação, contribui para reforçar as possibilidades de apreensão desse processo. (Id. Ibid., p. 148)

Inspirada nos estudos de Dominicè, Olinda (2011, p. 63) define biografia educativa como

o produto, sempre inacabado, de um trabalho reflexivo sobre a própria vida, com ênfase no processo de formação, conhecimento e aprendizagem, realizado por fases interligadas, em grupos de até 16 pessoas, com a mediação de um pesquisador/formador.

Para se alcançar o objetivo da pesquisa foi necessário, não só uma abordagem metodológica que se adequasse às necessidades empíricas do projeto, mas também a

¹ Decidi utilizar esse termo (*participantes/atores/autores*) porque todos os convidados, ao aceitarem fazer parte da pesquisa (auto)biográfica, passam a ser participantes do processo de se descobrirem atores da sua própria vida e autores não só da sua história, mas da própria pesquisa em si. Todos nós, *participantes/atores/autores* (incluindo-me como *pesquisadora/participante/atriz/autora* desse grupo) possuímos a mesma importância, relevância, autoridade e poder no processo.

consideração de todo um campo de estudo que demonstrasse a importância de cada processo para a construção do conhecimento.

Dessa forma, com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca dos *participantes/atores/autores* da pesquisa, optamos por utilizar uma abordagem qualitativa, pois, segundo Minayo (1994, p.21 e 22),

[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A pesquisa qualitativa permite que o pesquisador conheça os *participantes/atores/autores* e que eles próprios se reconheçam, pois leva os membros da pesquisa a refletirem sobre a sua própria realidade. Ela “é, em si mesma, um campo de investigação, pois em torno de si ela dispõe dos elementos necessários para a reflexão, a problematização e a ação na busca de soluções para as questões sociais” (DENZIN, 2006, p. 16).

Os *participantes/atores/autores* foram definidos de acordo com as necessidades da pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa (auto)biográfica que busca a construção de sentidos a partir das narrativas de vida das pessoas que tiveram determinadas experiências formadoras, acreditamos que não era necessário uma amostragem muito extensa. Limitamo-nos ao número de sete *participantes/atores/autores*, por acreditar que seja uma quantidade suficientemente significativa para a realização das atividades propostas.

Os critérios para a escolha dos jovens convidados foram:

- 1) ter participado do Arte em Cena durante pelo menos cinco anos (tempo considerável para se ter vivido experiências relevantes);
- 2) ter sido coordenador do Arte em Cena (entrando em contato com a responsabilidade de não só participar, mas organizar o grupo e todas as atividades agregadas a ele);
- 3) ter participado da Mocidade Espírita Paulo e Estevão (tendo assumido a identidade de jovem espírita, mesmo que hoje não se considere mais).

Sendo assim, foram convidados para integrar esse grupo pesquisador: Allan

Denizard, Lucas Moura, João Romário, Marina Leite, Aline Rodrigues, Tamara Larripa e Larissa Bezerra². Coloquei-me também como *participante/atriz/autora*, pois, além de preencher todos os critérios previamente definidos, acredito que, como pesquisadora, já estou completamente implicada no objeto de pesquisa e minhas reflexões sobre os fatos narrados pelos outros *participantes/atores/autores* serão de igual importância para a compreensão do processo.

A oficina Arte em Cena foi escolhida como foco dessa pesquisa, por se tratar de uma oficina de Arte Espírita, que durante onze anos (de 2000 a 2011), realizou diversas peças e intervenções artísticas e que, de alguma forma, marcou, não só a história do movimento juvenil espírita de Fortaleza, mas a história de cada um que fez parte dela. A oficina estava diretamente ligada à Mocidade Espírita Paulo e Estevão (MEPE), sediada no Grupo Espírita Paulo e Estevão. No auge dos seus anos de trabalho, a MEPE chegou a receber mais de cento e cinquenta jovens por domingo. Hoje, ela encontra-se dividida em três sedes e em quatro horários diferentes, somando, em média, um total de noventa jovens por fim de semana. Durante muito tempo, ela possuiu oficinas de teatro e música, as quais os jovens, além de participarem, também coordenavam.

No universo da abordagem qualitativa, foi escolhida a pesquisa (auto)biográfica, para que pudéssemos melhor compreender o significado da Arte Espírita no processo de formação desses jovens a partir de suas narrativas de vida e da construção dos seus aprendizados através do processo de biografização³ (DELORY-MOMBERGER, 2008). Para isso, foi necessária uma fundamentação no campo da pesquisa (auto)biográfica, que, a um só tempo, propõe-se a ser um método de investigação e de formação, tendendo a se transformar em um campo disciplinar que se ocuparia da formação. A autora francesa Delory-Momberger (2008, p 25) defende que a pesquisa biográfica adquiriu, ao longo dos tempos, “uma coerência teórica e prática que a constitui em um verdadeiro campo disciplinar” em vez de reduzi-la apenas a uma metodologia. Esta é mais uma questão aberta no movimento internacional das

² Após uma discussão coletiva, optamos por assumir nossos próprios nomes.

³ De acordo com Delory-Momberger (2008) biografização é a ação contínua de “si contar”, que atualiza-se permanentemente por meio da narrativa de si, constituindo uma figuração própria, através da reflexividade crítica, em que o sujeito se apropria e compreende, não somente os fatos de sua história, mas de valores, sentimentos e gestos, incorporando-os em um processo formativo de individualização e socialização em um determinado tempo histórico e social.

histórias de vida em formação.

Gaston Pineau (2006, p. 336), pioneiro do referido movimento, define o que, no Brasil, consideramos a pesquisa (auto)biográfica “mais do que uma simples técnica pedagógica nova”, um campo de estudo que aposta na “reapropriação, pelos sujeitos sociais, da legitimidade de seu poder de refletir sobre a construção de sua vida” (Id., *ibid.*), fazendo com que o indivíduo se apodere dos seus processos de aprendizado.

A pesquisa (auto)biográfica é importante para a formação dos indivíduos, pois esse reconhecimento biográfico gera um forte estímulo, à pessoa em formação, a fazer um trabalho autorreflexivo, realizando um balanço sobre sua trajetória e sobre seus aprendizados. Sendo assim, o processo de biografização contribuiu para o objetivo deste projeto de forma bastante eficaz, pois possibilitou a transformação do que foi vivido pelos jovens do grupo Arte em Cena em saberes e ações, que estavam dentro deles o tempo todo, mas que precisavam ser elaborados e interpretados.

Dessa forma, buscamos identificar esses processos através dos relatos de vida dos jovens, pois, assim como Pineau (2006, p. 338), acreditamos que “as histórias de vida estão hoje na encruzilhada da pesquisa, da formação e da intervenção onde se entrecruzam outras correntes tentando refletir e exprimir o mundo vivido para dele extrair e construir um sentido”, para então, a partir daí, possibilitar que cada indivíduo narre, recorde, reflita e assuma o controle de suas experiências, seus aprendizados, sua vida.

O primeiro procedimento metodológico que utilizamos foi a revisão bibliográfica, com o intuito de embasar e criar um aporte teórico que possibilitasse um aprofundamento nas discussões e análises. Segundo Lakatos e Marconi (1992, p. 44):

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica.

As principais fontes do levantamento bibliográfico foram: os documentos e publicações da Federação Espírita Brasileira (FEB), através do Departamento de Infância e Juventude (DIJ); textos e estudos produzidos pela Federação Espírita do estado do Ceará

(FEEC), sob a responsabilidade de sua Coordenação da Infância e Juventude (CIJ); e documentos e artigos da Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE). Ademais, utilizaram-se estudos dos principais autores e estudiosos das áreas de educação, formação, arte e pesquisa (auto)biográfica.

O segundo procedimento metodológico que utilizamos foi o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB). De acordo com Olinda (2010), o CRB foi idealizado a partir dos círculos de cultura de Paulo Freire, dos ateliês biográficos de projetos propostos por Delory-Momberger e das dinâmicas grupais de trabalhos com as experiências de vida em formação de Christine Josso. Expressando a perspectiva dialógica e formativa deste dispositivo de pesquisa Olinda (2010, p.12), afirma: “No CRB, solidariamente aceitamos o convite para tomar distância de nós mesmos (objetivação), para fazermos um trabalho reflexivo sobre vivências particulares, sobre o que observamos, sentimos e reelaboramos ao longo de nossas vidas”.

Ainda sobre o CRB, Olinda (p. 14) descreve que ele foi

estabelecido como um espaço/tempo para o exercício da narrativa oral, para a ‘escrita de si’ e para a expressão de sentimentos, percepções e crenças pelo jogo simbólico, com objetivos de pesquisa e de formação. Nos seus diferentes momentos descobrimos a força da narrativa e do quanto precisamos do outro para nos revelar.

Dessa forma, o Círculo Reflexivo Biográfico teve o papel, na pesquisa que deu origem a esta dissertação, de possibilitar um espaço em que os jovens pudessem compartilhar seus relatos de experiência com a Arte Espírita e construir, a partir disso, uma “biografia educativa” que pode ser compreendida como um balanço a respeito de como essas experiências contribuíram para a sua formação. A biografia educativa, segundo Josso (1988, p. 40),

designa uma narrativa centrada na formação e nas aprendizagens do seu autor, que não é classificada “auto” na medida em que o iniciador da narrativa é o investigador e, por fim, que o interesse da Biografia Educativa está menos na narrativa propriamente dita do que na reflexão que permite a sua construção.

De acordo com Olinda (2010, p. 11) o CRB possui seis princípios básicos que norteiam seu processo: Princípio formativo, princípio dialógico, princípio sócio-político, princípio filosófico-antropológico, princípio da potência narrativa e princípio integrador.

Além disso, ele pode ser descrito em três momentos: despertar consciencial (momento de sensibilização), biografização (momento de oralidade e narrativa) e integração experiencial (momento de integração e avaliação coletivo e individual).

Na nossa pesquisa, o CRB foi desenvolvido nas seguintes etapas:

1º Encontro - A Conversa

Neste primeiro momento, fizemos uma reunião com todos os convidados, na qual foi explicado e apresentado o projeto de pesquisa. Nesse encontro, negociamos todos os termos do desenvolvimento do CRB. Após toda a explanação, foi firmado o compromisso de participação do projeto, em que cada *participante/ator/autor* assinou o rascunho do termo de compromisso do CRB, com as regras estabelecidas em conjunto. Cada um recebeu uma via desse documento no encontro seguinte (Apêndice 01). Em seguida, decidimos qual seria nossa pergunta norteadora⁴, a saber: qual o significado da Arte Espírita vivenciada na minha juventude para minha formação?

2º Encontro – A confecção da Mandala

No segundo momento realizamos uma atividade de reconhecimento de si através de símbolos representados em uma mandala. A palavra mandala vem do sânscrito e representa círculo, ou elementos que circundam um ponto central. Segundo Dahlke (2007), a mandala seria a representação do universo exterior e interior de cada um.

Segundo Jung (1986), desde a idade média, a filosofia natural utilizava-se de círculos e símbolos para representar elementos do consciente e do inconsciente do ser humano. O autor observou empiricamente que a mandala era uma atividade de ordenação de pensamentos, sentimentos e sentidos para os indivíduos. Segundo ele, surge como forma de

⁴ Pergunta que dispara e orienta a narrativa e todas as atividades da pesquisa. Ela deve estar diretamente ligada ao objetivo principal do projeto de pesquisa.

imagens interiores espontâneas geradas a partir de uma desordem e caos interior, com uma tendência autocurativa da alma.

No CRB, cada um fez a sua mandala utilizando objetos com formas, texturas e cores variadas, segundo características que lhes representassem. No final da atividade há um momento de verbalização e socialização da produção. Essa atividade nos proporcionou o começo da “caminhada para si” fundamentada em Josso (2010a), que propõe o exercício de “olhar para si” e a conscientização do vivido e do aprendizado construído a partir dele.

3º Encontro – A Narrativa de Si

No terceiro encontro, narramos a partir da questão norteadora previamente acordada. Cada *participante/ator/autor* teve trinta minutos para narrar. O ato de narrar é extremamente importante porque possibilita o “afastamento” necessário para o “(re)conhecimento de si”. Segundo Delory-Momberger (2008, p. 91), “engajados na ação, os indivíduos não dispõem da distância necessária para extrair das experiências e dos episódios de vida com que estão envolvidos os saberes cognitivos ou comportamentais que põem em ação, empiricamente”. A partir do ato de narrar o indivíduo consegue se projetar e (re)construir sua própria história.

Delory-Momberger (2008, p. 56) chega a discutir qual o verdadeiro sentido da narração no processo de formação do indivíduo, defendendo que

a história de vida *acontece* na narrativa. O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. Portanto, a narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida.

Nessa primeira fase do CRB, só quem podia falar era o narrador. Os outros deveriam permanecer apenas escutando, mostrando, assim, que esse processo de biografização permite que os *participantes/atores/autores* possam assumir variados papéis ao longo do processo, possibilitando visões diferenciadas do mesmo processo e auxiliando na

reflexão dos fatos narrados. Os papéis que assumimos nesse momento foram os de “narrador” e de “ouvinte”, coincidindo com as elaborações de Josso (2010).

As narrativas foram devidamente registradas e entregues no mesmo dia para que eles pudessem levar para casa e começar o processo de “escrita de si”. Segundo Josso (2010, p. 204) “o tempo de passagem à escrita da narrativa vai ser a oportunidade para essa tomada de consciência, pelo narrador, mediante um conjunto de incertezas” que permeiam todos os fatos narrados. Ela enfatiza que esse processo de transformar a narrativa em história escrita acaba impondo ao indivíduo uma mudança, uma tomada de posição, “uma implicação consciente a respeito do que há para pensar na vida, de tal forma que haja uma história singular para contar, uma existencialidade a partilhar por meio de uma subjetividade mais conscientemente habitada e assumida” (Id. Ibid., p. 204).

4º Encontro – A Partilha

No quarto encontro, os jovens levaram suas narrativas já transcritas, e realizamos a etapa de colaboração narrativa, que corresponde ao que Delory-Momberger (2008) chama de “pressão narrativa”. Nós optamos por mudar a nomenclatura para colaboração narrativa, pois achamos que caracteriza de forma mais concisa e adequada os objetivos desse momento, em que há predominância de uma escuta atenta e solidária.

Nós nos dividimos em dois grupos e compartilhamos novamente nossas narrativas com os outros. Dessa vez, eles puderam intervir, questionar e colaborar com apontamentos importantes que nos levaram a refletir sobre nossa narrativa.

Nesse momento, percebemos a importância do outro no processo. Cada experiência e cada momento biográfico gera um sentido próprio e particular para cada indivíduo. A biografia educativa busca gerar esse processo de resgate das memórias e de seus significados, buscando analisar, refletir, organizar e resignificar, para, a partir daí, observar, descobrir ou gerar um aprendizado. Mas essa construção não pode ser realizada apenas verticalmente (do indivíduo com ele mesmo), mas precisa se dar, principalmente, no sentido horizontal (do indivíduo com os outros). O homem é um ser social e precisa da comunidade, até para se entender enquanto individualidade. É na esfera da comunidade que ele se

compreende e compreende os outros a partir das relações estabelecidas. (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Dessa forma, todos os indivíduos estão, de alguma maneira, interligados, como se a construção da figura de si de cada um dependesse diretamente do contato (diálogo, confronto, interpretação) com o outro. No caso aqui tratado, o contato com o outro é ainda mais relevante. Nós éramos jovens que viviam constantemente juntos, não apenas nos momentos de encontro no Arte em Cena, mas em outras atividades do Movimento Espírita e da vida cotidiana. Então, muitas das experiências que vivemos dentro e fora da MEPE foram compartilhadas com esse grupo de amigos. Nesse caso, o outro revela não só minha história, mas outra versão do fato vivido, que é sempre diferente do fato narrado.

Todas as considerações relevantes foram anotadas por cada um, e tivemos um tempo considerável para (re)elaborar nossa biografia educativa a partir da narrativa e das reflexões geradas até aquele momento.

5º Encontro – O caminho

No quinto encontro, cada um levou sua biografia educativa, releu apenas para si, e demonstrou, através de desenhos e símbolos, seu caminho, sua trajetória, em uma folha de papel, destacando os momentos importantes e os aprendizados que adquiriu no percurso. Depois compartilhamos uns com os outros, explicando cada detalhe, cada reflexão e cada percepção gerada durante o processo. Mais uma vez, fomos para casa com o objetivo de incluir o que havia sido construído ali, nas nossas biografias educativas.

6º Encontro – A árvore

No último encontro, novamente nos dividimos em dois grupos, para otimizar o tempo de trabalho, e relemos em voz alta nossas biografias educativas finalizadas. À medida que cada um ia lendo seu texto, outros iam destacando e classificando três elementos das narrativas: as experiências fundantes, as experiências formadoras e os sonhos.

Depois que todos leram suas biografias educativas e receberam os destaques dados pelos companheiros, passamos para a etapa da classificação pessoal. Cada qual tinha um painel com uma árvore desenhada e teria de classificar esses três elementos, observando se a classificação dada pelos companheiros era a que ele mesmo daria. Na árvore, nós colocamos as experiências fundantes na raiz, as experiências formadoras, no caule e os sonhos, na copa, conforme experiência anterior de Olinda (2009).

Essa etapa permitiu uma tomada de consciência, não só das nossas experiências e da visão do outro sobre elas, mas do que nós iremos fazer a partir do conhecimento desses aprendizados. Delory-Momberger (2008) defende a necessidade de o ser humano pensar sobre o projeto de si, que é justamente o planejamento que ele realiza ao longo de sua vida, em que se projetam os objetivos que querem conquistar e traçam metas para chegar até eles.

Com as biografias educativas finalizadas realizamos uma análise de conteúdo, que, segundo Moraes (1999, p. 4),

constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

O objetivo da análise de conteúdo é justamente identificar categorias e sentidos que não estão explícitos, de início, no texto. Esses sentidos identificados aqui, não se estendem às perspectivas simbólicas que Jung propõe em seus estudos, ou à profundidade das teorias psicológicas e terapêuticas. Buscamos, com essa análise, identificar, nas reflexões e nas histórias dos *participantes/atores/autores*, com a ajuda deles, os aprendizados que essa experiência trouxe para sua/nossa formação. Afinal de contas, a análise foi feita por mim, mas, antes de ser incluída neste projeto, mais especificamente no terceiro capítulo, ela foi avaliada pelos outros *participantes/atores/autores*, momento em que eles puderam dar suas contribuições e suas opiniões. Acreditamos que, dessa forma, esse trabalho foi construído e “escrito” não apenas por mim, mas por todos esses que se dispuseram a colaborar e mergulhar nesse processo de (re)conhecimento de si.

A análise foi feita seguindo as etapas propostas por Moraes (1999), a saber:

1) preparação do material gerado no CRB;

- 2) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades de significado;
- 3) categorização ou classificação das unidades em categorias;
- 4) descrição;
- 5) interpretação.

Como em um espetáculo de teatro, esta obra não chegou “ao palco” pronta. Foram necessárias diversas fases para que “a peça” estivesse enfim concretizada. Decidimos, então, dividir e apresentar esta dissertação em três “atos” que se complementam. O **primeiro ato**, intitulado O Universo da Arte Espírita, ficou dividido em dois capítulos: no capítulo 01 conceituamos Movimento Espírita, identificando ações, sujeitos e instituições que se ocupam do segmento juvenil, refletindo sobre o perfil dos jovens que participam do Movimento Espírita em Fortaleza, a partir de dados coletados pela Federação Espírita Brasileira. No capítulo 02 discutimos o conceito de Arte Espírita, problematizando sua contribuição na formação humana. O **segundo ato** – O Universo da Pesquisa – traz, no capítulo 03, os caminhos metodológicos, indicando uma tessitura intersubjetiva. O **terceiro ato** foi nomeado como O Universo do Arte em Cena e é constituído do capítulo 04 - Arte em Cena e suas Produções de Saberes: Narrativas de uma Experiência Formativa, composto das análises das biografias educativas que foram interpretadas em parceria com os participantes da pesquisa. Buscamos mapear e interpretar, a partir das narrativas de vida, os saberes produzidos nas vivências com a Arte Espírita e os elementos fundantes que contribuíram na constituição do projeto vital de cada um.

The image features a pair of vibrant red curtains, slightly parted in the center to reveal a bright white background. Each curtain is gathered at the bottom by a wide, gold-colored band, creating a classic stage-like appearance. The lighting is soft, highlighting the texture and folds of the fabric.

PRIMEIRO ATO
O UNIVERSO DA
ARTE ESPÍRITA

CAPÍTULO 01 - DOCTRINA, MOVIMENTO E JUVENTUDE ESPÍRITA

"Porque a proposta era um teatro que transformasse as pessoas e a si mesmo. Enquanto mexíamos com o belo, nos transformar nesta beleza. É a primeira lição do teatro espírita: um instrumento para a transformação do Espírito."

Allan Denizard

1.1 Espiritismo: doutrina e movimento

Este primeiro capítulo busca discutir a respeito do Movimento Espírita, a partir da contribuição dos seus militantes e participantes, identificando ações, sujeitos e instituições que se ocupam do segmento juvenil, com o propósito de entender o que é ser jovem espírita e como essa categoria social se encontra constituída no atual quadro do movimento juvenil na cidade de Fortaleza. Iniciemos por tratar do Espiritismo como doutrina, trazendo dados históricos sobre seu codificador.

O homem busca construir suas ideologias e aprendizados a partir das necessidades e interesses coletivos ou individuais. As teorias e a própria ciência se constituem no momento em que o homem se questiona e questiona o mundo a sua volta, tentando encontrar caminhos e respostas para as questões da vida. O surgimento da Doutrina Espírita não foi diferente.

Entre os séculos XVIII e XIX, o contexto histórico que envolvia a Europa era de mudanças econômicas, culturais, políticas e sociais. O continente passava por três grandes revoluções que iriam contribuir de forma decisiva para a construção ideológica e a organização social do continente e do mundo: o Iluminismo, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa.

De acordo com Koshiba e Pereira (2004), o Iluminismo foi um movimento que colocou a razão e o homem no centro do poder. Indo contra o dogmatismo religioso da Igreja Católica e às imposições do Estado, promoveu a ascensão e o intercâmbio intelectual do homem com o próprio homem. Era avesso ao absolutismo político e ao imobilismo social, trazendo a responsabilidade do desenvolvimento social e intelectual para o próprio indivíduo. Iniciou o pensamento de que “todos os homens são iguais”, contribuindo, mais tarde, para a

formulação dos ideais da Revolução Francesa.

A Revolução Francesa foi o resultado de um conjunto de acontecimentos, que alteraram o quadro político e social da França no século XVIII. Considerada uma das maiores revoluções mundiais, tinha como pilares os princípios de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Liberté, Égalité e Fraternité*). Tinha como ideal o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza e do clero, garantindo autonomia e direitos sociais para o povo. Porém, a burguesia conduziu esse processo de forma que assegurasse o domínio social e político em seu poder, contribuindo, um pouco mais tarde, para o surgimento do império napoleônico (AMARAL, 1995).

Já a Revolução Industrial foi um conjunto de mudanças de ordem econômica, instauradas a partir da mecanização dos sistemas de produção, que teve início também no século XVIII. A burguesia, visando maiores lucros, menores custos e fabricação acelerada, muda o sistema de produção manufaturado para o sistema de produção de massa, acelerando o consumo e atendendo à grande demanda do crescimento populacional da época. O princípio que passou a nortear as atividades dos indivíduos foi o acúmulo de capital, dando início ao sistema vigente até os dias de hoje – o capitalismo. Com a nova ordem houve um maior afastamento de uma visão teocêntrica, diminuindo as influências da Igreja nos assuntos econômicos, políticos e estatais (KOSHIBA e PEREIRA, 2004).

Esses acontecimentos colaboraram para a descentralização do poder, possibilitando que novas formas de pensar surgissem, inclusive no campo religioso. Foi no cenário histórico que se formou a partir dessas mudanças, que viveu o educador Hippolyte Léon Denizard Rivail, que mais tarde, em suas publicações espíritas, adotou o nome de Allan Kardec⁵.

Rivail nasceu no dia 03 de Outubro de 1804, na cidade de Lyon, na França, e, desde cedo, já se mostrou apto a profundas reflexões e contribuições no campo da educação. Segundo Incontri (2004, p. 20), o que podemos captar de sua personalidade a partir das análises dos vários textos e livros escritos por e sobre ele, é que Rivail “era um espírito sóbrio, austero, firme, determinado, com grande capacidade de trabalho, pouco dado a arroubos

⁵ Rivail utilizou o codinome Allan Kardec nas obras espíritas que organizou e escreveu, pois não queria que essas obras ficassem conhecidas e famosas pela associação ao seu nome verdadeiro, muito conhecido no cenário pedagógico francês, mas pelo conteúdo inovador e a relevância das contribuições que elas traziam.

místicos e sentimentais. Um homem centrado, equilibrado, seguro, ao mesmo tempo benevolente, acolhedor, cordial”.

Estudou desde cedo no Instituto de Yverdon, na Suíça, fundado e coordenado pelo educador Pestalozzi. Apesar de possuírem personalidades bem distintas, sendo o mestre mais emotivo e intuitivo, essa experiência contribuiu de forma bastante significativa para a formação de Rivail. De acordo com Incontri (p.25-26), o principal objetivos do Instituto de Yverdon era proporcionar aos alunos a vivência com

a liberdade de pensamento; a liberdade religiosa e a convivência entre diferentes credos; a religiosidade sem dogmas, predominantemente moral; a capacidade de observação empírica dos fenômenos naturais e da sociedade humana; o desenvolvimento da linguagem, como expressão precisa e conectada com a realidade; o desabrochar integral das potencialidades humanas, resumido em mãos (ação concreta, desenvolvimento do corpo e dos sentidos), cabeça (intelecto, reflexão, conhecimento empírico e teórico) e coração (sentimento, moralidade, religiosidade); a educação através do diálogo e da ação, da vivência interior e da experiência prática; a educação pelo amor.

Esses aprendizados foram a base de sua formação, contribuindo para uma grande sensibilidade à formação de um ser integral e para uma abertura ao diálogo inter-religioso. Seguindo essa linha de raciocínio, dentre os vários filósofos e estudiosos que influenciaram o pensamento de Rivail, os que mais contribuíram de forma concisa para a sua formação foram: Comenius, Rousseau e Pestalozzi.

Comenius foi um bispo escritor checo que viveu no século XVII. Era discípulo de Huss e levou adiante suas ideias pedagógicas, ampliando-as “para o campo da educação universal e tornando-se o grande pai da pedagogia moderna” (INCONTRI, 2004, p. 36). Defendia, ainda, que a transformação da humanidade se daria apenas através do ensino do todo e para todos e do conhecimento integral, ou seja, o aprendizado que não desprezasse o valor científico, os questionamentos filosóficos ou os princípios religiosos, na construção de um conhecimento humano. Seus preceitos destinavam-se a “colocar o conhecimento a serviço do desenvolvimento integral do ser humano, de forma igualitária, democrática”. (INCONTRI, 2004, p. 37)

Rivail, seguindo os passos de Comenius, empenhou-se em lutar pela democracia de uma educação pública de qualidade para todos, quando

defendeu a ideia de uma educação integral, com o desenvolvimento simultâneo dos aspectos morais, intelectuais e físicos. Posicionou-se a favor da criança, da valorização da infância, da formação de professores. Sendo assim, a voz de Rivail parece estar mais de acordo com as vozes pedagógicas que ganhavam eco na França, ligadas ao ideário iluminista da Revolução Francesa, do que ao momento em que escreve, em que ainda imperava a velha mentalidade da fase da Restauração” (INCONTRI; PRZEMYSŁAW, 2005, p. 12).

Outro grande pensador que influenciou de forma decisiva no modo de pensar de Rivail foi Rousseau. Através de seus estudos, ele buscava trazer a ideia do divino e sua obra para perto da humanidade como algo natural, presente em tudo o que há a nossa volta (natureza), que leva o homem a se transformar através da educação para se aperfeiçoar cada vez mais, podendo, assim, descobrir o verdadeiro sentido do bem inerente a todo ser humano (ROUSSEAU, 1995).

De acordo com Incontri (2004), Rousseau defendia uma educação pautada na liberdade e na igualdade política e educacional do homem. Ele acreditava que era necessária uma proteção do homem contra as más influências de uma sociedade corrompida. As contribuições que Rousseau deu ao pensamento de Rivail foram, além das já citadas, a “abolição de dogmas milenares das igrejas, como o pecado original, a visão de Jesus como Deus, a condenação dos maus; e o entendimento da religião como algo natural, sem necessidade de instituições e sacerdócio organizado” (INCONTRI, 2004, p. 43).

Finalmente, chegamos ao precursor direto de Rivail, seu professor e mestre, Johann Heinrich Pestalozzi. Este trouxe para a prática da educação uma ferramenta poderosa: o amor. Era um homem sensível e intuitivo e tentava sempre aliar a teoria com a prática. Pestalozzi era irreverente e revolucionário para o seu tempo, fundou “escolas e trabalhou com alunos ricos e pobres, experimentando métodos inovadores” (INCONTRI, 2004, p. 44). Ele procurava desenvolver nos seus alunos o raciocínio lógico, o pensamento reflexivo e a criticidade. Entendia “Jesus como mestre e a proposta cristã como projeto de educação para a humanidade” (Id. Ibid., p. 44).

Influenciado por esses teóricos-educadores, Rivail dedica-se à Pedagogia, às ciências e ao estudo das letras. Ao sair do Instituto de Yverdon, voltou à França com o intuito de instalar uma escola que fosse pautada no método pestalozziano. Iniciou a carreira docente e, paralela a esta, participou de diversas comunidades científicas, dentre elas, a Academia

Real d'Arras. Sobre a atuação de Rivail no campo da educação, Brito (2010, p. 14) assevera que

foi sobretudo como educador, isto é, como professor, que Allan Kardec passou a maior parte de sua vida. A clareza e o método foram sempre as qualidades predominantes de seu ensino. As ciências matemáticas e físicas, as ciências naturais, a astronomia, a fisiologia, a anatomia, não só eram as matérias professadas, como faziam também a preocupação contínua de seus trabalhos escritos. Foi assim que formou a sua obra científica de 1829 a 1849, tendo quase toda ela o aspecto didático.

Produziu diversas obras e contribuiu de forma bastante presente no campo da educação na França. Dentre suas publicações a respeito, principalmente, do método pedagógico e da didática, podemos citar como os mais relevantes, o

Plano proposto para melhoramento da Instrução pública (1828); Curso prático e teórico de Aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1824); Gramática francesa clássica (1831); Manual dos exames para os títulos de capacidade; Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria (1846); Catecismo gramatical da língua francesa (1848); Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia, que ele professava no Liceu Polimático; Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona, seguidos de Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.⁶ (KARDEC, 1973, p. 15)

Como educador, Rivail ansiava por compreender o homem e por colaborar, incessantemente, pelo aperfeiçoamento da humanidade. Buscava criar uma ciência pedagógica em que existisse uma integração entre o espírito científico, a articulação filosófica e a reverência religiosa. Tal desejo se concretiza naquele que viria a ser o seu trabalho mais importante (segundo ele mesmo expressou): a sistematização e a codificação da Doutrina trazida pelos espíritos superiores através da mediunidade de diversos sujeitos espalhados em países dos diferentes continentes (KARDEC, 1973).

A Doutrina Espírita é estruturada a partir de um tríplice aspecto. Ela se utiliza da metodologia e da razão científica, juntamente com a reflexão filosófica, aliadas à evolução moral do espírito proposta pela religião. Tudo isso com o intuito de contribuir para o

⁶ Trecho retirado da "Biografia de Allan Kardec", existente na introdução do livro "Obras Póstumas" (KARDEC, 1973, p. 15). Esse trecho foi retirado da *Revista Espírita* (de maio de 1869).

progresso moral e intelectual do homem (KARDEC, 1996).

De acordo com Kardec (2008, p. 7),

para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os spiritistas.

A Doutrina Espírita traz uma proposta de compreensão das relações entre o mundo dos espíritos e o mundo material. Não que essas relações não existissem antes, mas é só a partir do seu surgimento que elas passaram a ser estudadas, analisadas e vivenciadas de acordo com a conduta moral cristã.

O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas na Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão, em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas (KARDEC, 2009, p. 27).

Em sua essência, procura criar no indivíduo a necessidade de se melhorar e se transformar em um “homem de bem”. Usando como base a moral cristã, Kardec⁷ (2009, p. 168) define o “homem de bem” como aquele que

pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a consciência sobre seus próprios atos, pergunta a si mesmo se não violou essa lei; se não fez o mal e se fez todo bem que podia; se negligenciou voluntariamente uma

⁷ A partir daqui usarei apenas o nome Allan Kardec para me referir a Rivail.

ocasião de ser útil; se ninguém tem o reclamar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que queria que se fizesse para com ele.

O caráter pedagógico da Doutrina Espírita encontra-se na sua própria essência. Através de seus princípios e fundamentos, ela proporciona aos indivíduos arcabouços imprescindíveis que os auxiliaram na busca pelo conhecimento de si e no desenvolvimento das suas múltiplas dimensões visando o progresso integral do indivíduo. Esse quadro caracteriza a postura pedagógica da Doutrina Espírita. Incontri (2006, p. 193) observa que

a essência do Espiritismo é a Educação. Ao contrário de outras correntes religiosas, que têm um caráter salvacionista, a Doutrina Espírita, com seu triplice aspecto - científico, filosófico e religioso - pretende promover a evolução do homem e esta evolução é um processo pedagógico. A Educação do Espírito é o cerne da proposta espírita. Se o Espiritismo é uma síntese cultural, abrangendo todas as áreas do conhecimento, seu ponto de unificação é justamente a Pedagogia. Não foi à toa que Kardec tenha sido educador e tenha recebido influência de Pestalozzi, um dos maiores educadores de todos os tempos. Melhor compreende o Espiritismo quem o compreende pedagogicamente.

Apesar de muitos pensarem que Kardec inventou o Espiritismo, ele mesmo afirma que esta Doutrina surgiu de uma construção coletiva trazida por espíritos superiores⁸ a serviço do Cristo. Não tendo chegado acabada às mãos de Kardec, este tomou para si a responsabilidade de observar, experimentar e sistematizar em teoria tudo o que era revelado pelos espíritos nas sociedades espíritas e nos grupos familiares de diversos países (KARDEC, 1866), através da mediunidade de psicofonia, psicografia e escrita direta⁹.

Esse processo se iniciou a partir do contato que Kardec teve com um fenômeno, comum na época, chamado de “mesas girantes”. Começavam a se espalhar pelo mundo inteiro, fenômenos paranormais de mesas que giravam, dançavam e até respondiam às

⁸ Kardec (2008, p. 59) organizou, em *O Livro dos Espíritos*, uma escala de ordem e grau de perfeição dos espíritos. Na pergunta 97, ele esclarece que, referente à quantidade de escalas, "o número é ilimitado, pois não existe uma linha de demarcação traçada como uma barreira, e assim se podem multiplicar, ou restringir, as divisões à vontade. Todavia, se considerarmos os caracteres gerais, elas podem reduzir-se a três principais. Podem-se colocar em primeiro lugar aqueles que tenham alcançado a metade da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Os da segunda ordem alcançaram a metade da escala: os espíritos imperfeitos, caracterizados pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões que lhes retardam o progresso".

⁹ De acordo com *O Livro dos Médiuns* (2003, p. 578), a psicofonia é a "comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante". A psicografia é a "escrita dos Espíritos pela mão de um médium". E a escrita direta é a escrita que, de forma espontânea, é "produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium." (Id., *ibid*, p. 221).

perguntas dos presentes a partir de um código desenvolvido que fazia corresponder o número de batidas às letras do alfabeto. Eram feitas reuniões festivas e jogos para ver e interagir com as mesas. A respeito disso, Kardec (1989, p. 5) narra que

[...] até então, o fenômeno podia explicar-se perfeitamente por uma corrente elétrica ou magnética, ou pela ação de um fluido desconhecido, e esta foi aliás a primeira opinião formada. Mas não se demorou a reconhecer, nesses fenômenos, efeitos inteligentes; assim, o movimento obedecia à vontade; a mesa ia para a direita ou para a esquerda, em direção a uma pessoa designada, ficava sobre um ou dois pés sob comando; batia no chão o número de vezes pedido, batia regularmente, etc. Ficou então evidente que a causa não era puramente física e, a partir do axioma: Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, concluiu-se que a causa desse fenômeno devia ser uma inteligência.

Mas o caminho traçado por ele até chegar à codificação da Doutrina Espírita foi muito mais complexo do que simplesmente acreditar que por trás desses fenômenos existia uma força motriz inteligente. No seu relato *Instrution pratique sur les manifestations spirites* (1860), contido no livro de Lantier (1971, p. 55), Rivail, narrando um dos seus primeiros encontros com os fenômenos das mesas, afirma:

as minhas ideias estavam longe de serem ideias feitas, mas havia aí um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob essas futilidades aparentes e sob a espécie de jogo que se fazia desses fenômenos, algo de sério e como que a revelação de uma nova lei que me propus a aprofundar.

A partir desse primeiro contato, Rivail começa a frequentar as reuniões de forma assídua, com o objetivo de observar e descobrir o que mais se poderia apreender a partir desses fatos. Sobre os seus estudos ele narra:

foi lá que fiz os meus primeiros estudos sérios de espiritismo, menos ainda por revelações do que por observações. Apliquei a esta nova ciência, como tinha feito até então, o método da experimentação; nunca elaborei teorias preconcebidas: eu observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos eu procurava ir às causas por dedução, por encadeamento lógico dos fatos, só admitindo como válida uma explicação quando ela pudesse resolver todas as dificuldades da questão.[...] cada espírito, devido à sua posição pessoal e aos seus conhecimentos, me revelava uma fase disso, tal como se consegue conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, podendo cada um deles ensinar-nos alguma coisa, e não podendo nenhum, individualmente, ensinar-nos tudo; cabe ao observador formar o conjunto servindo-se de documentos recolhidos em diferentes lados, cotejados, coordenados e controlados uns pelos outros. Agi pois com os espírito, tal como teria feito com

homens; eles foram para mim, desde o mais pequeno ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados (KARDEC, 1860, citado por LANTIER, 1971, p. 56 e 57).

Seguindo esse método, Rivail organizou e codificou cinco livros que se tornaram as fontes de estruturação da Doutrina Espírita – as cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (cuja primeira impressão foi publicada em 1857); *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864); *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Kardec escreveu e organizou, dentre outras, algumas obras consideradas complementares às obras básicas. São elas: *O que é o Espiritismo* (1859); *Instruções Práticas das Manifestações Espíritas* (1858); *Obras Póstumas* (1890); *O Espiritismo na sua expressão mais simples* (1862); *Viagem Espírita* (1862) e a *Revista Espírita* (escrita e publicada de 1858 a 1868).

A partir da década de 60 do século XIX a Doutrina Espírita começa a se difundir pelo mundo afora e agregar vários adeptos. Em cada novo lugar a que chegava, ela era absorvida e absorvia as características culturais da nova sociedade. E não foi diferente no Brasil.

Na segunda metade do século XIX, a burguesia brasileira estava fascinada pelo modelo de vida europeu, principalmente o francês. Com o início do declínio do monopólio absoluto da Igreja Católica, enquanto instituição que detinha forte influência social e estatal, as camadas dominantes luso-brasileiras buscavam assimilar costumes, ideologias, pensamentos políticos, econômicos, sociais e artísticos emergidos a partir do quadro europeu “pós-Revolução Francesa”. A Doutrina Espírita veio para o Brasil nessas circunstâncias e despertou o interesse de muitos intelectuais e estudiosos da época. (VILHENA, 2008)

Quando o Espiritismo chega ao Brasil, além de encontrar a curiosidade de uns, depara-se com a resistência e o repúdio de outros. O Catolicismo era a religião oficial do Estado brasileiro, e todas as outras manifestações religiosas eram proibidas por lei. A revelia da legislação vigente, outras religiões foram surgindo e crescendo em meio à sociedade. A Doutrina Espírita, apesar de não se caracterizar apenas como uma religião foi vista e renegada como tal pelas instituições estatais e católicas.

Dentre os fatores que contribuíram para que a Doutrina Espírita fosse acolhida no país, vale destacar as contribuições das práticas religiosas africanas e indígenas. De acordo com Pires (1980 p.41),

[...] os espíritas têm uma dívida moral espiritual para com as religiões negras e mestiças. Quando Luiz Olímpio Telles de Menezes lançou na Bahia o primeiro jornal espírita, 'O Eco de Além-Túmulo, no século passado, a Revista Espírita de Kardec registrou o fato com espanto, por considerar o Império Brasileiro, estreitamente ligado à Igreja Católica, como um dos países mais refratários ao Espiritismo, como realmente o era. Mas nesse mesmo instante as práticas de Macumba no Brasil rompiam as barreiras católicas e abriam a brecha necessária para penetração do Espiritismo em nossa terra. Não podemos esquecer essa contribuição importante de negros e índios para o arejamento do nosso asfíxiante clima religioso.

No Brasil, o Espiritismo perpassa por esse processo de mestiçagem. Isso se evidencia pelo fato de muitos espíritas, ainda hoje, possuírem, enraizados em suas crenças e atitudes, resquícios do misticismo e do dogmatismo religiosos existentes na herança cultural da nossa sociedade. Este fenômeno foi estudado por Fábio Luiz da Silva (2002), resultando no difundido artigo intitulado “Espiritismo à Brasileira”.

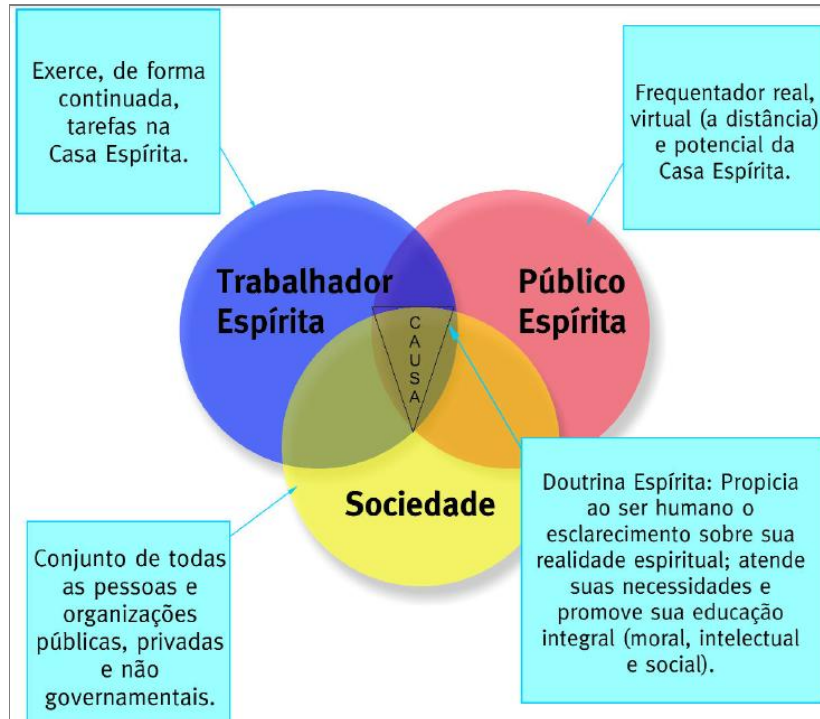
A partir da tradução das obras básicas para a Língua Portuguesa, expandiu-se a possibilidade do acesso à Doutrina Espírita por pessoas de todas as classes, aumentando a quantidade de adeptos. Porém, resultou na formação de várias correntes interpretativas da Doutrina, obrigando os espíritas a idealizarem e criarem um órgão federativo responsável por unificar as manifestações, as interpretações e a propagação do Espiritismo no país. Em 1884, a Federação Espírita Brasileira (FEB) foi fundada no Rio de Janeiro, com o intuito de unificar o Movimento Espírita que estava surgindo (VILHENA, 2008).

Para a Federação Espírita Brasileira (FEB), o Movimento Espírita seria justamente

o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade. As atividades que compõem o Movimento Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por Instituições Espíritas¹⁰.

¹⁰ Estudo sistematizado da Doutrina Espírita: programa complementar, tomo único. Responsável pela organização: Cecília Rocha. 1ª ed. 4ª impressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012.

Gráfico 1 - Personagens do movimento espírita



Fonte: Plano de trabalho para o movimento espírita brasileiro (2013-2017).
 Encontrado em: <http://www.fergs.org.br/portal2/wp-content/uploads/2013/01/Plano-de-Trabalho.pdf>

Mas em que dimensões ele poderia ser considerado um movimento social? Para responder tal questão, passo a discutir sobre o Espiritismo como movimento.

A definição de movimento social adotada por estudiosos da educação e da sociologia apontam para uma nova forma de classificar e categorizar os movimentos sociais contemporâneos. Gloria Gohn (2003, p. 13) define movimento social “como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas”. Ela traz uma discussão relevante a respeito da importância desses movimentos para a sociedade, defendendo que eles sempre existiram e sempre existirão, justamente

porque eles representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais (GOHN, 2003, p. 13 e 14).

Essa organização social surge a partir das demandas da própria sociedade. Santos (1999) discute que a modernidade gera uma série de transformações sociais e que suas consequências estão presentes até os dias atuais. O autor defende que é “seguro dizer que a difusão social da produção contribuiu para desocultar novas formas de opressão e que o isolamento político do movimento operário facilitou a emergência de novos sujeitos sociais e de novas práticas de mobilização social” (p. 221).

Seguindo os novos paradigmas sociais, essas diferentes formas de opressão, que fogem ao padrão estabelecido pelas relações de produção, vêm se manifestando no cotidiano moderno. Elas “não atingem especificadamente uma classe social e sim grupos sociais transclassistas ou mesmo a sociedade no seu todo” (SANTOS, 1999, p. 222). Em alguns casos essa opressão chega a ser camuflada, manipulando os indivíduos a regerem suas vidas segundo a lógica do mercado e da cultura de massa, em detrimento do desenvolvimento e da formação do individual e do coletivo. Os novos movimentos sociais – que surgem das novas relações como redes sociais, organizações não governamentais, associações e instituições – surgem com o intuito de lutar pelas necessidades cotidianas de emancipação desses grupos sociais oprimidos.

Podemos identificar o surgimento desses novos movimentos sociais observando as pequenas manifestações do cotidiano social. Na última década, parecia que os indivíduos tinham perdido a vontade de buscar seus direitos e ideais, organizando-se e indo às ruas empunhando suas bandeiras e bradando suas crenças. Mas, se pararmos para refletir, veremos que o que mudou não foi a vontade de lutar, e sim a forma com que isso está sendo feito. No momento em que revisamos o presente texto assistimos às grandes manifestações que foram às ruas exigir uma vida digna e uma nova forma de fazer política – ética e preocupada com saúde e educação.

A respeito das mudanças nas configurações dos movimentos sociais, Melluci (1989, p. 61) defende que uma das características dos novos movimentos é a organização em rede.

[...] rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana que requerem um envolvimento pessoal na experimentação e na prática da inovação cultural. Eles surgem apenas para fins específicos, como, por exemplo, as grandes mobilizações pela paz, pelo aborto, contra a política nuclear, etc. A rede submersa, embora composta de pequenos grupos separados, é um sistema de troca (pessoas e informações circulando ao longo da rede, algumas agências, como rádios livres

locais, livrarias, revistas que fornecem uma determinada unidade).

O Movimento Espírita surge a partir do estudo e da prática dos princípios espíritas, realizada nos Centros Espíritas, núcleos básicos do movimento, e nas organizações federativas estaduais. A essência da Doutrina conduz o indivíduo a uma formação autônoma e emancipatória, buscando e desenvolvendo aquilo que há de melhor dentro de cada um. A respeito disso, Kardec (1973, p. 384) afirma que

o princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas ideias inculcadas desde a infância e que se identificam com o Espírito; está ainda nas ideias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortalecer, nunca destruir. É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade. O homem que se esforça seriamente por se melhorar assegura para si a felicidade, já nesta vida.

Buscando essa educação de si, para contribuir para a formação de um mundo melhor, o espírita acredita fazer parte de um movimento que atua de forma direta na transformação social da sociedade em que ele vive. Melucci (1989, p. 57) define “analiticamente um movimento social como uma forma de ação coletiva (a) baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação”. Sendo assim, o Movimento Espírita se encaixaria, de certa forma, nos quesitos propostos por ele, já que (a) é uma ação que propõe que o indivíduo se desenvolva em sociedade, onde necessariamente ele precisa do outro para evoluir; (b) a caridade, o amor, o respeito e a solidariedade, são princípios norteadores da ideologia espírita; (c) e um dos objetivos das instituições espíritas é auxiliar o indivíduo na busca por soluções para seus problemas, formando homens de bem segundo a moral cristã e desenvolvendo suas mais diversas dimensões: espiritual (ele enquanto espírito), intelectual (seu aspecto racional) e social (ele enquanto cidadão).

O objetivo central das reflexões aqui realizadas não foi conceituar Movimento Espírita como um movimento social validado por este ou aquele segmento acadêmico, mas trazer para a discussão, no âmbito educacional, a existência de um grupo de pessoas que se define como movimento social e que se diz parte integrante e construtora dele.

Baseada nesses princípios, achamos prudente apoiar a concepção de Movimento

Espírita em depoimentos de pessoas que se assumem como militantes desse movimento, para tentar compreender o que ele é e como se manifesta na sociedade atual. Para isso, realizamos alguns questionários (Apêndice 2) com três grupos de pessoas: dirigentes de centros espíritas de Fortaleza; artistas espíritas de várias regiões do Brasil e o grupo de pesquisadores/atores/autores desta pesquisa. Os grupos de pessoas foram escolhidos seguindo os critérios de atuação no movimento e relevância para o assunto da pesquisa.

Nesse aspecto, acreditamos que as falas dos sujeitos que participam do Movimento Espírita revelam muito sobre sua formação e sua estruturação, pois, assim como Lefèvre, Lefèvre e Teixeira (2000, p. 13), defendemos que

um modo legítimo – não, por certo, o único – de conhecer as Representações Sociais consiste em entendê-las como a expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema. Este pensar, por sua vez, pode se manifestar, dentre outros modos, através do conjunto de discursos verbais emitidos por pessoas dessa população.

É importante levar em consideração os discursos dessas pessoas, porque, mais do que quaisquer outros indivíduos, são elas que conhecem e fazem o Movimento Espírita existir. Para eles a existência do Movimento Espírita como movimento social é inegável, e isso precisa ser observado e analisado enquanto dado social importante na compreensão da dinâmica organizativa da sociedade. Afinal, é através dos discursos que possibilitamos uma melhor identificação da “representação social, na medida em que ela aparece, não sob uma forma (artificial) de quadros, tabelas ou categorias, mas sob uma forma (mais vida e direta) de um discurso que é, como se assinalou, o modo como os indivíduos reais, concretos, pensam” (LEFÈVRE;LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000, p. 19 e 20).

Cada grupo de indivíduos trouxe em seus discursos categorias e características diferentes sobre o Movimento Espírita. Essas características, de certa forma, se complementam e apontam para uma definição mais global do que seria esse movimento. As principais categorias que surgiram a partir do discurso dos dirigentes de Centros Espíritas de Fortaleza foram: o movimento visto como um conjunto de instituições espíritas, federativas ou não, e o movimento enquanto um conjunto de pessoas comprometidas com o estudo e a

divulgação da Doutrina Espírita. Segundo a fala de um dos dirigentes¹¹:

O Movimento Espírita é constituído pela participação de trabalhadores das instituições espíritas diariamente em suas reuniões de atendimento aos que chegam sofredos e também entre as casas espíritas, interagindo em encontros estaduais, regionais e nacionais. O movimento está assim constituído: Conselho Espírita Internacional (CEI), Federação Espírita Brasileira (FEB), Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), Uniões Distritais Espíritas (UDE, em Fortaleza), Alianças Regionais Espíritas (ARE, no interior do estado) e centros espíritas (DIRIGENTE 1).

Por serem pessoas mais ligadas aos compromissos burocráticos e federativos do movimento, esse ponto de vista dos dirigentes é focado muito nas instituições que formam uma espécie de hierarquia organizacional do Movimento Espírita. Essa organização é importante para a constituição e unificação do movimento, já que, de acordo com Kardec (1973), um dos maiores obstáculos capazes de desvirtuar os objetivos da Doutrina Espírita de transformação e educação da humanidade seria a falta de unidade entre seus adeptos.

Avaliamos que, mesmo entre os espíritas, existe pouco conhecimento sobre estatutos, regimentos e formas de articulação das instituições que dirigem o Movimento Espírita. Falta ainda uma consciência de participar de um amplo movimento social, sujeito às leis civis do país, que atua não apenas no campo doutrinário, mas também na educação, pesquisa, comunicação, saúde, lazer e promoção e assistência social.

Sendo o movimento composto por pessoas imperfeitas, enfrenta cotidianamente tensões, discórdias, disputas e rupturas. Tal fato contribui para que interpretações diferentes surjam a partir do contato com os princípios espíritas. A necessidade de uma unificação de pensamentos, atitudes, crenças e valores, faz-se necessária. O esforço de unificação do Movimento Espírita é permanente e vem sendo realizado há décadas. De acordo com Oliveira (2003), após a realização de dois congressos, um estadual, em São Paulo (1947), e outro a nível nacional (1948), a consolidação do movimento unificador deu-se a partir de três eventos: o “Pacto Áureo”, de 5 de outubro de 1949 – acordo firmado por representantes da

¹¹ Neste trabalho, para destacar e valorizar a fala dos sujeitos que contribuíram na pesquisa, utilizamos o itálico após uma pausa no texto.

FEB, da União das Sociedades Espíritas do estado de São Paulo (USE-SP), da Comissão Executiva do 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, da Federação Espírita Catarinense, da Federação Espírita do Paraná e da União Espírita Mineira; a realização da “Caravana da Fraternidade” – que percorreu o país incentivando a união dos espíritas; e a instalação do Conselho Federativo Nacional.

As unidades federativas realizam, até hoje, esforços a fim de unificar as atividades e os estudos que fundamentam os milhares de centros espíritas que surgiram e surgem no Brasil. Segundo Oliveira (Op Cit, p. 82 e 83),

perante as leis do país, todo centro espírita é uma sociedade civil, legalmente constituída, congregando adeptos do Espiritismo, para o estudo, prática e difusão da Doutrina Espírita e a prestação de assistência espiritual. [...] Como sociedade civil, atende aos registros oficiais necessários ante os poderes públicos, obedece a estatuto próprio, realiza assembleias de sócios, delas lavrando atas, elege seus diretores, paga determinados impostos, ficando isento de outros pelo seu caráter de instituição religiosa ou beneficente, e presta contas obrigatoriamente de todos os seus atos.

O centro espírita seria, então, uma instituição que serve como “ponto de encontro de adeptos para o estudo, a prática e a difusão da Doutrina Espírita, visando, especificadamente, ao progresso intelectual e moral da humanidade, bem como à prestação de assistência espiritual aos necessitados” (OLIVEIRA, 2003, p. 81).

Os centros espíritas, nos dias de hoje, estão realizando projetos que se expandem muito além dessa conceituação. Iniciativas como o Lar Antonio de Pádua e outras instituições espíritas começaram a perceber que a transformação e a educação do homem ou do espírito não se dão apenas no estudo, na prática e na difusão da Doutrina, mas também, principalmente, através das intervenções sociais. Essas intervenções realizam tudo o que a Doutrina Espírita propõe, mas de uma forma mais efetiva e eficiente. Projetos de formação continuada, cursos de profissionalização, oficinas de capacitação, grupos de estudos e debates sobre temas polêmicos do cotidiano de cada comunidade estão sendo desenvolvidos e encabeçados por essas instituições espíritas.

De acordo com Gohn (2003, p. 14), “os movimento sociais progressistas atuam segundo uma agenda emancipatória, realizam diagnósticos sobre a realidade e constroem propostas. Atuando em redes, articulam ações coletivas que agem como resistência à exclusão

e lutam pela inclusão social”. Nessa perspectiva, esses projetos sociais desenvolvidos pelos centros espíritas, seriam uma forma de retorno e contribuição do Movimento Espírita para a sociedade.

Essas iniciativas foram bastante enfatizadas nos discursos de alguns artistas espíritas. O lado mais prático, das ações, projetos e atividades apareceu de forma intensa e indispensável para a caracterização do Movimento Espírita. De acordo com as falas dos artistas espíritas:

Movimento é ação. Assim, Movimento Espírita é o conjunto de ações que o Espiritismo promove na sociedade. Pode-se dizer que o Movimento Espírita é um movimento social, ou seja, o conjunto de eventos e agrupamentos que um conjunto de ideias específicas provoca na sociedade. A FEB, as federativas em cada estado, os conselhos regionais e municipais, e outros agrupamentos de espíritas, essencialmente os centros espíritas, podem ser vistos como órgãos que fazem o Espiritismo se movimentar e se tornar vivo na sociedade, ou seja, que produzem eventos e constroem o Movimento Espírita. Se não houvesse essas instituições o Espiritismo não passaria de um conjunto de ideias mortas e escritas em livros guardados, esperando para entrar em movimento. Cabe lembrar que o Movimento Espírita difere conceitualmente de Doutrina Espírita, visto que esta é causa, e aquele é efeito. Desse raciocínio podemos concluir que, por ser mais dinâmico, o Movimento Espírita possa, momentaneamente, destoar da Doutrina Espírita em alguns aspectos, porém nunca durante muito tempo, o que resultaria numa dissidência. Essa discordância se origina do pensamento crítico das pessoas que estudam, releem e reinterpretam continuamente as bases da Doutrina Espírita (ARTISTA 1).

Há ainda outros que pensam de forma mais generalista e enfocada nos objetivos da Doutrina, e não tanto na sua difusão:

O Movimento Espírita é o primeiro passo, um grupo de pessoas que cresce cada vez mais trabalhando pelo bem, pelo ideal de um mundo melhor, cada um na sua área, fazendo o que pode para progredir e, assim, empurrar o mundo junto também. O ser humano precisa de mensagens de paz, precisa retomar a estrada que leva ao bem, e precisa fazer isso em

conjunto. Isto é o Movimento Espírita: um conjunto de pessoas voltadas ao bem! (ARTISTA 2).

Uma terceira e última característica identificada na fala dos artistas espíritas foi a organização de eventos que possibilitam a unificação das várias ramificações do Movimento Espírita (evangelizadores, artistas, jovens, dirigentes, palestrantes, trabalhadores voluntários, e vários outros assuntos que podem ser comuns a grupos de pessoas adeptas ao Espiritismo):

Movimento Espírita é a união de trabalhadores voluntários para a execução coordenada de atividades diversas relacionadas à concretização e divulgação dos valores espíritas (tais como fraternidade, caridade, humildade). Essa união ocorre tanto em momentos específicos, em torno de atividades periódicas (encontros, fóruns, congressos, etc), como em atividades corriqueiras que tenham por objetivo atingir metas coletivas (palestras esclarecedoras e consoladoras, evangelização infanto-juvenil baseada na Doutrina Espírita, divulgação da mensagem de Jesus etc). Dessa forma, fica patente que o Movimento Espírita é composto por todos e cada trabalhador voluntário de cada uma das casas espíritas integradas a essa rede de atividades, frequentemente centralizada em uma federativa, independentemente de este trabalhador ter ou não consciência desse processo, tal qual ocorre comumente com a maioria dos cidadãos, que raramente entendem o seu papel na sociedade (ARTISTA 3).

Se a fala dos artistas traz uma ampliação de horizontes para o conceito de Movimento Espírita, o grupo pesquisador/ator/autor, expande essa concepção muito além dos limites preestabelecidos pelas instituições. Eles transportam o movimento para o mundo interior. Seria mais uma forma de ver e agir na vida, do que algo instituído e fechado em si:

Foi onde eu me criei e fortaleci meu espírito. Onde descobri minha família espiritual, à qual até hoje me vinculo. Foi onde eu me engajei verdadeiramente em uma proposta de melhorar o mundo, aprendendo valores que hoje são meu sustento, minha base: resignação, paciência e caridade. É um movimento que inspira meu movimento de sempre querer ser melhor e tentar melhorar as pessoas ao meu redor. Por fim, é um grande movimento mundial que transcende, e muito, o círculo espírita que nos faz ver quanto há transcendência na vida e quanto

devemos nos esforçar para instaurar o reino de amor na Terra, por mais que amar seja, por vezes, tão fácil (Allan Denizard).

É a tomada de decisão de um ser único, trabalhando com um todo por ideal. Ideal esse embasado no evangelho de Jesus e os conceitos dos espíritos. A partir do momento em que eu acredito nisso e luto por isso, eu me coloco em um contexto de Movimento Espírita (Lucas Moura).

Isso desenvolve nos indivíduos um sentimento de pertencimento social, uma orientação e uma formação. Os movimentos sociais constroem representações sociais e simbólicas através de seus ideais, seus discursos e suas práticas. Eles conduzem à reflexão e à criação de identidades grupos que estavam antes desorganizados e dispersos (GOHN, 2003).

Certos de que não existem opiniões corretas e erradas, mas pontos de vista diferentes, que se complementam, a respeito de uma representação social, podemos, a partir desses discursos, ter uma breve perspectiva a respeito da dinamicidade e da essência do que constitui o Movimento Espírita e suas contribuições práticas para a sociedade.

Mas é válido observar que os jovens participantes do grupo de pesquisadores/atores/autores desta pesquisa trouxeram um elemento a mais para essa discussão: pensar no todo a partir do um, no universal a partir do individual, no movimento exterior a partir do movimento interior. E esse aspecto é essencial para este trabalho, já que nos propomos a avaliar um fenômeno a partir da experiência e do relato de vida desses jovens.

1.2. Juventude Espírita

Para Machado Pais (1993, p. 28), a juventude “é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. Essa conceituação não se limita às “fases de vida” predeterminadas pela idade dos indivíduos (infância, adolescência, juventude, adultez e velhice), mas está diretamente ligada às experiências e às histórias de vida.

A juventude levou muito tempo para ser considerada uma categoria social constituída. Durante muitos anos, não se admitia a existência de fases de vida determinadas pelas menores idades (infância e juventude). Com o passar do tempo, muitas lutas foram travadas para que a criança e o adolescente pudessem ser considerados como tal. Os jovens, ainda hoje, buscam se firmar enquanto categoria social com diversidade de identidades, direitos e deveres. Quanto a isso, Pais (1993, p. 32) afirma que,

na sociedade contemporânea, os jovens revelam e reclamam uma capacidade de intervenção, decisão e influência em numerosos domínios nos quais ditam modos de comportamento. Grupo historicamente validado pelo que dos seus elementos se separava quanto aos papéis a desempenhar no mundo adulto, os jovens conseguiram inverter relativamente essa situação em benefício próprio, difundindo, por sua vez, gostos, ideias e modos de conduta a outros grupos de idade (difusão facilitada pelo passado juvenil dos jovens adultos).

Em Mannheim (1978), a juventude é reconhecida como “agente revitalizador” da modernidade, elemento dinâmico de um tempo em constante mudança, independentemente do sentido “progressista” ou “conservador” de sua atuação. Sendo assim, o jovem tem um papel importantíssimo na construção e transformação, ou até conservação, da realidade em que vive.

De acordo com Olinda (2009) os jovens precisam ser tratados como indivíduos, com capacidade para criar, criticar e experimentar novas formas de ser, pensar e estar no mundo. Depois de anos e anos perpetuando uma perspectiva em que o jovem é sempre taxado por suas características mais generalizadas, o campo de estudos sobre juventude tem dado espaço para o desenvolvimento de representações positivas sobre o ser e o fazer dos jovens, dando-lhes “voz e vez” nos processos que eles mesmos vivenciam e mostrando-os como sujeitos capazes de solucionar suas questões e problemas. Com essa visão, poderíamos analisar a busca e a escolha religiosa, por parte do jovem, como um direcionamento para seu modo de se enxergar e se fazer no mundo.

Essa escolha faz parte de uma busca identitária que a juventude trava consigo mesma e com o coletivo. Delory-Momberger (2008, p. 77) defende que a

perda de referências fixas, relacionadas com a diluição dos papéis sociais, a menor operacionalidade das condutas programadas e o sentimento de incerteza, provocado pela dificuldade de escolher entre lógicas plurais, podem se traduzir em procedimentos de busca identitária que levam o indivíduo a procurar, nos

pertencimentos comunitários (etnias, grupos territoriais) ou em fidelidades espirituais (religiões, seitas, espiritualidades diversas), os valores e as normas de conduta que a existência social ordinária não oferece.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo instituto alemão Bertelsmann Stiftung, 95% dos brasileiros entre dezoito e vinte e nove anos se dizem religiosos e 65% afirmam ser “profundamente religiosos”¹². Segundo a pesquisa, esses jovens estão buscando na religiosidade, na espiritualidade, uma forma de se autoafirmar dentro da sociedade, mostrando que, mesmo com pouca idade, eles já são capazes de encontrar suas próprias verdades. Assim, pode-se considerar que, independente da opção religiosa, o jovem brasileiro está buscando respostas para os seus questionamentos nos princípios religiosos.

A Doutrina Espírita, mesmo não se caracterizando como apenas uma religião, propõe essa orientação através das “mocidades espíritas”. A “mocidade espírita” é um espaço a que os jovens vão para estudar e discutir assuntos e problemas referentes ao cotidiano juvenil, e seus projetos de vida. Além disso, é um local onde eles adotam papéis e responsabilidades perante projetos de assistência e reintegração social, orientados pelos preceitos espíritas.

Esse processo se dá não apenas através de um direcionamento religioso, mas também de um desenvolvimento integral do ser. Teixeira (1997, p. 81) afirma que o contato do jovem com a Doutrina Espírita “é um processo eminentemente educativo, não no sentido meramente religioso, catequético, mas sim como um processo dinâmico de interação consciencial, gerando o autoconhecimento libertador da ignorância, do erro, do medo e da superstição”. Ele é levado a desenvolver-se enquanto um ser integral e multidimensional, pois “a meta é a universalidade autoconsciencial, assumindo o pleno conhecimento de sua responsabilidade como agente co-criador do próprio destino individual e coletivo” (TEIXEIRA, 1997, p. 82).

Os jovens se dizem espíritas quando se reconhecem enquanto membros de uma mocidade e quando se observam dentro de um contexto em que suas atitudes e pensamentos os identificam com aquele grupo. O autor Groppo (2000, p. 7 e 8) diz que, enquanto categoria social,

¹² Reportagem da revista Época (Edição 578) que pode ser encontrada no site www.revistaepoca.com.br

a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos todos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

De acordo com Olinda (2009, p.198), na pesquisa a respeito dos jovens espíritas do Grupo Fantasia, “a experiência de ser jovem nessa atmosfera enfrenta, permanentemente, a tensão entre ceder às tendências impulsivas, apaixonadas e egoístas e lançar-se firmemente na aquisição de valores imprescindíveis para o crescimento moral e intelectual”.

Nesse sentido, o papel da Evangelização Infantojuvenil é “oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber-se como ser integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio, rumo à toda perfeição de que é suscetível.” (ROCHA, 2011, p. 13).

A utilização do termo “evangelizar”, nesse contexto, segue mais o sentido de educar do que de catequizar. Evangelização é tarefa educativa, mas que guarda suas especificações. É equivocado pensar que toda evangelização, por determinação, é dogmática e castradora. Se, em alguns casos, ainda encontramos Casas Espíritas praticando a evangelização de forma conservadora e contrária à formação religiosa enriquecedora do ser, provavelmente estaremos diante de pessoas que ainda não compreenderam que o Espiritismo, como doutrina essencialmente educativa, já nasceu sob o signo de métodos pedagógicos renovadores.

Educar jovens segundo os princípios do Espiritismo é desenvolver suas potencialidades para o bem. Nesse sentido, a mocidade da casa espírita oferece, além dos estudos sobre os princípios da Doutrina Espírita, atividades que são pertinentes às necessidades dos jovens, tais como: o incentivo ao trabalho em atividades assistenciais, o exercício de prece e o cultivo de bons pensamentos, a assistência aos problemas e às dificuldades que os jovens trazem através do diálogo fraterno, o estímulo à leitura edificante, o encaminhamento ao tratamento espiritual e às instituições especializadas e idôneas nos tratamentos (tóxico, álcool, depressão, drogas), a criação e participação de grupos de assistência e promoção social, e a realização de integração entre o grupo, com o objetivo de gerar um ambiente familiar e um sentimento de confiança e amizade.

Nesse sentido, o desenvolvimento do jovem, enquanto ser integral visa não só

incentivar a reflexão a respeito das experiências que eles vivem hoje, mas também identificar suas responsabilidades enquanto autores da sua própria história. Essa consciência pode incentivar o jovem a criar o seu projeto vital e investir na sua própria formação. Para Damon (2009), o projeto vital é essencial para todo ser humano, principalmente na juventude. Estando ligado intimamente a todas as dimensões do bem-estar, é ele que vai direcionar as escolhas, as atitudes, os desejos e os esforços do jovem em busca de uma das conquistas que todo ser humano almeja, a felicidade.

Refirimo-nos aqui, não a uma felicidade no sentido fugaz e momentâneo, mas na realização subjetiva, profissional, ideológica, de alcançar aquilo que se planeja e que se espera da vida. Nesse caso, o fato de estar em contato com a Doutrina Espírita, e todas as experiências que isso acarreta, desperta em alguns jovens uma vontade de se envolver num ideal que vai muito além dos seus planos individuais. A compreensão da necessidade de viver numa sociedade mais justa, que possibilita oportunidade de crescimento para todos, e o despertar desse sentimento de coletividade e amor ao próximo são alguns dos fatores que farão diferença na formação da visão de mundo do jovem.

Damon (2009, p. 49) completa esse pensamento defendendo que “o que importa para a felicidade é o comprometimento com algo que a pessoa considere envolvente, desafiador e atraente, especialmente quando ela faz uma valiosa contribuição ao mundo”. Esse envolvimento entre o jovem, a Doutrina Espírita e a vontade de transformar o mundo em um lugar melhor concretiza-se no movimento juvenil espírita.

A relevância do jovem para o Movimento Espírita é representada desde o início da história do Espiritismo. Grandes médiuns que ajudaram Kardec a codificar as mensagens dos espíritos eram jovens. O movimento de jovens espíritas foi iniciado em Nova Iorque no dia 25 de janeiro de 1863, impulsionado por um jovem médium chamado Andrew Jackson Davis. Já na época,

as reuniões eram dominicais e nelas faziam-se promoções em torno da verdade, do amor, da beleza, da arte, da saúde, da ciência e da filosofia. essa instrução, entretanto, deveria ser ministrada de quatro maneiras diferentes. Fisicamente por exercícios e diversões sadias; intelectualmente, pela leitura e o estudo; moralmente, pelo estudo da mente e o encorajamento ao aprofundamento de raciocínios; e, com mais ênfase, espiritualmente, pelo exame das verdades que constituem o eixo da vida. Um dos lemas do movimento era: *Vivemos para aprender e aprendemos para viver* (ANUÁRIO ESPÍRITA, 1997, p. 181 e 182).

O movimento juvenil espírita, hoje, caracteriza-se como o segmento do Movimento Espírita formado por todas as instâncias responsáveis pela evangelização juvenil, ou seja, é o movimento constituído pelas mocidades e pelos departamentos federativos ligados aos trabalhos de evangelização infanto-juvenil. Dentro da FEB, existem comissões responsáveis por pensar e planejar a estrutura proposta para as mocidades, entre as quais: Departamento de Infância e Juventude (DIJ), que atua a nível nacional, dando suporte e orientando as “mocidades” na atuação junto aos jovens; e a Coordenação de Infância e Juventude (CIJ), que atua a nível estadual – cada estado possui a sua, que está ligada diretamente à Federação Estadual (no caso do Ceará, a Federação Espírita do Estado do Ceará - FEEC). A CIJ propõe e realiza capacitações e reuniões semestrais de todas as mocidades do estado para discutir metodologias e dificuldades e compartilhar aprendizados, além de acompanhar e organizar materiais de orientação junto aos outros departamentos da FEEC.

Mas esse movimento não é feito apenas pelas instituições. Os jovens, enquanto atores principal dessa categoria social, criam e recriam o movimento juvenil espírita no seu dia a dia, através de suas atitudes e comportamentos. A postura que surge através da compreensão e da vivência dos princípios espíritas, atribui uma identidade a eles, demonstrando pertencimento de valores que contribuem para a sua formação, à medida que apresentam possibilidades novas de ver e refletir sobre os aprendizados da vida.

Segundo material divulgado no site da DIJ¹³, o jovem é

um Espírito em fase de desenvolvimento, definições e escolhas. A juventude é um período propício à reflexão acerca da vida e ao alinhamento dos objetivos reencarnatórios, mediante os contextos e as possibilidades que se apresentam, convidando o jovem ao exercício do autoconhecimento, da reforma íntima e ao cultivo de atitudes responsáveis por meio do seu livre-arbítrio e do reconhecimento da Lei de Causa e Efeito. Identifica-se, nesse momento, o benéfico efeito do estudo e da vivência da mensagem cristã desde a fase da infância, cujo conhecimento fortalece as almas infantojuvenis para a adequada tomada de decisões e para a escolha de caminhos saudáveis e coadunados aos ensinamentos espíritas.

O jovem verdadeiramente comprometido com a prática espírita tenta começar a transformação do mundo a partir da transformação dele mesmo. Os atos, mesmo que

¹³ <http://www.dij.febnet.org.br/blog/evangelizacao-espirita/o-evangelizando/quem-e-o-jovem/>. Acesso em: 13/04/2013, às 15h34.

pequenos e hibridizados ao cotidiano dos jovens, são os laços que unem a ação prática do movimento juvenil espírita. Melucci (1989, p. 62) afirma que “como profetas sem encantamento, os movimentos contemporâneos praticam no presente a mudança pela qual eles estão lutando: eles redefinem o significado da ação social para o conjunto da sociedade”.

A FEB realizou, em todo Brasil, nos anos de 2010 e 2011, uma pesquisa com o intuito de traçar um perfil do jovem espírita brasileiro. O censo foi analisado por uma comissão específica, coordenada pelo DIJ/FEB, estabelecendo-se interfaces com pesquisas de representação nacional sobre Jovens e Juventudes (IBGE, Unesco, dentre outras). Os resultados do perfil dos jovens espíritas do Estado do Ceará foram disponibilizados pela coordenadora da CIJ, Fran Setubal, para análise neste trabalho. Participaram da referida pesquisa cerca de quinhentos jovens de vinte e nove mocidades.

Só em Fortaleza, hoje, encontramos trinta e seis mocidades espíritas cadastradas na Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), que recebem, em média, trinta e cinco jovens por reunião.

De acordo com o censo, a faixa etária que mais está presente nas mocidades espíritas é entre treze e dezesseis anos. Percebe-se que existe uma dificuldade de manter os jovens participando da mocidade espírita quando eles atingem a maioridade. Será que eles acabam encontrando outros caminhos que não estejam ligados à mocidade ou ao Espiritismo? Ou será que eles se acham adultos demais para continuar frequentando depois dos dezoito? Porque o sentido de juventude acompanha tanto a divisão das fases de vida por idade? Porque a sociedade exige que um jovem de dezoito anos, assuma o papel de adulto, tomando decisões que irão definir os rumos de sua vida (profissionais, familiares, ideológicos), esquecendo que o que vai definir a maturidade de um indivíduo são suas experiências, e não apenas sua idade?

Não se pode afirmar nada concreto quanto a esses fatos, mas é interessante pensar nessa transição entre o jovem e o adulto. Essa transição de fases, ou de categorias sociais, acontece de forma muito particular com cada um. Posteriormente, iremos ver que, no próprio discurso dos jovens pesquisadores/atores/autores deste trabalho, a perda e o reencontro da juventude vai se manifestar em intensidades e formas diferentes em cada uma das histórias.

A respeito do envolvimento dos jovens nas outras atividades da casa espírita que frequentam, 45% disseram que participavam de atividades como grupos de arte, evangelização infantil, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e passe. Os outros

55% disseram que sua participação se restringia apenas à mocidade. Isso é um dado inquietante, pois mostra que o jovem não está aproveitando todas as atividades e oportunidades de experiências que o envolvimento com a Doutrina Espírita propicia para o indivíduo. É de fundamental importância que o jovem seja incluído em outras atividades dos centros espíritas para que exercite aquilo que estudam e discutem nos encontros das mocidades. A teoria não pode estar desvinculada da prática, a educação precisa surgir e se concretizar na experiência, para que, através da reflexão, configure-se o aprendizado (DEWEY, 1976).

Quando indagados a respeito do envolvimento com as atividades que realizavam, 41% dos jovens disseram que começaram a participar por causa do convite de amigos. Esses laços de amizade e cumplicidade formados no convívio das mocidades são tão importantes que, quando questionados sobre o que os motiva a frequentar os encontros da Evangelização, a maioria deles afirmou que o grupo de amigos era o fator mais relevante.

Isso é tão presente no cotidiano dos jovens, que os *pesquisadores/atores/autores* demonstram, em suas narrativas, a importância que os amigos tiveram nesse processo de envolvimento com a Doutrina Espírita e com a sua formação. Vários deles identificaram os amigos conquistados na mocidade, como uma segunda família, que, de certa forma, foi fundamental para que eles se tornassem as pessoas que são hoje. Esses processos serão mais aprofundados no terceiro capítulo.

Na pesquisa, eles classificaram com uma média de nove a importância da mocidade para a sua vida, numa escala de zero a dez. As principais justificativas foram: "tirar os jovens das ruas, o conhecimento doutrinário, a formação do ser, seguir uma religião, os jovens como futuros trabalhadores da Casa Espírita e o auxílio na família".

A participação em uma mocidade espírita, segundo os próprios jovens, contribui tanto para suas vidas que, quando interrogados se os encontros da evangelização possibilitam uma atuação ética, com responsabilidade social, para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária, 42% dos jovens disseram que contribui amplamente, e 33%, que contribui parcialmente. Eles justificaram suas respostas afirmando que a mocidade espírita ajuda a "desenvolver o senso crítico e colocar a teoria em prática".

Isso mostra que os jovens têm consciência do seu papel e das suas responsabilidades enquanto espíritas e enquanto cidadãos. Eles conseguem identificar que a

espiritualidade/religiosidade é uma tentativa de busca de sentido para a vida, na qual, pensamentos, valores e ações são construídos. Isso propicia uma visão de mundo que dá sentido aos acontecimentos do dia a dia e ao modo de vida e pode guiar uma série de decisões sobre o que o ser humano pode fazer ou não da sua história (Doswell, Kouyate e Taylor, 2003).

CAPÍTULO 02 - A ARTE ESPÍRITA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO JUVENIL

"A atual visão que eu tenho da arte é de um recurso de edificação do Ser, que serve antes de tudo para me transformar [...]"

João Romário

A arte é, sempre foi e, provavelmente, sempre será, um dos temas mais polêmicos e infundáveis da história da humanidade. Diversos teóricos dedicaram suas vidas a tentar defini-la, mas, à medida que o tempo passa, ela se modifica e traz novos rumos e novos questionamentos que se confrontam com as tentativas de compreendê-la.

A arte sempre esteve presente na história da humanidade. Desde a era pré-histórica, o homem já produzia símbolos e rabiscos, desenhados, pintados ou esculpidos no interior das cavernas. Com o passar do tempo, novas reflexões foram surgindo, outras formas e técnicas foram sendo descobertas e a arte foi tomando caminhos diversos.

Existem, na atualidade, diversas linhas de pensamento que discutem e definem conceitos e finalidades da arte de um modo geral. Em algumas interpretações ela é “coisificada” e resumida a obras e objetos. Em outras, ela é identificada como o resultado de um conjunto de técnicas bem elaboradas e realizadas (COLI, 1995).

Para estudar Arte e Educação, seus princípios, tendências pedagógicas, métodos e abordagens, é essencial conhecer o processo histórico em que se deu o ensino de arte no Brasil, visto que alguns estigmas de sua origem permanecem até a atualidade, configurando uma área extremamente discriminada no currículo escolar e, de certa forma, na sociedade brasileira como um todo.

No Brasil, essa é uma das visões que ainda predomina no sistema de ensino formal, resultado de anos e anos de cultivo da ideia que se instaurou a partir dos princípios trazidos da Europa pela Escola de Belas Artes, que prezava antes pela manutenção e preservação do poder nas mãos do Reinado, em detrimento de uma produção estética e cultural do povo. Dessa forma, ao afastar “a arte do contato popular, reservando-a para *the happy few* e os talentosos, concorria-se assim, para alimentar um dos preconceitos contra a arte até hoje acentuada em nossa sociedade, a ideia da arte como uma atividade supérflua, um

babado, um acessório da cultura” (BARBOSA, 2002, p.20).

Ainda hoje, podemos identificar não só nas escolas, mas também, em muitos segmentos da sociedade, a noção de que a arte é uma atividade apenas de lazer, um enfeite para datas comemorativas, um espaço de produções artesanais e pintura de modelos prontos, ou um privilégio restrito a poucos que possuem um dom para tal. Essa visão utilitarista, tecnicista e elitista, é resultado de uma história marcada por desprezo e indiferença ao verdadeiro potencial da experiência artística.

Essas percepções foram frutos de uma atividade chamada "Linha do Tempo: narrativas de experiências formativas em arte", desenvolvida na disciplina *Arte-Educação*, nos cursos de pedagogia, licenciatura em teatro e dança, da Universidade Federal do Ceará. De acordo com Goldberg, Olinda e Bezerra (2012, p. 3)

nos anos de 2011 e 2012 participaram dessa atividade, aproximadamente, 203 estudantes de pedagogia e 87 de teatro, os quais foram convidados a compartilhar narrativas de vida permeadas pelas experiências formativas em arte, trazendo influências, pessoas, eventos e instituições significativas para o despertar da consciência estética e da sensibilidade artística desde a infância até a atualidade. O objetivo principal da atividade é oportunizar aos estudantes o resgate dos processos formativos em arte, através das narrativas de suas vidas, a fim de levá-los à reflexão sobre seu próprio processo de formação artística, suas fragilidades e precariedades para, a partir daí, compreenderem o histórico do ensino de arte no país e a importância deste ensino para a formação humana, bem como a responsabilidade do educador em arte na sociedade.

Ao participar e analisar as linhas do tempo, dos alunos, percebemos que, em sua grande maioria, a escola não aparece como o principal local de experiências formativas em arte. Em contraponto a isso, encontramos uma arte fortemente presente nos segmentos religiosos, mostrando que a religião tem, cada vez mais, descoberto formas eficazes de trabalhar com as várias linguagens artísticas. Segundo Goldberg e Bezerra (2012a, p. 1), respectivamente, professora e monitora, responsáveis pela disciplina *Arte-Educação* e pela atividade *Linha do Tempo*, dentre a grande maioria dos alunos,

boa parte de suas experiências narradas ocorreram na escola ou em grupos religiosos - geralmente na Igreja Católica ou em diferentes denominações evangélicas. As instituições religiosas ocuparam um espaço ainda mais significativo que a própria escola. Enquanto a escola se limitou a oferecer atividades mecânicas como a recorrente utilização de modelos prontos ou a reprodução de coreografias e pecinhas de teatro exibidas em datas comemorativas; as igrejas proporcionavam a criação e a

oportunidade de expressão desses jovens. Importante observar que enquanto a escola reprimiu ou castrou a criatividade gerando a frustração e a baixa auto-estima as instituições religiosas proporcionaram a crença nas potencialidades criadoras por meio da fé. Desta forma, muitos se descobriram cantores, músicos, pintores, coreógrafos e bailarinos!

Por que a escola não consegue proporcionar experiências artísticas tão significativas e marcantes, como a religião? O engajamento da arte, com os princípios religiosos, enfraquece seus potenciais de formação? Ou auxiliam e ampliam as possibilidades de envolvimento e desenvolvimento das várias dimensões do homem, através da vivência artística?

Este trabalho, não tem como objetivo apresentar a história e os conceitos que englobam todo o universo artístico e suas manifestações. A proposta que trazemos com este estudo, é aprofundar a visão de arte enquanto experiência formadora do indivíduo, que possibilita uma educação dos sentidos, dos sentimentos e dos pensamentos, em busca do desenvolvimento de um ser integral e ético (DUARTE JUNIOR, 1981). Neste capítulo, pretendemos discutir o conceito de Arte Espírita, enquanto proposta de "Arte-Formação", focando na visão, na apropriação e na produção de saberes.

2.1. As várias dimensões de uma “Arte-Formação”

Estudiosos do mundo inteiro buscam encontrar uma concepção do que seria a arte para o ser humano, mas a maioria chega à conclusão de que fechar o conceito de arte é tentar limitar e diminuir um fenômeno que, muitas vezes, está além da nossa consciência e conhecimento. A arte rompe barreiras de todos os tipos, sejam elas culturais, sociais, econômicas, políticas. Ela está além do nosso raciocínio lógico e da nossa linguagem. Ela rompe e perpetua a dinâmica de toda uma sociedade.

Pensar em um termo como “Arte-Formação”¹⁴ é falar de uma experiência que possibilite o desenvolvimento de diversas dimensões do ser humano. Dimensões essas que,

¹⁴ Este termo surgiu a partir da necessidade de falar de algo que não estava sendo totalmente contemplado por outras teorias. Não pretendemos, apenas nessa dissertação, explorar toda sua complexidade, isso só será possível em futuros trabalhos em que teremos mais tempo e experiência para aprofundá-lo.

unidas, irão trabalhar em prol da educação de um ser inteiro, completo e total, que valorize não só a razão, mas também os sentidos e os sentimentos, dimensões, muitas vezes, esquecidas ou ignoradas pelo sistema educacional atual (DUARTE Jr., 1981).

Usando como base as “dimensões do ser no mundo”, propostas por Josso (2010, p. 74) como um conjunto de aspectos e níveis que definem os contornos da existencialidade dos indivíduos, e a fim de melhor compreender o que propomos com o termo “Arte-Formação”, organizamos o pensamento em algumas “dimensões do humano”, nas quais a arte atua como experiência formadora. As dimensões que se mostraram mais significativas para os propósitos deste trabalho foram: a sociocultural, a experiencial, a educativa e a espiritual. Vamos tentar compreender cada uma delas.

2.1.1 - Dimensão Sociocultural

Observar e pensar a respeito da arte, de uma determinada época, é descobrir elementos para entender a história da própria sociedade. Se é possível se conectar e se relacionar, através da obra artística, com o indivíduo que a cria, podemos entrar em contato e compreender o contexto social e histórico que ele está inserido. A esse respeito, Ferraroti (1988, p. 26-27) defende que “se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”.

De acordo com Kandinsky (1995, p. 27), toda obra de arte tem o seu tempo, ou seja, “cada época da civilização cria uma arte que lhe é própria e que jamais se verá renascer”. Esse conceito propõe, então, que a arte vai além de um simples resultado da junção de diversas técnicas, ela seria uma extensão da própria sociedade. Seria, assim, um conjunto de expressões que representa a cultura, os costumes e os ideais dos indivíduos.

De certa forma, as heranças artísticas que observamos ainda hoje são alguns dos elos de ligação que nos mantêm conectados aos nossos antepassados. Kandinsky (Id. *ibid.*, p. 27) afirma que é dos resquícios da arte do passado que nasce, “pelo menos em parte, nossa simpatia e nossa compreensão pelos primitivos, a afinidade espiritual que descobrimos ter com eles”. E essa conexão é importante para o sentimento de pertencimento à história e à própria humanidade? Acredito que sim. O indivíduo necessita da consciência de que somos

um “ser físico”, “parte integrante do ecossistema terrestre e ativamente vinculados a ele por nosso pertencimento biológico ao reino animal, sem falar de nossos vínculos com o Universo” para se sentir vivo e ativo (JOSSO, 2010, p. 74).

Se pensarmos que “os valores humanos, desta maneira, surgem da atividade do grupo social” (Duarte Jr., 1981, p. 33), cada sociedade irá “imprimir” em suas manifestações artísticas, mesmo que de forma inconsciente, os princípios e valores que elas perpetuam. Essas manifestações estão presentes no dia a dia e nos pequenos detalhes do cotidiano da população, pois

a arte é a expressão da vida, razoável e consciente, que evoca em nós, por um lado, as mais profundas sensações de existência e por outro lado, os mais grandiosos sentimentos, os mais exaltados pensamentos. A arte eleva o homem de sua vida pessoal para a vida universal não apenas por meio da participação nas mesmas idéias e crenças, mas também por meio dos mesmos sentimentos. (TOLSTOI, 2002, p. 54)

É importante ver que, ao mesmo tempo em que as manifestações artísticas carregam uma impressão comunitária, coletiva, elas despertam a consciência para a existência do aspecto subjetivo do artista em cada criação, afinal, as produções artísticas são resultados de valores sociais mesclados à experiência e ao conhecimento de mundo do artista. Ou seja, ele capta sua época e sociedade e exprime-os a partir de suas experiências pessoais, de seu “sentir-se no mundo” (DUARTE Jr., 1981, p. 78).

No livro *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire (1992) afirma que a arte pode e deve ser um instrumento de diálogo e construção entre o indivíduo e a sociedade em que ele vive. Ele narra que, em uma de suas visitas ao Haiti, observou maravilhado as produções artísticas do povo. “Era como se as classes populares haitianas, proibidas de ler, proibidas de escrever, falassem ou fizessem o seu discurso de protesto, de denúncia e de anúncio, através da arte, única forma de discurso que lhes era permitida” (FREIRE, 1992, p. 161).

Essa formação, pensada por Freire (2005), não se restringe a uma formação unilateral, uma “educação bancária”, onde o indivíduo apenas recebe as informações depositadas, sem desenvolver uma iniciativa reflexiva a respeito delas. Ela se expande ao que Pineau (2006) chama de autoformação (o indivíduo com ele mesmo), heteroformação (o indivíduo com o outro) e ecoformação (o indivíduo com o ambiente). Um desenvolvimento

multirreferencial, multilateral e multidimensional do ser no mundo. Sendo assim, o indivíduo forma e é formado por essas experiências que se processam a níveis internos e externos a ele.

Sendo assim, a arte, na dimensão sociocultural, colabora para a formação de uma percepção dos valores e das características da sociedade da qual o indivíduo, enquanto espectador, enquanto artista, faz parte. Ao mesmo tempo, possibilita o desenvolvimento de uma consciência da subjetividade existente em cada obra artística, que revela e representa a individualidade e a própria existência do ser que a criou.

2.1.2. Dimensão Experiencial

Para se tornar uma extensão do próprio artista e uma ferramenta de união e representação de uma sociedade, a arte precisa propiciar uma experiência formadora do indivíduo. Para Dewey (2010), a experiência é tudo aquilo que vivenciamos, e podemos, a partir dela, refletir e aprender algo, preparando-nos para novas experiências. Dessa forma, a experiência precisa ocorrer “continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (p. 109).

Porém, nem toda experiência é educativa e formadora. Dewey (1976, p.14) afirma que “é deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou distorcer o crescimento para novas experiências posteriores”. Ele defende que, para compreender e determinar a natureza dessas experiências e classificar o seu valor – educativo ou não –, é necessário observar dois princípios essenciais: a continuidade e a interação.

De acordo com o autor, “o princípio de continuidade de experiência significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (DEWEY, 1976, p. 26). Sendo assim, esse princípio contribui para o aproveitamento e a continuidade de todo aprendizado obtido pelas experiências vividas pelos indivíduos durante toda sua vida. O autor defende, ainda, que toda e qualquer experiência, de certa forma, carrega consigo certa continuidade, porque possibilita o “amadurecimento” do indivíduo, mas esse amadurecimento precisa ser acompanhado e analisado para que não aconteça na direção errada.

Já o princípio da interação parte de dois pressupostos: a interação entre o

indivíduo, que se dá no interior de cada pessoa como uma relação no mundo interno de cada um, e entre as pessoas ou coisas, que se dá entre o indivíduo e tudo que o rodeia numa relação com o mundo externo, gerando interação entre as experiências vividas. De acordo com Dewey (1976, p. 38), “uma personalidade completamente integrada, só existe quando as sucessivas experiências se integram umas com as outras e pode edificar o seu mundo como um universo de objetos em perfeito relacionamento”.

Para Josso (2010), nós vivemos constantemente uma série de vivências que só podem alcançar o status de “experiência” quando realizamos o trabalho de reflexão a respeito do vivido, observado ou sentido. A autora defende que “o conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideiação” (p. 48). E mesmo depois de realizar todo esse processo, a experiência, para ser formadora, precisa ser expressiva e significativa na vida do indivíduo, para que ele relacione o vivido com os aprendizados já produzidos anteriormente.

Dessa maneira, poderíamos considerar que experiência é tudo aquilo que é vivenciado com o intuito de agregar algum valor, ou aprendizado, que possa contribuir para o crescimento e o desenvolvimento físico, psicológico e moral do indivíduo, de forma contínua e integral (JOSSO, 2010). E qual o papel da arte nesse sentido? A arte surge como uma experiência que proporciona ao indivíduo a capacidade de ordenar, julgar, construir e reconhecer suas ideias, pensamentos e sentimentos, a partir de um pensar e um sentir, crítico e reflexivo.

Partindo do princípio de que a obra de arte constitui-se na concretização de sentimentos e pensamentos, o encontro do indivíduo com a produção artística é um momento muito importante para sua formação. Esse processo é chamado de experiência estética. De acordo com Duarte Jr. (1981, p. 83) durante a experiência estética “o homem apreende o mundo de maneira direta, total, sem mediação (parcializante) de conceitos e símbolos”. Ele se envolve de forma completa com o mundo que o rodeia e com o objeto estético que frui, como se estivesse mergulhado em um oceano de possibilidades de significação e aprendizado, onde somente ele será responsável pelas reflexões que surgirão a partir dessa experiência. É uma integração do “ser de atenção consciente” com o “ser sensível”¹⁵ (JOSSO, 2010).

¹⁵ “Ser de atenção consciente” é um estado de atenção constante a si e a tudo que está acontecendo no presente momento. É uma forma de apreender o mundo, tendo consciência e atenção a tudo que o rodeia naquele instante.

A dimensão experiencial da arte atua de forma contundente quando se propõe a confrontar o homem com ele próprio, apresentando suas imperfeições, suas conquistas, suas fraquezas e seus vícios. Assim, ele passa a olhar para si, de uma forma mais sensível e subjetiva, conhecendo e reconhecendo faces de um eu interior, que nem mesmo ele sabia existir. Pode parecer o despertar para uma ação banal, mas onde e quando o homem é educado para olhar corajosamente para si?

Dewey (2010) afirma que, para que as experiências artísticas sejam realmente significativas e formadoras, elas precisam ser experimentadas e vivenciadas de forma singular e integral. Porém, na maioria das vezes, isso só se torna possível quando as pessoas se permitem envolver-se e quando possuem a formação acadêmica ou cotidiana para tal. Do contrário, o analfabetismo e a ignorância estética, irão perpetuar o preconceito e fechar os nossos sentidos para qualquer experiência que possamos vivenciar a partir do contato com a arte.

2.1.3 - Dimensão Educativa

Para iniciar nossas reflexões sobre essa dimensão, começemos pela seguinte passagem de Duarte Jr (2001,p.19)

[...] Após essa constatação do quão deseducados e embrutecidos estão os sentidos dos habitantes de nossa modernidade em crise, em decorrência de um ambiente social degredado, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental, convirá dirigir nosso olhar para alguns outros aspectos marcantes desse mundo que nos rodeia.

No atual estado da nossa sociedade, torna-se necessário dar maior atenção a uma “educação do sensível, uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar educação estética” (DUARTE Jr., 2001, p. 12). Não no sentido banal de estética como algo superficial que busca uma beleza padronizada, mas como uma capacidade de o ser humano sentir a si, ao outro e ao mundo, numa espécie de desenvolvimento e aprimoramento dos seus sentidos.

"Ser sensível" é a dimensão que trabalha com as impressões, sejam elas agradáveis ou não, que vivemos no cotidiano, mediante o contato dos nossos sentidos com os outros, o mundo e nós mesmos (JOSSO, 2010, p. 75 e 76).

A esse respeito, Duarte Jr. (2001, p. 23) defende que a arte, de uma forma geral, contribui diretamente para “a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida”. Por que será que não interessa aos opressores que os oprimidos tenham acesso a essas potencialidades da arte? Por que seu espaço ainda é reduzido e distorcido nas escolas e na própria sociedade? De imediato nos vem uma resposta: porque a arte liberta! Ela pode proporcionar o despertar consciencial e crítico para que todos os indivíduos se tornem agentes ativos da sua própria formação.

Por isso, Herbert Read (2001) defende que a arte deveria ser a base de toda a educação. O autor entende que educação é um processo que tem como objetivo desenvolver a singularidade do indivíduo, juntamente com a consciência social e o sentido de coletividade, ou seja, formar um indivíduo singular, de acordo com as normas e padrões culturais de uma sociedade. A arte, como já foi mencionado anteriormente, possibilita essas relações entre individualidade e coletividade de forma bastante ampla.

A educação estética surge nesse contexto, como um aprofundamento dessa proposta de “educação pela arte”, quando o autor sugere trabalhar não só a percepção do mundo exterior, mas a expressão do mundo interior. Educar os sentidos para que eles sejam capazes de captar tudo o que nos rodeia, assim como educá-los para expressar de forma eficiente tudo o que sentimos ou pensamos.

Mas o conceito de educação não pode se restringir a isso. Duarte Jr. (1981, p. 55) propõe que “educar significa, basicamente, permitir ao indivíduo a eleição de um sentido que norteie sua existência. Significa permitir que ele conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências”. Para isso, é necessário que os conteúdos e as informações a serem apre(e)ndidos estejam diretamente ligados às vivências e experiências do educando.

Essa relação entre o conteúdo a ser apre(e)ndido e a experiência vai muito além de uma simples relação estabelecida involuntariamente, ela é indispensável no processo de formação experiencial. Essa aprendizagem significativa, necessariamente, “envolve a articulação do novo com o já existente; envolve a criação de um sentido para o aprendido, em função do já conhecido” (DUARTE Jr., 1981, p.91); envolve, enfim, um adequado

relacionamento da teoria com a prática, além de propiciar uma compreensão do aprendizado, através da experiência vivida. A arte, em sua dimensão educativa, pode favorecer todas essas relações, colaborando para um melhor desenvolvimento da capacidade de criar e de imaginar do ser humano.

A criação é a capacidade de unir o conhecimento de mundo previamente adquirido às inspirações, externas ou internas, produzindo algo novo e diferente. Tentando unir razão e emoção, “o indivíduo criador é justamente aquele que dirige sua atenção a seus sentimentos, para depois expressá-los por meio de símbolos e de novas relações simbólicas” (DUARTE Jr., 1981, p.89).

A capacidade de imaginar e criar é um dos grandes aspectos que nos diferenciam do restante dos animais. O poder de raciocinar e produzir algo novo traz uma responsabilidade e um poder transformador que nenhum outro ser do planeta possui. Segundo Rubem Alves (1975, p. 151) “a imaginação é a forma mais fundamental de operação da consciência humana”; é através dela que conseguimos organizar, planejar e executar nossos pensamentos. Além disso, ela atua como força propulsora dos nossos sonhos, planos e ações, afinal de contas, até “o ato do conhecimento e da aprendizagem é, em sua essência, dirigido e orientado pela imaginação” (DUARTE, 1981, p. 43).

Mas, afinal, qual a relação entre arte, imaginação e criação? Toda arte pode ser um agente revitalizador da imaginação, a partir do momento que se propõe a mostrar que o mundo não é apenas aquilo que apreendemos com os nossos sentidos materiais (visão, tato, paladar, audição e olfato), mas o que resignificamos a partir dessa apreensão. O sentido de tudo (aprendizados, experiências, vivências) forma-se dentro de nós, através das relações que estabelecemos com os aprendizados passados, presentes e futuros. É nesse tipo de educação que precisamos investir mais.

A arte tem como finalidade pedagógica “apresentar-nos eventos pertinentes à esfera dos sentimentos, que não são acessíveis ao pensamento discursivo”, é através dela que “somos levados a conhecer nossas experiências vividas, que escapam à linearidade da linguagem” (DUARTE, 1981, p. 94). Ela se torna assim, um catalisador de processos de autoconhecimento e autoformação, na medida em que incentiva a capacidade de reconhecer dimensões do “eu” anteriormente desconhecidas.

Josso (2010) descreve essas dimensões como o “ser das emoções”, o “ser da

cognição” e o “ser da imaginação”¹⁶, níveis do “ser no mundo” que conseguem unir à vida corporal elementos não só racionais e emocionais, mas espirituais, que, muitas vezes, transcendem a nossa compreensão.

2.1.4 - Dimensão Espiritual

Em diversos momentos da história da humanidade a arte esteve diretamente ligada à dimensão espiritual do homem. Conforme Herbert Read (2001, p. 3),

Em um determinado ponto do processo evolutivo, o homem adquiriu a autoconsciência, e de suas relações com os outros seres humanos autoconscientes nasceram as faculdades intuitivas às quais damos o nome de “consciência moral”. Essa consciência moral foi responsável pelo desenvolvimento das qualidades espirituais mais sutis do homem que forjaram a civilização, e nosso objetivo como educadores não é eliminar essas qualidades, mas incentivar seu desenvolvimento.

A arte era oferecida ritualmente aos deuses da caça dos pré-históricos. Para os egípcios, ela narrava a crença numa vida após a morte e representava a figura dos deuses na Grécia e em Roma. Durante muito tempo, no Ocidente, serviram única e exclusivamente aos poderes da Igreja.

Alguns teóricos defendem que o período em que a arte se tornou domínio da Igreja Católica foi considerado a “Idade das trevas”, pois todas as produções artísticas eram restritas apenas aos temas religiosos, deixando de lado todo o avanço técnico qualitativo e quantitativo conquistados pela arte clássica, que foi ligada diretamente ao paganismo. Só após o iluminismo, houve o primeiro resgate da arte clássica, adaptada às novas características de uma sociedade diferente. É que as atenções voltaram-se novamente para o homem, e não apenas para Deus. Com isso novos horizontes artísticos puderam ser experimentados e o homem era agora o objeto de inspiração e estudo (OSINSKI, 2001).

A religião sempre fez um uso abrangente das potencialidades da arte. Em diversos casos, ela foi e ainda é, utilizada para manipular e catequizar os indivíduos. Porém, existem

¹⁶ O “Ser das emoções” está diretamente ligado às nossas emoções, despertadas seja por contato físico ao nosso corpo, seja por memórias ou sentimentos vivenciados. O “Ser da imaginação” é justamente o nosso lado criativo, aquele que deixa a imaginação fluir, descobrir e formar um mundo novo dentro de nós. E o “Ser da cognição” está relacionado à razão, à construção de aprendizados, ao desenvolvimento das inteligências e a aquisição da linguagem (JOSSO, 2010, p. 77, 78 e 79).

outros casos, em que a arte se liga a preceitos religiosos com o intuito de desenvolver o homem enquanto ser espiritual e integral, em busca do que há de melhor dentro dele. É em meio a esses casos que, no próximo item deste capítulo, iremos situar a Arte Espírita.

À medida que o tempo foi passando, novas formas de “fazer arte” foram surgindo e tomando dimensões inimagináveis. Isso se configura como um progresso, na medida em que tira o privilégio de apenas alguns poucos terem contato direto com a arte, e mostra para todos que qualquer um pode ter uma experiência estética e se expressar artisticamente. Essa ideia, porém, tem sido desvirtuada. Não é qualquer contato com uma obra de arte que pode ser considerada uma verdadeira fruição, assim como não se considera arte qualquer expressão artística. A arte não deve se restringir apenas à manifestação de um dom, ela precisa sobretudo, desenvolver um processo de estudo, exercício e reflexão a respeito da essência do que a obra representa. Porém, até os dias atuais, nossa sociedade defende muito a democratização da arte, sem formar os indivíduos para fruir aquilo que chega até ele.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a arte passa a ser acessível, torna-se também um produto, muitas vezes voltado apenas para a satisfação do mercado. Para Kandinsky (1995, p. 37), essa arte tem se tornado vazia, sem propósito, ou pior, com um propósito decadente, segundo o qual “os homens atribuem um valor especial e exclusivo aos êxitos exteriores. Apenas os bens materiais tem importância; cada progresso técnico que só serve e só pode servir ao corpo é saudado como uma vitória. As forças puramente espirituais passam despercebidas”.

Para o autor, a arte contemporânea pode até ter crescido em quantidade e expressividade, mas está perdendo sua força motriz quando se afasta de sua dimensão espiritual. Aqui, o espiritual não possui a conotação religiosa, mas sim de tudo que se relaciona com as crenças e valores que transcendem o próprio homem. A arte, então, colocaria o homem em contato não apenas com a religião em si, mas com sua própria "consciência moral", que, constantemente, faz julgamentos a respeito de tudo o que vê ou vivencia.

O homem está cada vez mais sedento dessa dimensão espiritual livre dos dogmas e das hierarquias que religiões impõem, em vez de colaborar para a edificação conjunta do conhecimento. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, a arte pode conectar o homem ao que há de divino em sua essência e impulsioná-lo na busca pelo bem e pela sabedoria. Quanto a isso Tolstoi (2002, p. 207) defende que o propósito da arte poderia proporcionar, além da

descoberta e do reconhecimento, a evolução dos sentimentos, “substituindo sentimentos mais baixos, menos generosos e menos necessários para o bem da humanidade, por sentimentos mais benignos e mais necessários para esse bem”.

O bem, material e espiritual, individual e geral, temporal e eterno, consiste justamente na vida fraterna, na solidariedade, na união de amor uns aos outros, na esperança, no poder da fé, isso foi proclamado por pessoas que marcaram a história da humanidade (TOLSTÓI, 2002).

É justamente esse bem que deveria impulsionar todas as ações humanas, e isso é um dos princípios que norteiam a prática da Arte Espírita.

2.2. O que é Arte Espírita?

Não temos a pretensão de definir um conceito ou impor a existência de uma Arte Espírita. Como pesquisadores em busca de estudar os fatos que emergem do cotidiano e das relações sociais, vimos expor diversas visões a respeito das manifestações artísticas que surgem com essa proposta peculiar. Pretendemos, com isso, apresentar um quadro social que se configura a partir da experiência de quem, há tempos, estuda e vivencia esse “fazer”.

Kardec (2006) aponta que o objetivo essencial do Espiritismo é o melhoramento dos homens. A Doutrina Espírita, através de seus princípios e fundamentos, proporciona aos indivíduos arcabouços imprescindíveis que os auxiliam na busca pelo conhecimento de si, pela evolução moral e intelectual e pelo desenvolvimento das suas múltiplas dimensões, visando o progresso integral do indivíduo. Nessa tarefa, a arte possui um papel fundamental.

Kardec (1973, p. 327) já previa que a Arte Espírita surgiria como um complemento à essência (trans)formadora do Espiritismo, tanto que ele afirma, em uma de suas obras, que,

dentro em pouco, também vereis as artes se acercarem dele [do espiritismo], como de uma mina riquíssima, e traduzirem os pensamentos e os horizontes que ele patenteia, por meio da pintura, da música, da poesia e da literatura. Já se vos disse que haverá um dia a *arte espírita*, como houve a arte pagã e a arte cristã.

Mas a que se propõe a Arte Espírita? Em que ela se diferencia das “outras artes”? E como ela se enquadra na categoria de “Arte-Formação”? Temos plena consciência de que essas e outras questões não serão completamente respondidas neste trabalho, mas pretendemos, pelo menos, iniciar a discussão a respeito desse fenômeno que surge a partir das práticas de grupos sociais que se denominam espíritas.

Kardec, ao codificar a Doutrina Espírita, recebeu da espiritualidade algumas orientações do que viria a ser a Arte Espírita. De acordo com o livro *Obras Póstumas*, a espiritualidade concordava com a visão de que alguns ramos da arte estavam presos aos trâmites do sistema materialista que visa apenas a valorização do superficial, do exterior e do valor econômico, e que elas não “sairão do torpor em que jazem, senão por meio de uma reação no sentido das ideias espiritualistas.” (KARDEC, 1973, p. 157)

Essa visão pode parecer extremista e tendenciosa em certos aspectos, mas não estamos discutindo “arte boa ou ruim”, e sim, o poder (trans)formador da arte que vai se perdendo à medida que ela se volta única e exclusivamente para cumprir com os interesses mercadológicos. Para Léon Denis (1994, p. 8), contemporâneo de Kardec e estudioso da Doutrina Espírita, é justamente para tentar modificar isso que

O Espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas, horizontes sem limites. A comunicação que ele estabelece entre os mundos visível e invisível, as indicações fornecidas sobre as condições da vida no Além, a revelação que ele nos traz das leis de harmonia e de beleza que regem o Universo vêm oferecer aos nossos pensadores, aos nossos artistas, motivos inesgotáveis de inspiração.

Com a crença de que a humanidade passa por constantes mudanças e que ela está sempre evoluindo, segundo o aspecto evolucionista da Doutrina, Kardec (1973, p. 157) defende que “é matematicamente certo dizer-se que, sem crença, as artes carecem de vitalidade e que toda transformação filosófica acarreta necessariamente uma transformação artística paralela”. A Arte Espírita, assim, acompanha a evolução do espírito¹⁷, revelando seus ideias, princípios e valores e se modificando à medida que o homem se modifica.

Mas o que exatamente a Arte Espírita traz de diferente? De acordo com Kardec (1973, p. 159),

¹⁷ Aqui, utilizamos a nomenclatura “espírito” para designar todo ser humano, homem, cidadão, encarnado ou desencarnado.

o Espiritismo abre à arte um campo inteiramente novo, imenso e ainda inexplorado. Quando o artista houver de reproduzir com convicção o mundo espírita, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações e seu nome viverá nos séculos vindouros, porque, às preocupações de ordem material e efêmeras da vida presente, sobreporá o estado da vida futura e eterna da alma.

Essas discussões foram levantadas pelo codificador em sua época, porém o “fazer Arte Espírita” só começou a “tomar corpo” algum tempo depois. No Brasil, apesar de a prática existir desde a chegada da Doutrina ao país, sua institucionalização só foi possível depois da articulação do movimento de artistas espíritas.

Recentemente, no ano de 2004, um grupo de artistas espíritas organizou e realizou o primeiro Fórum de Arte Espírita do Brasil.

O Fórum é um movimento nacional que reúne artistas e integrantes de grupos espíritas de arte de várias cidades e estados brasileiros. Seu objetivo é integrar os artistas e grupos espíritas de arte, visando um fortalecimento dos grupos, um aperfeiçoamento dos trabalhos realizados, através da troca de experiências, de materiais, etc., além de proporcionar uma aproximação uns dos outros, num espírito de fraternidade e união. O Fórum é viabilizado de duas formas: uma, através da internet, por intermédio de uma lista de e-mails; e outra, através do evento ‘Fórum de Arte Espírita’, que é a reunião de coordenadores de grupos, líderes do movimento espírita de artes, para debate e discussão de assuntos importantes.¹⁸

Desde então, já foram realizados 10 Fóruns, a saber: I - **Florianópolis**, em agosto de 2004; II - **Curitiba**, em dezembro de 2005; III - **Araras**, em junho de 2006; IV - **Salvador**, em junho de 2007 – fundação da **Abrarte**; V - **Vitória**, em maio de 2008; VI - **Aracaju**, em junho de 2009; VII - **Pedro Leopoldo**, em junho de 2010; VIII - **Brasília**, em junho de 2011; IX - **Caucaia**, em junho de 2012; X - **Florianópolis**, em maio/junho de 2013.

A Associação Brasileira de Artistas Espíritas – ABRARTE,

constitui-se numa organização nacional que tem por finalidade concretizar os objetivos traçados nos fóruns: proporcionar a união dos grupos, dos artistas e dos companheiros dedicados e de ideal, servindo de veículo de intercâmbio de experiências, de aprendizado, promovendo o crescimento/aperfeiçoamento dos grupos e artistas, através de ações que estimulem o desenvolvimento da criatividade, a produção de trabalhos originais e de teor eminentemente espírita; e

¹⁸ Informações retiradas do site oficial da Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE). Link: <http://www.abrarte.org.br/historico/index.php>. Acesso em: 28/06/2013, às 00h38.

proporcionando reflexões e debates em torno da Arte Espírita.¹⁹

A ABRARTE hoje possui 169 associados pelo Brasil inteiro. São pessoas que fazem Arte Espírita há mais de 30 anos e que possuem, além de estudo sobre o assunto, muita vivência. As discussões se estendem além dos fóruns presenciais e alcançam o dia a dia dos artistas espíritas durante o fórum virtual. Dentre os principais assuntos discutidos, o mais aclamado e infundável é acerca do conceito e dos propósitos da Arte Espírita.

Observando tanto a prática dos artistas quanto a teoria elaborada dentro ou fora das academias, pudemos ver que algumas linhas de pensamento se encaixam nas “dimensões do humano” discutidas no início deste capítulo. Para que possamos melhor compreender como os espíritas (artistas e teóricos) enxergam a Arte Espírita enquanto experiência formadora, apresentaremos agora alguns pontos-chaves que surgem nos discursos coletivos a esse respeito.

Um dos pontos fortes da discussão é o fato de que muitos defendem que a Arte Espírita é, antes de tudo, a manifestação dos preceitos espíritas, realizada por espíritas. Seria, então, uma prática artística que representasse esse grupo social específico, caracterizando assim sua **dimensão sociocultural**. Essa linha de pensamento surge de um “discurso coletivo”, no qual se afirma que:

Quando o artista é espírita e produz a sua arte com objetivo de utilizá-la para a divulgação do Espiritismo, temos a definição de arte espírita: é a arte praticada por artistas espíritas que têm como finalidade primordial divulgar o Espiritismo.

Considero que a única forma de definir a arte espírita de uma maneira objetiva e bem delineada é considerá-la como sendo a produção cultural artística de um grupo social: os espíritas. Seria a produção artística que um ou mais espíritas fazem, representando as idéias e convicções deste grupo.

A arte é a forma criativa de externar idéias, pensamentos, sentimentos, considero a arte

¹⁹ Informações retiradas do site oficial da Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE). Link: <http://www.abrarte.org.br/historico/index.php>. Acesso em: 28/06/2013, às 00h45.

espírita como a grande possibilidade de nós espíritas apresentarmos ao mundo o que pensamos, sentimos e vivenciamos verdadeiramente através da Doutrina consoladora da codificação.

É a arte a serviço do Consolador [Espiritismo]. Arte intimamente relacionada com os princípios fundamentais do Espiritismo, ou seja, com as bases de sustentação para a experiência do Cristianismo Redivivo, em contato direto com o público e na vivência pessoal de cada artista.

Entendendo que a arte é uma forma de o ser humano se expressar a partir de suas percepções, ideias e emoções, nos mais variados meios, entre eles, música, dança, pintura, poesia, teatro, cinema etc. a arte espírita me parece ser a utilização de todos estes meios como veículo a levar os ensinamentos de Jesus pelos esclarecimentos da Doutrina codificada por Kardec.

Essa manifestação tanto pode ser encarada como apenas uma expressão da própria Doutrina Espírita, como também da manifestação do “espírito espírita”, como uma forma de expressar suas vivências, sentimentos, ideais e experiências, adquiridas a partir da prática espírita. Kardec (1973, p. 156), em sua época, já afirmava que

O que há de sublime na arte é a poesia do ideal, que nos transporta para fora da esfera acanhada de nossas atividades. Mas, o ideal paira exatamente nessa região extramaterial onde só se penetra pelo pensamento; que a vista corporal não pode varar, mas que a imaginação concebe.

Essa é apenas uma das visões que existe a respeito da Arte Espírita. Há ainda, aqueles que acreditam que fazer Arte Espírita é antes de tudo vivenciar os ensinamentos e os preceitos da Doutrina de forma plena e reflexiva.

A **dimensão experiencial** dessa prática demonstra que o foco não está apenas no fim do processo, que é a mensagem transmitida através da obra, mas na importância da postura e da consciência do artista de que é sua responsabilidade, antes de tudo, vivenciar aquilo que está apresentando e representando. A respeito disso afirmam que:

Uma arte feita por Espíritos Espíritas. [...] “A boca fala do que está cheio o coração”. Tanto o seu conteúdo, quanto a postura dos artistas que a realizam precisam dar testemunho de seu compromisso com o Evangelho de Jesus e com a Doutrina Espírita.

Arte é a manifestação concreta da expressão do ser, de suas percepções e inspirações, daquilo que crê e sabe, do que interroga e reflete, vive e contempla. Quando esta expressão ocorre com o aporte dos ensinamentos filosóficos e doutrinários espíritas, gera a consciência das potencialidades da arte na obra manifesta, nos que dela usufruem e no próprio artista. Arte que transcende, desperta, purifica, cura, valoriza o ser, com consciência de quem é esse ser, quem é o artista, e o que é a arte que se manifesta, essa é Arte Espírita.

A diferença de uma oratória ou de uma arte que não seja espírita, é que a obra espírita é um convite para que quem a realiza se responsabilize pelo que apresenta de forma vivencial. [...], a arte espírita convida o trabalhador a vivenciar a proposta cristã que apresenta.

É a oportunidade de vivenciar e divulgar a Doutrina Espírita, através da sensibilização do sentimento, e tornar os princípios espíritas conhecidos e exemplificados com arte e amor.

Arte espírita é a expressão dos mais nobres e belos sentimentos e aprendizados que adquirimos ao conhecermos e praticarmos a Doutrina Espírita. Não vejo a arte espírita como um fim em si mesma, mas como um meio de nos conectarmos ao próximo e transmitirmos pensamentos, ideias e emoções elevadas.

Arte Espírita é aquela que toca, que sensibiliza o ser, que faz com que a pessoa interiorize a mensagem e reflita, algo que completa e nos faz cada dia melhores, pois a arte não é somente para os que assistem, é muito para nós que a produzimos e executamos. É um exercício contínuo de aprendizado e responsabilidade, seja ela na área que for, teatro, música, artes plásticas, dança, enfim, todas as vertentes, que possibilitam ao ser expressar-se e transmitir algo belo e que dá prazer em apreciar.

Há também os que acreditam que a Arte Espírita seja uma das formas mais diretas de nos conectarmos com o nosso lado transcendental, seja ele definido apenas por nossos sentimentos, seja por forças divinas e espirituais. Segundo Emmanuel (1999, p. 100)

Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse ‘mais além’ que polariza as esperanças da alma. O artista verdadeiro é sempre o ‘médium’ das belezas eternas e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas mais vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o Infinito e abrindo, em todos os caminhos a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor.

Vista como uma ligação com Deus, com a espiritualidade e com o próximo, muitos consideram que o sentido da Arte Espírita ainda está muito além da nossa compreensão. Em praticamente todas as definições dadas pelos artistas, a **dimensão espiritual** esteve presente, seja através dos sentimentos, seja através da mediunidade²⁰. É através dessa dimensão que o artista espírita se conecta ao que há de mais divino dentro ou fora dele.

Encaro a Arte Espírita como um caminho de expressão do “eu transcendente”, uma forma de olhar as múltiplas possibilidades do indivíduo enquanto responsável por suas escolhas.

Assim como a Doutrina Espírita, a arte espírita também deve promover o crescimento espiritual do ser, tanto por parte do artista como do público, uma vez que nos propomos ser médiuns das belezas eternas, como diz Emmanuel. Temos na arte espírita a oportunidade de permitir transparecer, com a maior fidelidade possível, o sentimento divino do amor, tornarmo-nos instrumentos úteis do Criador. Kardec nos diz que se reconhece o verdadeiro espírita pelos esforços que empreende para domar suas más inclinações, então, com o artista espírita não deve ser diferente. Dessa forma, o mesmo empenho que temos para o desenvolvimento das habilidades técnicas, também é o esforço para o nosso desenvolvimento moral.

²⁰ Mediunidade é a faculdade inerente a todo espírito encarnado que possibilita todos os gêneros de manifestações, meios de comunicação ou conexão com o mundo invisível (plano espiritual) (KARDEC, 2003).

Se cada artista espírita conseguir transcender a mera adesão formal e buscar a verdadeira identificação, no território íntimo, com as ideias espirituais que pretende abraçar, sua arte será o texto, a plasticidade, o movimento, a atuação, a canção e a voz do Consolador junto aos companheiros do caminho.

No caso da Arte Espírita, acreditamos que a **dimensão educativa** e a espiritual, andem “juntas e de mãos dadas”. Por se tratar de uma experiência que tem como um dos pilares mais fundamentais a evolução do homem, ela traz em sua essência uma busca pela educação do ser através do desenvolvimento de sua “consciência moral” e da sua capacidade de refletir e construir aprendizados a partir da própria vida. “A arte é sem dúvida um forte instrumento de educação do Espírito nas suas mais variadas formas e manifestações. A poesia, as histórias, os textos ricos de beleza e cultura são também imprescindíveis para o despertar da sensibilidade e do gosto estético do Espírito” (AMUI, 2007, p. 58).

Essa evolução se dá rumo ao divino. No Espiritismo, quanto mais elevado é o espírito, mais afinado às leis de Deus, ele está. Ou seja, quanto mais ele compreende a Deus, a si, ao outro e ao mundo, mais ele irá conduzir suas ações, pensamentos e sentimentos em direção ao bem e ao belo. A maioria dos depoimentos dos artistas espíritas demonstra a importância dessa dimensão:

É a arte que tem por finalidade contribuir para a melhoria espiritual do homem e o aperfeiçoamento da humanidade! Ressaltamos que é o mesmo objetivo do Espiritismo. Uma arte que se diz espírita e que não tenha este propósito não é verdadeiramente uma arte espírita.

A arte espírita é a mensagem sublime de Deus na alma do ser, é um ato de evangelização. A arte espírita comunica virtudes de maneira agradável e sem imposição para que o homem tenha seu caráter formado para o belo e para o bem.

A Arte, para mim, é importantíssima ferramenta de soerguimento do espírito em direção à luz. Aquilo que nos aproxima do Criador, enquanto co-criadores, nos torna mais leves.

Acredito e concordo com Haroldo Dutra Dias²¹, quando o mesmo ressalta que a arte nos torna mais humanos, mais Espírita, devolvendo-nos a nós mesmos em direção a Deus, que é a maior referência de beleza e perfeição que podemos ter. Somos o maior exemplo de obra-prima capaz de se autoburilar em direção ao eterno. Somos a pedra e o burel, a escultura que vibra o que de mais belo seja capaz de captar e ser em amplitude.

Assim, podemos entender que a arte voltada à procura sincera por Deus, a arte praticada com o interesse de crescimento e esclarecimento do ser, a arte feita com o objetivo de transformação do homem em direção ao alto, como sendo a arte concebida e vivenciada à luz da Doutrina Espírita. Neste entendimento, podemos compreender a arte espírita, a arte praticada dentro de tais valores.

Como um dos princípios da Doutrina Espírita é levar a humanidade à evolução através da educação do ser, e a arte é um meio pelo qual o homem se conecta com o que há de melhor dentro de si e do outro, em busca do bem coletivo, então, a Arte Espírita nasce com a missão de permitir que o indivíduo vivencie experiências educativas e espiritualizadas a ponto de o colocar frente a frente com seus defeitos e qualidades, propiciando uma descoberta de si e estimulando uma transformação do que ele considera que esteja errado. Ou seja, a Arte Espírita permite que a pessoa se conheça a ponto de identificar quais as suas características que não condizem com sua “consciência moral” e auxilia na transformação dessas características contribuindo para a formação/educação de si. É o que se chama, entre os espíritas, de reforma íntima.

É com essa visão, que os nossos *participantes/atores/autores* elaboraram coletivamente, alguns conceitos de Arte Espírita. O processo de criação desses conceitos está detalhadamente explicado no capítulo 03, item 3.1.4. Esse discurso coletivo construído dentro do grupo de pesquisa deste trabalho, considera Arte Espírita como:

Uma forma diferente de educar.

²¹ Acadêmico e palestrante espírita. Esse assunto foi discutido em uma palestra que ele ministrou no 9 Fórum de Artistas Espíritas.

Uma liberdade espiritual, que visa o aprimoramento do indivíduo.

Um recurso de transformar, educar e representar, renovando o indivíduo.

Uma maneira bela, transformadora e transcendente de aperfeiçoamento espiritual.

A forma de expressão mais bela que podemos vivenciar.

O fator de transformação para o indivíduo evoluir através do teatro, da música, da dança e de todas as outras linguagens.

A descoberta de uma possibilidade de educar através do contato com o melhor de si.

Nesse processo, ainda existe a formação do outro (expectador, plateia), que se dá, dentre outras formas, pelo contágio dos sentimentos. A arte tem o poder de tocar, emocionar e conectar as pessoas a um só sentimento, a um só pensamento.

*Uma arte que sensibiliza, que não distorce a visão ou o entendimento de temas preponderantes em nossa sociedade; que, pelo contrário, amplie, facilite a compreensão e, acima de tudo, seja reveladora, rasgue véus. [...] É preciso lembrar que nossos gestos e palavras fecundam mentes, como pondera o espírito Emmanuel no livro *Pensamento e Vida*. Logo, diante de uma plateia, temos um enorme poder.*

Segundo Tolstói (2002, p. 199), esse processo de contágio se dá de forma singela, simples, mas única, é “algo que faz com que nos alegremos com a alegria do outro, sofremos com o seu sofrimento e misturemos nossa alma à dele”. É uma conexão que vai muito além do simples ato de observar ou ouvir, é sentir. Allan Kardec (1973, p. 184) diz que

a música exerce salutar influência sobre a alma e a alma que a concebe também exerce influência sobre a música. A alma virtuosa, que nutre a paixão do bem, do belo, do grandioso e que adquiriu harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as mais endurecidas almas e de comovê-las.

Dewey (2010, p. 119) defende ainda que as emoções já existem dentro de todo ser humano, e que a arte apenas as desperta e aflora, deixando-as alcançáveis. “Na verdade, quando significativas, as emoções são qualidades de uma experiência complexa que se movimenta e se altera”, à medida que passam a ser trabalhadas e modificadas pelo próprio indivíduo.

Há ainda os artistas espíritas que acreditam que o conceito de Arte Espírita está, assim como o próprio ser humano, em constante construção. Assim como há os que defendem a “não conceituação” da arte, demonstrando que mesmo no meio em que a Arte Espírita surge da vivência, as reflexões e os olhares sobre o fenômeno podem se apresentar de formas diferentes, afinal essas experiências são “significadas” a partir do conhecimento de mundo de cada um. (JOSSO, 2010)

Entendo que a arte espírita é aquela que brota espontânea da alma que vive, pensa e sente como Espírito em trânsito educativo nesta Escola dirigida pelo Cristo. Como a maioria de nós, espíritas, ainda estamos aprendendo a viver em consonância com o que sabemos, entendo que a arte espírita é um processo em construção, cuja plenitude será proporcional ao estado de nossa própria realização espiritual.

Arte é arte, e ponto. O que fazemos é uma arte engajada, pois que parte de uma concepção de mundo estabelecida por um corpo de doutrina, logo, somos remetidos a uma estética partida dessa visão cosmogônica.

Mesmo sabendo que essa discussão está longe de ser finalizada neste trabalho, acreditamos que ela é muito importante no percurso de compreensão da realidade. Ao que nos parece, a maioria dos artistas espíritas associados à ABRARTE possuem essa consciência de que ela existe, mas que está, assim como quem a vivencia, em processo de construção.

O importante é que a arte espírita existe e que ela faz a diferença na vida de quem a frui. Considero que seja mais importante a discussão aprofundada sobre uma definição, do que a definição propriamente dita.

Para tentar orientar essa discussão e a própria prática espalhada por todo Brasil, em 2010, a FEB, em comum acordo com as Federativas Estaduais e a ABRARTE, elaborou um documento (ANEXO 1) que lançava questões e direcionamentos a respeito da Arte Espírita. De acordo com este documento, ela é

uma manifestação cultural dos espíritas que se propõem a aliar os princípios e valores éticos e morais do Espiritismo às manifestações artísticas em geral, por meio da arte-educação, a serviço do bem e do belo. A *Arte Espírita* traduz os postulados espíritas em seu conteúdo, na finalidade e na intenção que inspirou o processo criativo e na nascente do coração que se propõe a servir. [...] tem como objetivo a divulgação da Doutrina Espírita, aliada ao entretenimento e à educação, à luz do Consolador prometido pelo Cristo.

No ano de 2012, durante um Conselho Federativo Nacional, houve uma proposta de alteração e revisão do documento. De acordo com o atual presidente da ABRARTE, Cláudio Marins, uma das alterações que mais gerou polêmica foi:

*A alteração no documento, em sua maior parte, do termo ARTE ESPÍRITA para termos similares do tipo ESPIRITISMO E ARTE, ARTE (somente), ARTE E A DIFUSÃO ESPÍRITA etc. Notamos um certo receio na utilização do termo ARTE ESPIRITA. Ficamos preocupados com as restrições criadas para esse termo que foi cunhado pelo próprio Kardec. Ao perguntarmos sobre o porquê disso, informaram-nos que estava havendo um excesso de adjetivações na doutrina tais como: Pedagogia Espírita, Psicologia Espírita etc. Consideramos que explica, mas não justifica as mudanças em questão, mesmo porque cremos ser mais importante nos atermos à “essência” do que poderemos fazer com a arte espírita.*²²

Outra modificação relevante foi a alteração do foco trabalhado pela Arte Espírita, de divulgação, para difusão, da Doutrina. Segundo Cláudio Marins:

Durante o CFN de 2012 aconteceu um momento tenso para nós da Arte Espírita. Estava

²² Trecho de e-mail informativo enviado para a lista do Fórum online pelo presidente Claudio Marins.

sendo aprovado o novo plano de trabalho FEB/CFN 2013-2017²³. Estava sendo proposto trabalhar a arte dentro do item 3 (Comunicação Social Espírita). Quiseram suprimi-la e extinguir a arte do plano de trabalho. Graças a Deus depois de momentos de grande ansiedade e tensão, foi feito um ajuste em que a Arte Espírita passou a fazer parte do item 1 que é a DIFUSÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA. Ela está sendo sugerida nas ações e projetos desse item. É importante não confundir Difusão com Divulgação. A Difusão para o CFN e o Movimento Espírita tem a conotação de: “Difundir a Doutrina Espírita, pelo seu estudo, divulgação e prática”. A divulgação é apenas um item da difusão.

Dessa forma, podemos ver que a Arte Espírita está ganhando “corpo e espírito”, depois de muitos anos sendo pensada, vivenciada e discutida. Ainda existe um caminho bem longo até que ela possa ser completamente compreendida, mas os pequenos passos conquistados diante da FEB e dos próprios espíritas como um todo, são significativos e importantes. O presidente Cláudio Marins finaliza sua fala, deixando uma avaliação bastante positiva a respeito de todo esse processo:

Já está acordado que este documento irá ser dinamizado na forma de campanha do CFN, ou seja, irá chegar dentro de todos os Centros Espíritas. Consideramos isso um avanço, uma vez que irá “validar” a arte frente àqueles dirigentes ainda resistentes à mesma. Sabemos que o documento ainda não é o ideal [...], mas o importante é que elas [as modificações] estão acontecendo, e a ABRARTE está fazendo parte desse processo. Temos dialogado bastante com a FEB. [...] Achamos que ficamos no lucro, pois, pela primeira vez na história do Movimento Espírita, a Arte passa a fazer parte de um Plano de Trabalho Nacional.

Dessa forma, a Arte Espírita vem, aos poucos, galgando os degraus de novas descobertas e proposições. Hoje ela ganhou espaço não só nos grupos de arte, mas também nas atividades dos centros espíritas de todo o país.

²³ O “Plano Nacional de Trabalho” é um documento lançado pela FEB, de cinco em cinco anos, para as Federativas Estaduais, contendo uma série de diretrizes e projetos que direcionam as práticas dos centros espíritas ligados às federações. Para ver o “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro/2013-2017”, acessar: <http://www.fergs.org.br/portal2/wp-content/uploads/2013/01/Plano-de-Trabalho.pdf>.

Admitindo que a Arte Espírita possa ser uma nova forma de vivenciar experiências artísticas educativas e espiritualizadas na busca pela descoberta e formação do ser e do outro, ela passa a existir de forma singular para o homem, ela passa a não ser apenas mais uma expressão artística, mas a própria arte se renovando e alçando vôos mais belos e elevados na transformação do homem, em um “homem de bem” (KARDEC, 2009).

The image features a pair of vibrant red curtains, parted in the center to reveal a white background. Each curtain is gathered at the bottom with a golden-yellow ring. The text is centered within the white space.

SEGUNDO ATO
O UNIVERSO DA
PESQUISA

CAPÍTULO 03 – TESSITURA INTERSUBJETIVA

"[...] o Arte em cena, ele me moldou, me preparou de uma forma completa e transcendente, através de cada peça, de cada texto, de cada ensaio [...]"

Tamara Larripa

Este capítulo está dividido em três itens: os ensaios, o cenário e os personagens. Eles reproduzem a dinâmica de trabalho que era utilizada pelo Arte em Cena. No item **ensaios**, demonstramos como foram feitos os encontros do Círculo Reflexivo Biográfico; no **cenário**, narramos a história do Arte em Cena; e no item **personagens**, apresentamos, por meio de suas próprias palavras, os sete jovens *participantes/atores/autores* da pesquisa que deu origem a esta dissertação.

3.1. Os ensaios: o dia a dia do CRB

Como já foi explicitado na introdução, o Círculo Reflexivo Biográfico (OLINDA, 2010) foi idealizado com base nos círculos de cultura organizados por Paulo Freire, nos ateliês biográficos de projetos de Delory-Momberger e nas dinâmicas grupais de trabalho com experiências de vida em formação desenvolvidas por Christine Josso.

Primeiramente, planejamos como seriam os encontros (local, horário, disponibilidade de todos os *participantes/atores/autores*) e à medida que eles iam acontecendo, íamos observando as necessidades do grupo e planejávamos os encontros seguintes. Uma das maiores dificuldades na pesquisa de campo é estarmos inteiramente atentos a tudo o que acontece. E isso se torna ainda mais difícil quando a pesquisadora (como no meu caso) faz parte do grupo pesquisado.

Nesses casos, o “estranhamento do familiar” é uma necessidade que surge para resguardar o olhar da pesquisadora e a teorização que construímos a partir da prática e de sua análise. Ao mesmo tempo em que conhecer o campo pesquisado facilita a aproximação e a melhor compreensão da realidade, pode configurar-se como um risco de estacionar no pensamento acomodado das impressões que carregamos com o tempo de vivência e

proximidade da situação (DEMO, 2008).

Procuramos, então, equilibrar a aproximação e o afastamento, o estranhamento e a implicação, na medida em que nos permitem o envolvimento necessário para conduzir as atividades e participar das mesmas. Até porque, como o próprio CRB exige do grupo um sentimento de cumplicidade, confiança e segurança, é importante que a pesquisadora que propôs as atividades também participe, mostrando que não existe uma hierarquia e sim uma construção mútua e coletiva.

Um dos artifícios que ajudou nesse processo foi o diário de campo. Durante os encontros, fizemos anotações daquilo que mais nos chamava a atenção e depois desenvolvíamos um diário de campo, no qual colocávamos todas as reflexões sobre o que havia acontecido. Esse, sem dúvida, foi um momento muito rico da pesquisa de campo. Foi quando pudemos ver na prática a maioria das teorias estudadas nos livros e nas aulas do mestrado. Fazer um diálogo entre as falas dos *participantes/atores/atores* com os pensamentos dos teóricos, foi desafiador, pois essas relações precisam estar concisas e bem embasadas. De acordo com Barbosa (2010, p. 46), o diário abre nossa mente para essas conexões, pois ajuda a desenvolver “um olhar plural e multirreferencial”, colaborando, assim, na articulação do sentido. O auxílio é tanto maior, quando

[...] nos permite considerar a escrita a partir de ambas as perspectivas: tanto na ótica de nossa capacidade reflexiva, que nos possibilita não só organizar a dimensão consciente, mas possibilita, e isso é muito interessante, uma comunicação nova entre uma e outra dimensão, a consciente e a inconsciente (Id., *ibid.*).

Além de registro, o diário de campo está diretamente ligado ao processo de formação do sujeito. Ainda segundo Barbosa (2010, p. 17), a escrita é um recurso imprescindível ao alcance de todos, “principalmente quando o que se busca é a instituição de um sujeito capaz de atuar no árduo processo de elaboração de si, da própria subjetividade, de apreensão do movimento interno em sua relação dialética com a dinâmica externa e social”. No caso deste trabalho, o diário serviu, além do que já foi citado, para inspirar e aprofundar reflexões sobre as falas e as produções dos jovens e, por essa relevância, o dia a dia do CRB, aqui apresentado, é fruto dessas escritas.

Nossos encontros aconteceram durante os meses de novembro a dezembro de

2012 e de janeiro a fevereiro de 2013. Fizemos ao todo seis encontros, alguns dos quais acabaram se desmembrando em outros, às vezes, por ter pouco tempo para terminar as atividades (em média 3 a 4 horas por encontro), outras pela falta de algum *participante/ator/autor*. Segue abaixo uma breve descrição de cada momento:

3.1.1. Primeiro encontro²⁴ – a conversa²⁵

Alguns integrantes chegaram atrasados e só conseguimos começar às 19h. Isso se tornou um problema em alguns encontros posteriores, porque os atrasos acabavam diminuindo o pouco tempo que tínhamos e, em alguns casos, comprometeram atividades às quais poderíamos ter dedicado mais atenção.

Aos poucos todos foram chegando, atrasados ou não, e eu fui ficando um pouco apreensiva. Não por medo de algo dar errado, mas nervosa e empolgada pela oportunidade de estar junto com essas pessoas que fizeram, e ainda fazem parte da minha história. São muitos momentos compartilhados e, com certeza, a presença de todos foi fundamental para a construção da narrativa e dos aprendizados de cada um, porque, como diria Josso (2010, p. 35), “os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades”.

Primeiramente, e antes de entrar no processo em si, gostaria de destacar e refletir sobre a empolgação com que as pessoas estavam recebendo essa proposta. A Tamara e a Marina foram as primeiras a chegar. Elas demonstraram muito interesse e satisfação de estarem fazendo parte desse trabalho. Josso (2010) defende que esse envolvimento, essa implicação, é fundamental para que o processo de conhecimento e (trans)formação de si aconteça. Essa dedicação deles, só aumentou a cada encontro, e isso foi fundamental para o desenvolvimento do CRB.

²⁴ Peço licença ao leitor para sair do padrão que vinha seguindo durante todo o trabalho (uso da primeira pessoa do plural) para utilizar a primeira pessoa do singular, apenas nas descrições dos encontros do CRB, pois se trata de um texto retirado e adaptado do meu diário de campo e gostaria de preservar esse aspecto mais intimista e descritivo que o texto possui.

²⁵ O encontro foi realizado no dia 13 de novembro de 2012, na Faculdade de Educação (FACED - UFC), das 18h00 às 22h00.

No início, passamos algum tempo conversando e relembrando coisas que vivenciamos no passado, coisas relacionadas ao Arte em Cena e à Mocidade Espírita Paulo e Estevão. O sentimento que predominou foi de saudade e de felicidade por ter feito parte de algo tão bom e belo. A Tamara chegou a observar: “teremos que marcar uma hora a mais do encontro só para atualizar as fofocas e as novidades”. Esse momento, que alguns podem considerar apenas uma conversa informal, mostrou-se fundamental para construir o ambiente necessário para que as atividades do CRB se desenvolvessem da melhor forma possível. Além do que, eles fazem parte do processo de rememoração e reflexão sobre o vivido, partindo do fato de que

a situação de construção da narrativa de formação, independente dos procedimentos adotados, oferece-se como uma experiência formadora em potencial, essencialmente porque o aprendente questiona suas identidades a partir de vários níveis de atividade e de registro (JOSSO, 2010, p. 36).

Exatamente por entender a importância desses momentos, todos eles foram devidamente registrados (gravados, filmados e fotografados). No início eles se sentiram um pouco inibidos com a presença dos equipamentos. Chegaram até a comentar que se sentiam coagidos ao ter de “falar com a câmera”. Para driblar isso, fizemos uma espécie de exercício de familiarização com os equipamentos. Propusemos que eles levassem suas próprias câmeras para registrar as atividades. Alguns levaram *notebook*, outros levaram *tablets*, e eles mesmos ajudaram a filmar, gravar e fotografar tudo que acontecia. Esse engajamento era não só pela amizade, mas pela vontade de abraçar e mergulhar nos objetivos deste trabalho. Claro que, para alguns, esse envolvimento era mais intenso e constante do que para outros, mas a maioria se mostrou totalmente disponível a realizar tudo aquilo que a pesquisa propunha.

Depois que todos chegaram, entreguei para cada um o roteiro (Apêndice 03) do que iríamos fazer e lemos juntos. Eu expliquei rapidamente o que seria cada item e começamos com a dinâmica intitulada “Caminhando por si”²⁶. O objetivo da dinâmica era fazê-los olhar para si e rememorar algumas experiências significativas das suas vidas.

A condução foi a seguinte: pedi que eles tomassem consciência do seu próprio corpo, lembrando que ele carrega também uma memória da nossa história (JOSSO, 2010).

²⁶ A maioria dessas dinâmicas foi criada por mim e pela minha orientadora, professora Ercília Olinda, atendendo às necessidades de cada encontro e do grupo em si.

Depois de perceber o corpo, pedi que eles se transportassem para a frente de uma porta da forma, da cor e do tamanho que eles preferissem. Essa porta os levou até o interior deles mesmos. Então, orientei que eles imaginassem o seu interior do jeito que eles achassem melhor. Dei um tempo para que eles caminhassem por dentro de si e descobrissem várias coisas que poderiam estar lá dentro. Conduzi-os até uma sala em cuja porta estava escrito “Memórias”. Eles entraram e, lá dentro, encontraram diversas caixas com nomes como “família”, “trabalho”, “amigos”, “arte”, “religião” e no meio dessas caixas eles avistaram uma caixinha chamada “Arte em Cena”.

Eles abriram a caixa e lá encontraram várias recordações da época em que participaram do grupo. Sorrisos, brigas, apresentações, amigos, tudo o que viesse a sua memória estava naquela caixinha. Quando eles abriram os olhos havia uma caixinha de madeira na frente de cada um com o nome “Arte em Cena” escrito na tampa. Dentro dela havia vários pedaços de papel e eu solicitei que eles escrevessem nesses papéis todas as lembranças vividas no grupo que eles consideravam marcantes e relevantes. Indiquei que essas memórias iam ser importantes no momento da narrativa, pois poderiam se configurar como o que Josso (2010, p. 37) chama de “recordação-referência”, ou seja, recordações

simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência, significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores. A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí para a frente, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida.

Após a dinâmica, apresentei o projeto de pesquisa, para que eles compreendessem os objetivos e os processos que iríamos construir, e esclareci as dúvidas que surgiram. Nesse ínterim, uma fala me chamou atenção. O Allan, após ter lido uma citação da autora Delory-Momberger, sobre a importância da narrativa para a nossa história de vida, comentou: “Isso é tão evangelização de espíritos!”. Ele estava se referindo à metodologia criada pelo educador mineiro Eurípedes Barsanulfo, que tem como foco e objetivo principal a educação do ser espiritual através das experiências que ele vive na Terra (AMUI, 2007).

A relação estabelecida pelo Allan parte do princípio de que a pesquisa (auto)biográfica, traz em seu campo de estudo uma proposta formativa do ser a partir do

conhecimento e da transformação de si, a qual demonstra que os aprendizados adquiridos possuem suas raízes nas experiências vividas. A Evangelização de Espíritos propõe exatamente isso, porém ampliando apenas a visão do homem enquanto ser espiritual portador de diversas experiências não só dessa vida presente, mas de outras encarnações.

Depois da apresentação do projeto, fizemos o acordo do CRB²⁷. Eu levei um esboço, para que alguns aspectos necessários da pesquisa pudessem ser abordados e para que já tivéssemos um direcionamento que apenas modificaríamos e adaptaríamos a esse grupo. Fomos elaborando item por item e dialogando sobre eles. A primeira modificação que eles propuseram foi colocar a palavra transcender-se no lugar de “ser mais” no primeiro item. Discutimos a respeito do momento de “pressão narrativa” (DELORY-MOMBERGER, 2008), e mudamos, como já explicado na Introdução deste trabalho, a nomenclatura para colaboração narrativa por acreditar que ficaria menos “agressivo”.

Fizemos um calendário para os próximos encontros, com datas em que todos pudessem estar presentes. Eu achei muito interessante como eles se apropriaram desse processo. Eles dialogaram entre si, a fim de saber qual seria a melhor forma para todos. Realmente assumiram o papel de *participantes/atores/autores* do processo, pois se envolveram a ponto de decidirem por eles mesmos as datas e me proporem que, caso não houvesse tempo para terminar com aquela quantidade de encontros, faríamos outros. Eu me senti bastante segura enquanto mediadora de um grupo que soube dar o devido valor e a importância que esse processo merece na formação de cada um. Tanto, que eu levei uma questão disparadora das narrativas e eles me propuseram uma alteração.

A questão que eu levei foi: “Qual o significado da Arte Espírita na minha formação?”. Eles acharam que estava muito “vago”. O Romário propôs que fizéssemos uma questão mais direta, para que a narrativa não se perdesse em outros rumos e englobasse as experiências de todos eles enquanto jovens pertencentes ao grupo Arte em Cena. Depois de debater a respeito dos objetivos da pesquisa e de como poderíamos contribuir para não nos desviarmos do foco, a questão norteadora proposta e escolhida por todos foi: “Qual o significado da Arte Espírita, vivenciada na minha juventude, para minha formação?”.

Em seguida, realizamos a dinâmica “Uma imagem de quem sou”. Pedi que, em um papel, eles desenhasssem uma imagem que os representasse. Elas serão abordadas e

²⁷ Documento elaborado e assinado por todos, constando as regras e condutas do CRB.

contempladas no item “Os personagens”.

Terminei o encontro bastante satisfeita, feliz com o reencontro de amigos que há muito não via, porém mais feliz ainda por acreditar que, daquele reencontro, experiências verdadeiramente formativas poderiam surgir. E surgiram.

3.1.2. Segundo encontro – a confecção da mandala²⁸

Esse encontro foi dedicado à confecção de mandalas que respondessem à questão: “Quem sou eu?”. Cheguei mais cedo do que o horário combinado e organizei todo o material no chão da sala. Eu quis criar um ambiente confortável, tranquilo e introspectivo para que eles pudessem realmente “se encontrar” com aqueles/através daqueles/naqueles elementos.

Ao chegarem, percebi um ar de empolgação. Eu havia pedido que viessem com roupas confortáveis para esse encontro, pois faríamos uma atividade utilizando o corpo. No início, conduzi uma vivência chamada “estranhamento”. Essa fase de “despertar consciencial” é muito importante em todos os encontros do CRB, pois é nela que conseguimos voltar a atenção e o foco dos *participantes/atores/autores* para as atividades e as reflexões propostas (OLINDA, 2010).

Primeiramente, eles foram convidados a andar pelo salão e observar e estranhar tudo que estava em volta deles. Depois, pedi que eles observassem e estranhassem o grupo, o outro. Em seguida, observar e estranhar seu próprio corpo. E finalmente, seu interior. Pensamos e elaboramos essa dinâmica, eu e a professora Ercília Olinda, com o intuito de fazê-los diminuir o ritmo do dia a dia e olhar um pouco para si. Não com um olhar acomodado de quem possui a ingenuidade de achar que já sabe de tudo, mas com um sentimento de estranheza que gera uma necessidade pela busca do conhecimento e do reconhecimento.

²⁸ O encontro foi realizado no dia 23 de novembro de 2012, na Faced, das 18h00 às 22h00.

Foto 1 - Dinâmica "estranhamento"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 2 - Dinâmica "estranhamento"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 3 - Dinâmica "estranhamento"



Fonte: Arquivos do CRB . Foto: Larissa Bezerra

Foto 4 - Dinâmica "estranhamento"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Após a dinâmica, partimos para a próxima etapa: a confecção da mandala. Pedimos que cada um pegasse um círculo de papel e fosse compondo, com imagens recortadas, desenhos, colagem etc., elementos que pudessem, de alguma forma, responder à questão “Quem sou eu?”. Interessante destacar que, para alguns, o processo foi tranquilo e fluíu de forma bem espontânea. Já para outros, o espaço vazio entre o pensar e a produção, denunciavam a dificuldade que tinham em se autodefinir. Acredito que essa facilidade de alguns é fruto de uma prática de reflexões que eles já trazem de experiências anteriores, afinal de contas, esse exercício de autoconhecimento não é fácil.

A composição da mandala demorou cerca de uma hora e meia. Os resultados foram surpreendentes.

Fotos 5, 6 e 7 - Dinâmica "estranhamento"



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Larissa Bezerra



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Larissa Bezerra



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Larissa Bezerra

Depois que todos haviam terminado, sentamos em círculo e expusemos nossas mandalas, explicando o que cada detalhe representava de nós mesmos. Essa “figuração de si” gerou uma espécie de definição simbólica e “não linear” de cada um, a qual permitiu que os aspectos das suas subjetividades surgissem nos elementos visuais da mandala (DELORY-MOMBERGER, 2008).

3.1.3. Terceiro encontro – a narrativa de si²⁹

Cheguei ao GEPE por volta das 14h. O ambiente já parecia ter sido preparado para as atividades que iríamos realizar. O clima estava tranquilo, o salão arrumado, iluminado e limpo. Liguei o *data-show* e projetei uma série de fotos e vídeos da época em que frequentávamos o Arte em Cena. Espalhei sobre a mesa, peças, fotos, recadinhos, livros, cadernos, crachás de eventos, cartões, tudo o que eu havia guardado daquela época. À medida que os jovens foram chegando e colocando, também, suas lembranças sobre a mesa, começamos a grande “partilha de memórias”. A cada novo item, várias histórias iam sendo lembradas e narradas. De maneira bem informal, foi um dos momentos mais divertidos do

²⁹ O encontro foi realizado no dia 02 de dezembro de 2012, no Grupo Espírita Paulo e Estevão (GEPE), das 14h00 às 18h00.

CRB. Ele serviu não só para lembrar fatos que foram importantes nas narrativas, mas também para apertar os laços de amizade e confiança que estavam um pouco “frouxos”, por causa do tempo e da distância.

Acredito que outro fator que contribuiu bastante para que esse momento fosse o mais produtivo possível foi o local. Aquele era o salão onde nós vivenciamos a maioria das experiências no Arte em Cena. O palco, as paredes, as cadeiras, tudo fazia parte da “partilha”, tudo narrava uma história. “O palco sempre foi desse tamanho? Eu lembrava dele bem maior!”; “Vocês lembram o tanto de coisa que a gente fez nesse salão?” e “Gente, faz tempo, mas parece que foi ontem!”. Esses e outros comentários enfatizaram a importância desse momento para o restante do processo.

Uma das coisas que mais chamou a atenção deles, além das fotos, foram as peças. Eles observaram atentamente os papéis e foram lembrando os personagens que faziam, as apresentações e todo o contexto que envolvia aquelas obras. A maioria, foi escrita pelo Allan Denizard, então, acredito que, para ele, a emoção foi ainda mais intensa. Reencontrar com peças que ele havia escrito, algumas até perdidas na memória, e que, de certa forma, como ele mesmo comentou, são reflexos de momentos que ele estava vivendo àquela época, tornou aquilo uma experiência única.

A sensação que surgiu em todos nós foi a de que fazíamos tudo aquilo de forma tão espontânea e verdadeira, que não tínhamos noção do quanto aquilo se tornou importante na nossa vida. Justamente para refletir sobre isso e sobre os aprendizados que construímos a partir dessa experiência, passamos para a fase da “biografização” (DELORY-MOMBERGER, 2008), ou seja, ação de narrar relatos de vida com a finalidade de observar e refletir sobre processos formativos.

O cenário das “narrativas de si” foi o velho e bom palco. Ele foi escolhido por ter um significado importante nesse processo. Durante muitos domingos da nossa vida, aquele palco foi não só uma casa, mas também um mundo novo em constante transformação. A dimensão daquele lugar fica explícita até nas falas dos jovens, como no comentário da Aline Rodrigues, logo no início da sua narrativa:

Primeiro, esse palco sempre foi desse tamanho? Gente, eu sempre achei que ele fosse maior

(risos), porque a gente fazia tanta coisa aqui neste pequeno lugar, que, eu juro pra vocês, estando aqui hoje, eu imaginava que ele era bem maior. Nós já fizemos este lugar ser casa, ser sala, ser tanta coisa.

Quando fomos iniciar as narrativas, a Marina Leite propôs que iniciássemos a atividade da mesma maneira que iniciávamos os encontros do Arte em Cena, com uma prece. Demos as mãos e o Allan Denizard a fez. Sentamos no palco e eu expliquei como seria esse processo. O Allan se propôs a ser o primeiro. Ele foi o único que reclamou de termos apenas 30 minutos para narrar. Por ele, passaríamos a tarde inteira falando. Depois, foi a vez do João Romário. O interessante, é que, a cada narrativa, as pessoas ficavam mais empolgadas e ansiosas para comentar sobre os fatos narrados pelos colegas.

É incrível: quando você começa a observar a narrativa do outro, você vai se enxergando e se lembrando de várias coisas, porque aquilo também aconteceu com você, mas o outro traz outro olhar sobre o mesmo fato! (Tamara Larripa)

Não pode falar nada, nada? É tão difícil ficar calado quando o outro “tá” narrando, porque a gente participou dos mesmos momentos e a gente quer compartilhar de alguma forma. Mas realmente não dá pra falar não... Porque, se fôssemos falar, iria virar um diálogo e não uma narrativa. A pessoa que “tá” falando iria se tornar apenas mais um elemento do diálogo, e não o foco da narrativa. (Allan Denizard)

Com as narrativas, compartilhamos não só lembranças, mas também lágrimas e sorrisos. Foi um momento realmente de encontro e reencontro com pessoas, memórias, emoções, sentimentos, fatos, aprendizados, amizade e amor.

Assim, a sequência de narrativas seguiu com Tamara Larripa, Marina Leite, Aline Rodrigues, Lucas Moura e Larissa Bezerra. A maioria não utilizou o limite do tempo que era disponível (30 minutos). No começo, fiquei me perguntando se deveria ter insistido para que eles falassem mais, ou para que usassem os 30 minutos inteiros. Mas acabei deixando-os à vontade e, quando julgava necessário, acabava pedindo que eles se falassem a respeito de um ou outro ponto. Eles mesmos sentiram essa necessidade depois de finalizar suas narrativas. A

Tamara e a Aline, depois de já terem finalizado suas narrativas, solicitaram que acrescentássemos alguns fatos que elas haviam lembrado só depois.

Ao término de cada narrativa, o comentário unânime era: "eu não falei NADA do que tinha planejado falar". Conversamos um pouco sobre isso e eu aconselhei que eles pudessem refletir sobre o que havia "surgido" na narrativa, sem ser planejado, e o que havia ficado de fora. Algumas questões propostas para que eles pensassem foram: Porque "aquelas" memórias específicas surgiram? Porque não outras? Porque elas foram faladas naquela sequência cronológica? Porque eu não falei mais, se eu tinha um tempo bem maior? Porque eu falei tanto e teria muito mais para falar?

Aconselhei a todos que refletissem e questionassem tudo, porque esse era o momento. Afinal,

falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é "vivido" na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, nesse *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (JOSSO, 2010, p. 47 e 48)

Cada um levou uma cópia de sua narrativa gravada. Pedi que transcrevessem e levassem no próximo encontro. Assim encerramos esse encontro com um sentimento de felicidade, uma vontade de permanecer mais um tempo ali e uma certeza de que os laços que outrora nos uniam nunca deixaram de existir.

3.1.4 Quarto encontro (1) – a colaboração narrativa³⁰

Esse encontro foi marcado na minha residência, para que pudéssemos ter mais tempo e mais privacidade para o desenvolvimento das atividades. O momento da colaboração narrativa necessitava dessa dedicação. Dois dos *participantes/atores/autores* não puderam comparecer por motivo de trabalho, o Allan e a Tamara. Então eu marquei somente com eles

³⁰ O encontro foi realizado no dia 14 de Dezembro de 2012, na minha residência, das 18h00 às 22h00.

um novo encontro, para que não atrasasse o andamento do trabalho.

Primeiramente, como exercício de “despertar consciencial”, propus uma dinâmica chamada “O olhar coletivo”. O objetivo da dinâmica era pensar coletivamente alguns conceitos de Arte Espírita. Sentamo-nos em círculo à mesa, e cada um recebeu um pedaço de papel em cujo topo havia grafado “Arte Espírita, para mim, é...”. Cada um deveria colocar apenas uma palavra e passar o papel para a pessoa da direita. À medida que íamos recebendo os papéis dos colegas, escrevíamos mais uma palavra e passávamos para o próximo. As palavras deveriam formar uma frase coerente e coesa, a respeito do conceito de Arte Espírita. Os conceitos elaborados nessa dinâmica serão apresentados mais adiante, juntamente com os personagens, em forma de epígrafe. Vale lembrar que eles são um conceito construído coletivamente, e não uma fala de uma pessoa específica.

Foto 8 - Dinâmica "O olhar coletivo"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 9 - Dinâmica "O olhar coletivo"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Assim que finalizamos a dinâmica, começamos o processo de colaboração narrativa. O sentimento de estranhamento ao se ver e ouvir no vídeo da narrativa foi unânime. Muitos tiveram até certa resistência à transcrição por não se sentirem à vontade com sua própria fala ou imagem. Após comentar sobre as sensações e impressões da transcrição, de um por um, fomos lendo nossas narrativas, e, dessa vez, os outros podiam intervir, questionar, comentar e instigar reflexões a respeito dos fatos narrados. É nessa fase do processo que encontramos “a dialética entre o individual e o coletivo, mas desta vez sob a forma de uma polaridade; de um lado, empenhamos a nossa interpretação (nos autointerpretamos) e, por outro, procuramos no diálogo com os outros uma cointerpretação da nossa experiência” (JOSSO, 2010, p. 54).

Esse momento aconteceu de forma que cada “intervenção colaborativa” era devidamente registrada, para que, num momento posterior, o narrador, sozinho, pudesse refletir, reordenar e reescrever sua narrativa, afim de transformar tudo isso numa biografia educativa (DELORY-MOMBERGER, 2008). Ao fim desse encontro, cada um levou para casa, a tarefa de observar, reler e refletir sobre as colaborações dos colegas e decidir se quer acrescentar, retirar ou modificar seu texto.

3.1.5 Quarto encontro (2) – a colaboração narrativa³¹

Esse encontro foi igual ao anterior, mas contando apenas com a minha presença, a do Allan e a da Tamara. Nós três fizemos o mesmo processo da dinâmica e da colaboração narrativa. Porém, nesse encontro houve uma particularidade que me chamou atenção. As análises, reflexões e contribuições foram mais recorrentes e aprofundadas do que as do encontro anterior. Acredito que isso se deu, não só pela personalidade mais detalhista dos presentes, mas pelo número reduzido de *participantes/atores/autores* nesse encontro. Provando, assim, que, nessa fase, quanto menor o grupo, maior a colaboração.

3.1.6. Quinto encontro – o caminho³²

Encontramo-nos mais uma vez no GEPE, em busca de um ambiente mais propício para uma atividade intimista e complexa, chamada “(Re)elaborando seu caminho”.

O primeiro ponto discutido foi a necessidade de mais um encontro, para que a próxima atividade fosse realizada sem pressa e que o processo de debruçar sobre si fosse completo o suficiente para gerar as reflexões necessárias. Decidimos dividir o grupo em dois, para que, em menor quantidade, pudessem desenvolver um trabalho mais aprofundado. Os grupos ficaram divididos assim: Romário, Tamara e Larissa (grupo 1), Lucas, Aline, Allan e Marina (grupo 2). Tentamos formar dois grupos diferentes dos que foram formados no

³¹ O encontro foi realizado no dia 19 de dezembro de 2012, na Faced, das 13h00 às 18h00.

³² O encontro foi realizado no dia 13 de janeiro de 2013, no Grupo Espírita Paulo e Estevão (GEPE), das 14h00 às 18h00.

momento da colaboração narrativa para que, de certa forma, novas colaborações pudessem surgir do diálogo entre diferentes pessoas.

Novamente iniciamos o encontro fazendo uma prece e lendo um trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo. O Evangelho foi solicitado, porque era isso que fazíamos todos os domingos, antes de começar as reuniões do Arte em Cena. Na maioria das vezes, o que líamos estava diretamente relacionado com algo que o grupo estava vivendo naquele momento. Abrimos aleatoriamente o livro e a passagem que apareceu foi: O parentesco corporal e o parentesco espiritual. Ela fala sobre a família de sangue e a família de espírito. O Allan comentou que achava que havia sido sorteado esse trecho para nos mostrar que ainda formamos uma família, a família Arte em Cena. Esse sentimento de pertencimento, de reconhecimento, de companheirismo e amizade se expressa na maioria das narrativas de forma bem enfática, como no caso da Marina:

Foram nessas vivências que conheci quase a totalidade dos meus grandes amigos. A Edillany, a Tatiana, o Arthur, todos vocês que participaram deste projeto e tantos outros, pois, apesar de as intempéries da vida nos afastar fisicamente, o carinho e o desejo da felicidade do próximo é tamanho, que parece que somos membros da mesma família. [...] E houve tantos outros aspectos importantes, tais como o companheirismo e a união que nos permitiu desenvolver um trabalho sério, recheado de alegria, formando uma família eterna, a família Arte em Cena, pois “uma vez Arte em Cena, sempre Arte em Cena”.

Foi nesse clima que iniciamos o nosso 5º encontro. Primeiro, fizemos uma dinâmica de relaxamento para que eles pudessem se concentrar ainda mais na atividade. Pedi que eles fechassem os olhos e os conduzi a caminhar pela estrada de suas vidas. Observar por onde eles já haviam passado, as curvas, os atalhos, os outros caminhos que apareceram, as experiências que tiveram e que mudaram o sentido já traçado. No meio do caminho, solicitei que eles chegassem até o ponto onde o Arte em Cena começava a fazer parte da trajetória de cada um. Pedi que parassem naquele local e observassem com atenção o que aquele marco significava para eles. Depois, eles continuaram caminhando até chegar aos dias de hoje.

Após todo esse processo, iniciamos o “(Re)elaborando seu caminho”. Cada um pegou uma cartolina e desenhou uma representação de sua trajetória, da forma que quisesse.

Como a atividade estava dentro de um contexto de pesquisa, solicitei que destacassem o Arte em Cena nesse caminho. Alertei para que observassem se, após o Arte em Cena, algo em suas vidas havia mudado ou se continuava da mesma forma. Indiquei que era importante pensar no futuro, não deixando de se questionar “para onde eu gostaria que esse caminho me levasse?”. Destaquei, também, que eles deveriam utilizar as cores para expressar e representar emoções, sentimentos e aprendizados.

Coloquei uma música bem reflexiva, daquelas que nos remetem a longos caminhos por estradas deslumbrantes, e começamos a desenhar. Particularmente, o meu surgiu na hora. Foi como um passe de mágica. Eu não havia parado para pensar em como faria o meu caminho. Na verdade é bem difícil animar³³ e participar de um CRB. São muitas responsabilidades, e parar para pensar em si e vivenciar esse processo de forma profunda é um pouco difícil. Mas, com o suporte e a dedicação que os *participantes/atores/autores* mostraram, tudo fluiu de forma tranquila. O caminho e a narrativa deles revelam muito de mim. É como se a minha história se refletisse na deles, como se eu “me observasse através dos olhos deles” (DELORY-MOMBERGER, 2008; JOSSO, 2010).

Passou-se mais ou menos uma hora e eles foram finalizando aos poucos. Alguns fizeram umas brincadeirinhas de antigamente, implicando com os outros, jogando borracha e fazendo piadas. Novamente me vi buscando um equilíbrio de deixar que as coisas acontecessem naturalmente, ou seja, não reprimir as manifestações deles, estando, ao mesmo tempo, em constante estado de alerta, para que mantivéssemos a seriedade que a atividade demandava.

Fiquei encantada com os caminhos. Achava que no fim, eles acabariam sendo similares, já que estamos tratando de uma experiência comum a todos eles. Mas os caminhos foram totalmente diferentes uns dos outros, demonstrando que, apesar de termos vivenciado as mesmas situações, o significado daquelas experiências e os aprendizados que elas trouxeram para os nossos caminhos é construído por cada um de forma singular.

Depois de finalizados, a proposta era que cada um apresentasse e explicasse seu caminho para os colegas. Porém, algo interessante e inusitado aconteceu. O Romário pegou o caminho dele e disse: “Antes de eu começar a explicar, me digam o que vocês acham que é o

³³ Josso (2010) chama de animar a ação de conduzir as atividades dos grupos de trabalho com experiências de vida em formação. Animador é o pesquisador responsável por conduzir. Olinda (2010) aderiu a nomenclatura quando idealizou o CRB.

meu caminho... interpretem-no!”. Achei isso fantástico. Todos já conheciam as narrativas dos outros, mas a experiência de observar aquilo representado por desenhos, imagens, cores, formas e palavras funcionou como uma espécie de aproximação com sua própria história, através da interpretação do outro e dele mesmo. (DELORY-MOMBERGER, 2008)

Decidimos adotar esse processo para todas as outras apresentações. Sobre essas questões de improviso, que surgem durante o trabalho de campo, Josso (2010) afirma que é bom e saudável para a pesquisa. Adequar os procedimentos às necessidades e aos anseios dos *participantes/atores/autores* é indispensável para assegurar um bom desenvolvimento do trabalho. Para isso, é preciso ter um olhar atento e uma sensibilidade aguçada, para identificar o que pode ou não ser inserido, retirado ou modificado.

Sendo assim, as apresentações se deram da seguinte forma: primeiramente todos observavam o caminho do colega e interpretavam o que seria cada elemento. Em alguns momentos, as pessoas davam significados a elementos que nem o próprio autor havia considerado, revelando que o olhar do outro, em muitos momentos, é decisivo no [re]conhecimento da nossa própria história. O Romário, por exemplo, no seu caminho, representou várias ondas que mudavam de sentido à medida que ele mudava o direcionamento da sua vida (seus objetivos, planos, aspirações). O Allan fez um comentário que surpreendeu o próprio Romário, dizendo que:

A onda que representa o Arte em Cena é o momento em que a sua vida começou a se “organizar”, por isso a onda estava mais harmônica. Já a onda final, a de hoje em dia, está levando você na mesma direção que a onda do Arte em Cena apontava.

Dessa forma, os caminhos foram sendo (re)interpretados e (re)elaborados de forma coletiva e compartilhada. Ao fim do processo, indaguei como eles estavam se sentindo e o que haviam achado da atividade. O Romário disse que estava sendo algo muito interessante e diferente. O Allan e a Tamara disseram que estava sendo muito rico, porque dificilmente nós paramos na correria do nosso dia a dia para pensar na nossa vida, nos nossos sentimentos, nos nossos aprendizados e na nossa história. O Lucas comentou que havia sentido muita dificuldade no começo, mas quando teve a ideia da tablatura, as coisas fluíram.

Acredito que o exercício que se faz de parar tudo para pensar na sua história e

organizar isso dentro de um desenho é um esforço grande que fazemos para compreender o nosso caminho, a nossa história. Se esse esforço for dedicado e contínuo, a reflexão a respeito da vida e dos nossos aprendizados, certamente ficaria muito mais simples e natural.

Para finalizar, o que mais me chamou a atenção nesse encontro, foi um comentário que o Allan fez após todo o processo. Ele disse que essa atividade tinha feito com que ele resgatasse o sentimento de estar novamente no Arte em Cena e na MEPE, porque lá era o único lugar que ele tinha para falar de si, da sua vida, dos seus problemas, dos seus pensamentos e sentimentos. Essa afirmação revela um pouco da dimensão e da importância que aquela experiência teve em nossas vidas.

Os caminhos serão apresentados e analisados no capítulo 04, intitulado Arte em Cena e suas Produções de Saberes: Narrativas de uma Experiência Formativa, mas especificadamente no item 4.1, cujo nome é A peça: Os aprendizados experienciais e os projetos vitais, antes, durante e depois do palco.

3.1.7. Sexto encontro (1) – a árvore³⁴

Nesse encontro nós construímos a árvore dos nossos aprendizados. Cheguei bem cedo ao local marcado e preparei a sala com o espaço que iríamos utilizar. Esperei que eles chegassem e começamos com uma dinâmica de relaxamento e concentração chamada “Criando raízes”. Coloquei uma música bem relaxante com sons da natureza e pedi que eles sentassem ou deitassem no chão. Esse contato com o chão, por mais superficial que ele fosse, no momento, era muito importante para que eles se sentissem de alguma forma conectados com a Terra. De olhos fechados, eu os conduzi a uma caminhada até uma grande árvore, a maior que eles já viram na vida. Convidei-os a observá-la atentamente, detalhe por detalhe. Pedi que a tocassem, sentissem os aromas, os sons, a textura, que apreendessem tudo que aquele momento estava lhes dando e, alguns segundos depois, que eles se transformassem na própria árvore. Solicitei que eles sentissem suas raízes fincadas no solo firme, lembrando todas as experiências que lhes foram extremamente fundantes de quem são atualmente. Ao longo de seus troncos, eles puderam observar as experiências que foram significativas no decorrer de suas vidas e, na copa, encontraram as conquistas, os sonhos e planos que fizeram

³⁴ O encontro foi realizado no dia 24 de janeiro de 2013, na Faced, das 14h00 às 18h00.

para o futuro (OLINDA, 2010).

Ainda de olhos fechados, li para eles um trecho de um texto do autor Hermann Hesse (1978, p. 19) chamado *Árvore*, que fala sobre o que as árvores podem nos ensinar sobre a importância das experiências da vida. O trecho dizia o seguinte:

As árvores sempre foram para mim os oradores mais convincentes. Eu as venero entre suas famílias e povos, as florestas e os bosques, mas, ainda mais as adoro quando estão a sós. Então são como os seres solitários, mas não como eremitas que por causa de alguma fraqueza se isolaram, mas como os grandes homens solitários: como Beethoven e Nietzsche. Em suas copas cicia o mundo, suas raízes jazem no infinito. Solitárias, elas não se perdem, senão com toda a força de seu ser procuram a única meta, preencher a sua própria lei desenvolvendo suas formas e se auto-representando. Não existe nada mais santo, mais exemplar do que uma bela e forte árvore. Quando uma árvore é cortada e seu ferimento mortal fica exposto ao sol, então é possível ler-se em seu toco, que ao mesmo tempo lhe serve como lápide, toda a sua história. No cerne e nas ramificações encontra-se fielmente descrita toda a luta, todo o sofrimento, todas as doenças, toda a felicidade e todo o seu desenvolvimento nos anos ruins e nos anos fortes, nas agressões e nas tempestades sobrevividas. Todo jovem camponês conhece a madeira mais forte e nobre pelos seus anéis de vida mais unidos, e que é lá no alto das montanhas, desafiando os mais constantes perigos, que crescem os troncos mais exemplares, mais fortes e resistentes. Árvores são relíquias. Quem sabe como falar-lhes, ouvi-las, esse conhece a verdade. Elas não pregam ensinamentos e receitas, pregam isoladamente a primária lei da vida.

Após o texto, espalhei no chão da sala vários modelos de árvores desenhados em um papel madeira grande e pedi que cada um escolhesse a que mais lhe representava. Com suas árvores em mãos, demos início ao exercício “Frutos das experiências”. Cada um leu a sua biografia educativa “finalizada”³⁵, e os outros tinham a tarefa de destacar e classificar, em pedaços de papéis coloridos, os tipos de experiência que iam surgindo no texto lido. Os papéis de cor rósea eram para as experiências fundantes, ou seja, aquelas que foram decisivas para formar quem somos hoje; esses foram para a raiz. Os papéis brancos eram para as experiências formadoras, ou significantes, aquelas que foram importantes e que sustentam; esses foram para o tronco. E os papéis amarelos eram para as conquistas, os sonhos e os planos futuros, os projetos que eles pretendiam alcançar; esses foram para a copa da árvore.

³⁵ As aspas destacam a compreensão de que a biografia educativa nunca se encontra completamente finalizada. Assim como seu autor, ela está em constante transformação e construção.

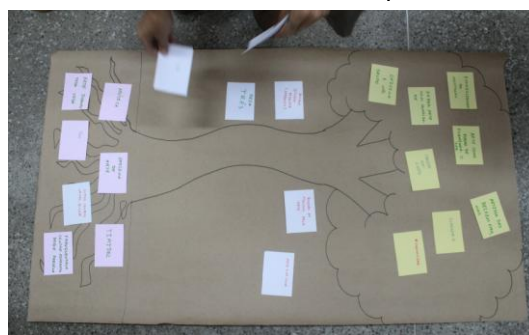
Depois que todos terminaram de ler suas narrativas, receberam as experiências classificadas pelos colegas, e foi a vez destes de reclassificá-las. Eles reagruparam as experiências da forma que acharam melhor e, durante esse processo, puderam pensar e repensar cada experiência em particular destacada pelos colegas. “Esse trabalho de explicitação, para si mesmo, do que se passou, começa progressivamente na procura de uma formalização, de uma simbolização, que será negociada com os outros”, e é nessa relação que eles se encontram (JOSSO, 2010, p. 54).

Foto 10 - Dinâmica "Frutos das experiências"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 11 - Dinâmica "Frutos das experiências"



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

3.1.8. Sexto encontro (2) – a árvore³⁶

O desenvolvimento da atividade foi igual ao encontro anterior com o grupo um. A única diferença é que, por ter mais pessoas, a reunião se estendeu um pouco mais, chegando a ficar cansativa para alguns. Mas, mesmo assim, todos tiveram seu tempo de leitura e construção da árvore, resultando, ao final, numa avaliação a respeito de tudo que foi vivenciado durante o CRB.

Essa atividade foi importante para que pudéssemos selecionar as experiências mais significativas em meio às biografias educativas e analisá-las. Esses processos estão presentes no capítulo 04.

³⁶ O encontro foi realizado no dia 02 de Fevereiro de 2013, na Faced, das 18h00 às 22h00.

3.2. O cenário: a história do Arte em Cena

Cada experiência possui um contexto e uma história própria. Sendo assim, não poderíamos deixar de narrar a história de como o Arte em Cena surgiu e se desenvolveu. Acredito que, mais do que datas e referências, a história desse grupo precisa ser contada com sentimento, com emoção, com experiência, e, para isso contamos com a colaboração de um dos mais antigos membros do grupo, o Allan Denizard.

Durante o 4º encontro do CRB, o Allan nos entregou um texto, escrito em 2005, logo após ter deixado o grupo. Nesse texto, ele narra, de forma bem particular, descontraída e sentimental, situações, desafios, conquistas e pessoas, que ele julgou importantes para a história do Arte em Cena. Não é um relato cronológico ou documental, mas é uma visão de quem viveu “na pele” essa história.

Com a confiança de quem compreende a dimensão e a importância do grupo em nossas vidas, utilizamos as palavras do Allan Denizard para mostrar o dia a dia e o sentimento do que foi o Arte em Cena:

“Quem vos fala é um ex-integrante do grupo Arte em Cena. Embora amigos queridos possam me dizer que sempre serei parte dele, sou inapelavelmente um ex! Sempre chega a nossa hora de se despedir. Outros afazeres do mundo nos chamam, e alçamos voo para novas terras.

Esse grupo-oficina é, ao mesmo tempo, grupo e tempo. E é a esse tempo que eu me reporto nessa tentativa de fazer uma breve história do que eu vivi enquanto nele estava. Passei cinco anos convivendo nesse espaço e fiz parte da segunda geração de participantes. Estava organizando meus pensamentos e tive que deixar as lembranças relacionadas com o Arte em Cena em seus devidos lugares.

Desfrutamos uma época amena, sem grandes lutas. Quatro grandes grupos haviam aberto caminho para podermos entrar nessa bem sucedida iniciativa de oficina de arte para jovens. Esses quatro grandes são: o AME (Arte e Música Espírita), o LEMA (Grupo Espírita Leopoldo Machado), o Arte com Texto e o Prece em Canto. Todos os quatro foram criados em

uma mocidade e ascenderam para participações mais abrangentes no movimento espírita. Desses grupos, os que mais se destacam na constância das realizações são o AME e o LEMA. Quem vê seus relativos sucessos não tem dimensão do que tiveram que enfrentar para ganhar espaço no centro espírita para seus ensaios. Os anciões do movimento espírita barravam suas iniciativas, alegando ser brincadeira de adolescente a formação de tais grupos. O estudo sério no livro e a aula rigorosa de um monitor metódico deveriam ser sempre o método. Ah! Quão bom é o nosso Deus que faz morrer os anciões para que possam rever seus métodos. Com muito suor e discussões, conseguiram esses que nos antecederam abrir as primeiras brechas de um futuro movimento artístico espírita, com cores de juventude.

Hoje esses grupos estão bem mais maduros, com apresentações que ultrapassam as fronteiras da cidade. Embora tenham se desvinculado de um centro espírita, vinculando-se ao movimento, deixaram nessas instituições a terra revolvida e arejada que possibilitaria a formação de outros grupos de jovens que quisessem seguir seus exemplos. É em uma dessas brechas que surge o Arte em Cena, fundado pela iniciativa de jovens coordenadores (um dos quais era participante do Arte com Texto - Caroline Secundino), dando continuidade ao ideal de conjugar arte e verdade espírita na multiforme criatividade juvenil. Os anciões espíritas, já desencarnados, que empenhavam a evolução dessa ideia, hoje podem reencarnar como crianças que não veem a hora de entrar na juventude para participar desses grupos de amigos, enlaçados pela arte.

Para dar uma ideia do quão profícua é essa oficina Arte em Cena, disponho-lhes agora uma breve lista de vivências entre as atividades rotineiras, as peças e os bastidores. Não se importem com os nomes. No final vocês saberão por que eu fiz questão de citá-los.

Uma das primeiras peças que foram apresentadas foi a de uma mãe que ia ter um filho, mas o pai era bêbado e, sem condições, ela pensava em aborto. Duas mentoras lindas, esbeltas, com vestidos que suavizavam o corpo delas e com, pasmem, coroa de flores na cabeça apareciam para consolar a mãe e fazê-la desistir do aborto. Nesse dia não houve mocidade. O dia foi todo reservado para a apresentação. Foi esplêndido!

Quando entrei no Arte em Cena, eu participei de uma improvisação que falava de uma árvore rainha e guardiã da floresta. Nessa improvisação eu me meti a ser um esquilo que mordida o caçador que queria derrubar a árvore. Quando eu entrei em cena, eu venci uma vergonha gigante que me escondia e fui motivo de risada que me envergonhou mais ainda:

encenei um personagem que falava fino e com os dentes para fora. Tudo isso foi só um jogo teatral.

Havia outra peça que contava a história de um rapaz que se meteu dentro de uma casa para se proteger da chuva e lá encontrou uma pequena menina. Ele brigou com ela pelo espaço, mas acabou cedendo. A piedade e o amor venceram. Eles ficaram amigos. Ela contou sua história sofrida de órfã, uma triste cena tomou conta do palco. Ele foi arranjar comida e, ao voltar, a pequena, que já estava abatida, havia morrido. Ele começa a chorar em cima do palco e Jesus apareceu o consolando. Jesus falava da nova morada para onde a pequena fora levada. Era Natal! A peça foi criada pela improvisação.

Fizemos também uma peça sobre um senhor que muito bebia e que furioso ficou quando soube que a filha estava grávida. Ele era assessorado por um obsessivo que o ficava rodeando, sem falar nada. Aqueles típicos obsessivos estereotipados, que não têm vida na peça. Bem, esse obsessivo era eu. Mas, isso é só um detalhe. A peça, evidentemente, acabava feliz. O bêbado se arrependia e a filha dele decidia ter o filho. Os mentores não deixavam de aparecer nos nossos amigos sonhos.

Um dia o Arte em Cena foi ensaiar na Gonçalves Ledo com Antônio Sales³⁷. Era um ensaio de sábado à tarde na casa de uma integrante chamada Kassandra. Como não deveria deixar de faltar: comida no meio do ensaio! Duas amigas nossas choraram quando ela viajou. Os outros ficaram desolados. Esse início do parágrafo foi destinado a ela, porque foi um dia diferente de ensaio. Detalhe: sempre ouvimos as advertências de que os ensaios fora do GEPE são perigosos, a assessoria dos amigos espirituais não é tão contundente, a investida dos espíritos de ordens inferiores era facilitada. Outro detalhe: como bons jovens, muitas vezes desobedecemos. Sem dúvida que, fazendo um balanço, as reuniões mais harmoniosas foram as que se deram no GEPE. Particularmente, sem querer menosprezar a ajuda dos mentores espirituais, acho que isso se deu porque o GEPE é o canto onde tem mais cara de trabalho, daí a gente se direciona mais.

Por falar de ensaios inusitados e diferentes, tivemos ensaios em muitos sábados. Ensaios extras (o dia oficial sempre foi domingo). Fizemos piquenique em um desses ensaios.

³⁷ Nomes de ruas onde se localizava a casa de uma das integrantes do Arte em Cena, em Fortaleza, Ceará.

Este foi no edifício da Natália Dantas, uma das "mepossauras"³⁸. Alguns brincavam no parquinho, enquanto outros ralavam nas cenas. Tivemos ensaios apertados: colocamos cinco ou seis pessoas em uma minúscula sala lá do GEPE Pi³⁹. Era um forno, mas lá estávamos nós! Havia ensaios que o pessoal marcava de se encontrar no GEPE para de lá partir uma caravana pro local específico da reunião, já que nem sempre o GEPE estava com espaço disponível. Às vezes, quando íamos nos apresentar no ESDE⁴⁰ de sábado à noite (o ESDE que sempre foi o mais privilegiado pelas viabilidades da agenda do pessoal), ficávamos a tarde ensaiando e, no final, saíamos para comer na cantina, contando anedotas.

Mais divertido do que tudo isso era andarmos pelos corredores do GEPE fantasiados, ou melhor, figurinizados com nossos personagens: seja um velho ou um menino, seja um repórter ou um palhaço, um diabo ou um deus, um anjo ou uma senhora em sua quarta década. Essas vivências nos deixavam tão soltos, tão livres, que andar de pés descalços o resto do dia ou maquiado pelo resto das atividades era coisa pequena, senão o nosso normal. Antes que eu me esqueça, os nossos ensaios SEMPRE foram inaugurados com um pedido de inspiração, fechados com um pedido de sucesso (leia-se “a melhor forma de passar a mensagem”); as nossas apresentações SEMPRE foram abertas com um pedido de calma que minorasse a nossa taquicardia e fechadas com um obrigado sincero e unânime que não nos fizesse esquecer quem nos ajudou.

Era uma vez uma época em que dois gêmeos participavam do Arte em Cena. Um dos gêmeos escreveu uma peça que falava sobre suicídio. Era forte. O pai do garoto chorava em cena enquanto tocava a foto do filho. O pai, mais no futuro, já morto, vai resgatar o filho em um umbral conhecido como “Vale das Sombras”. Mães do público choraram. Foi na época desses gêmeos que foi inaugurado o MOARJE (Momento da Arte Juvenil Espírita). Esse projeto saiu do seio da espiritualidade, passando pela cabeça do gêmeo que escreveu a peça do suicida.

Uma senhorita muito inteligente, que dava altos discursos nos debates que

³⁸ "Mepossauras" era o apelido dado para aqueles integrantes da Mocidade Espírita Paulo e Estevão (MEPE) que já estavam lá a muito tempo.

³⁹ Essa é uma das sedes do GEPE. Atualmente, o Grupo Espírita Paulo e Estevão possui quatro sedes: Piedade, Água Fria, Praia do Futuro e Messejana.

⁴⁰ Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita é uma espécie de grupos de estudos sobre o Espiritismo realizado nos centros espíritas.

ocorriam na MEPE, escreveu uma peça que versava sobre a velha, mas não menos importante, temática do aborto. Em um dos ensaios, ela e os gêmeos brigaram, O clima pesou. Depois eles se apaziguaram e reverteram a situação. Ainda me lembro dela chegando para mim e xingando os gêmeos. Hoje eles não fazem mais parte do Arte em Cena e são grandes amigos. Engraçado, não?!

Foi nessa época, a era da senhorita inteligente e dos gêmeos, que o Arte em Cena ganhou um nome. Antes era só: OFICINA DE TEATRO DA MOCIDADE ESPÍRITA PAULO E ESTEVÃO. Foram sugeridos alguns nomes esdrúxulos de que não me recordo (fiz questão de esquecer). O que ganhou foi o nome ARTE EM CENA. Sugerido pela senhorita inteligente de nome ANGÉLICA. Ainda hoje ela se gaba disso.

No MOARJE, a gente apresentou “O menino que encontrou a Fe, Li, Ci e Dade” e “Viver vale a pena: a reencarnação”. Uma falava sobre o autoconhecimento, e a outra, sobre suicídio. Esta, particularmente, arrancou lágrimas. Apresentamos, também, um número coreográfico, e em nossas mãos havia aqueles papéis transparentes, coloridos e de plástico, que mais pareciam fogo. Nos outros MOARJES eu não me recordo o que apresentamos. Sei que, no último que eu participei⁴¹, abrimos com a peça “Tintino, o espetáculo continua”. Caramba! No último, a gente fez, sob suor e lágrimas, um pano de fundo. Foi lá na casa da Val, uma das nossas integrantes. Foi bárbaro, estressante e Hilário! Mais hilária era a Val, em decúbito dorsal, dentro do Jubileu, com as pernas e os braços para o ar, sustentando o pano que estava sendo amarrado no forro interno o teto do carro. Se arrependimento matasse, já estaria morto – por que não tirei uma foto? Nesse momento, eu poderia ter enfeitado este texto com a foto da Val em posição insólita.

O Arte em Cena já deu oficina de teatro para crianças. Duas. Uma nas férias, a outra no mês das crianças. Quem deu as oficinas foram quatro integrantes do teatro. Cada dupla ficava com uma sala. Eram duas salas. As oficinas das férias culminaram com a apresentação de um esquete que falava sobre o Pai e a aventura de acompanhar o desenvolvimento da filha (o nascimento, as brincadeiras de boneca, os estudos, o namorado, o casamento, a briga de casais, o envelhecimento, a sapiência do velho).

Apresentamos algumas encenações simples. Um filho zeloso com o pai 80%

⁴¹ O IV MOARJE aconteceu em 2005.

inválido. Uma coreografia que fazia nascer e resplandecer a figura de uma mãe com um bebê no colo. Fazíamos, no começo de tudo, comerciais animados do Arte em Cena. Um dos nossos melhores amigos, que participou desses comerciais, um dia desmaiou na MEPE. Motivo: estafa corpórea. Nesse tempo, a evangelização infantil tinha dois turnos e, ao todo, durava de 8h às 12h da manhã. Havia trabalhadores do primeiro turno e do segundo turno. O Edmar fazia questão de trabalhar nos dois horários. Aí, às 14h estava no teatro e às 16h, na mocidade. Resultado: o corpo pediu pinico! Deram passe e alguma coisa que pudesse refazer suas energias somáticas (suco bem açucarado, por exemplo). Foi choro quando tivemos de nos despedir de Edmar, que iria viajar com seu pai, militar em ofício, e família para o Sul. Mais saudades.

Fizemos números coreográficos, mostrando a influência de um obsessor no sonho de uma menina que não quis ajudar os pobres, bem como a atuação de uma pequena mentora que ensinou a fazer a caridade. Tudo isso em coreografia. Teve uma história mal sucedida de uma caverna dos tesouros, que envolvia uma mãe e sua escolha entre filhos e prazeres mundanos. Teve também uma coreografia de um casal de clowns que estavam grávidos (porque casal é que fica grávido) e no final a gravidez pariu uma faixa de bem-vindos. Um velho cristão entrou um dia nos palcos da MEPE dando a palavra amiga para os necessitados espirituais que no palco estavam. Essa peça foi levada para o Instituto de Cultura Espírita, na mostra de Arte Espírita (MOSTRARTE).

Fizemos Jornadas pelos ESDDES com os esquetes “Juízo Final” e “Sentimentos”. Nunca uma peça foi tão explorada. A peça “Juízo Final” é cíclica, uns tempos está em alta, outros, o povo enjoa. Levamos o Arte em Cena para outros centros espíritas. Tipo um que ficava perto do aterro do Janguruçu e outro que ficava no Bom Jardim. O Arte em Cena foi também apresentar um esquete improvisado de conteúdo simplório e rodado sobre respeito aos mais velhos para um asilo assistido por um centro espírita lá “num sei aonde”. Uma velhinha, ao final, foi nos abraçar e fazer um breve discurso sobre a beleza da mocidade. Estavam nessa peça eu, a Angélica, a Geísa e um dos gêmeos. Participamos do MOARTES com a peça “Se fiquei esperando o amor me buscar” que teve uma marcação psicodélica (uma das minhas primeiras loucuras que o pessoal aceitou!). A peça, por ter adentrado no período natalino, ganhou o epíteto de “Se fiquei esperando o Papai Noel me buscar”. Falava ela sobre compromisso afetivo na adolescência.

A Natália é tão velha que eu nem me lembro quando foi que ela entrou, só sei que ela sempre foi espírito de luz e mãe, a não ser em uma peça não muito bem sucedida (nem tudo são flores) do CONJECE em que ela foi uma revoltada. Conhecemos a Tamara numa oficina que o Grupo de Teatro Espírita Arte e Contexto promoveu. Ela participou da peça “Sai de baixo às avessas” ou “Tudo em cima”. Essa mesma peça foi a que chamou a Salena pra conhecer o grupo. Por falar em Salena, me lembrei da peça “Ser ou não SERTÃO médium” ou “Um médium no sertão”, uma peça sobre mediunidade apresentada no EMECE. A Salena sempre foi preguiçosa “pra” fazer alongamentos. A Larissa, sempre empolgada. A Lorena foi literalmente abraçada. A Marina vem da infância e blá, blá, blá.

As nossas últimas histórias pedem para uma mesinha falar. E isso faz lembrar as velhas irmãs Fox, que foram transformadas em esquete, que já foi apresentado pelo Arte em cena algumas vezes.

Eu sei que vocês não vão saber de muito que se resgatou aqui. Muitos dos que estão aqui citados não fazem parte do seu tempo. Direi, contudo, outros nomes que levantaram poeira no nosso palco, só para vocês terem uma ideia maior do universo em que vocês estão: Virna, Henrique, Valéria, Fernanda e Luciana, Tadeu, Mateus, Betinha, Suênia, Kadu, Bruno (filho da Tia Fran), Daniele, Aderbal, Juliana, Aline, Cíntia, David, Éverton, Livia e Jasmina, Ediane e Edilane, André Luiz, Tati, Renata, Nádia, Rúbia (com R de raridade), Luiz, Tilly e Guilherme, Patrícia e Priscila, outra Natália, Camilo (ele preferia ser chamado de Wesley) e Tati (irmã da tia Karine), Taís, outra Taís, Artur e Paulo (mais como ouvintes), Africano – ou é Jamaicano? – (que não cheguei a conhecer), Gui (é uma menina) e Fernando, Camila Amorim, Genim, Doug (ou Cauê), Caerê e sua irmã Yamê, Naiane – ou é Naiana? –, Lucas, Aline, Taline, Taty, Davi, Mariana, Velma, Gustavo...

Esse grupo tem uma história, pessoal. Esse grupo tem uma alma. Durante todo esse tempo, enfrentamos despedidas e boas-vindas, dores e bálsamos. E, por mais obsessores que tenhamos colocado em palco, o que ele mais me ensinou foi a amar a Deus, em vez de temer os maus. E foi esse amor ao projeto Arte em cena, projeto que sempre teve o objetivo de trabalhar para Deus, que eu perseverei.

O Arte em Cena não teve só dezenas de integrantes, mas também vários monitores. Essa oficina é tal qual um ator. Sua idade já lhe dá uma essência que veste diferentes máscaras em diferentes eras. Eu participei de uma geração que possuía uma

máscara própria. Outras virão. Quem sabe um dia não conseguiremos ter a alma desse grupo engarrafada nas páginas de um livro. Então, ela será imortal.”

Conscientes de que isso não é tudo, acrescentamos que, após esse texto, muitas outras gerações deram máscaras novas e diferentes para o Arte em Cena. Várias outras peças, eventos, ensaios, amizades e despedidas foram vivenciadas. Porém, hoje, a oficina está parada por tempo indeterminado. No atual quadro de monitores e jovens da MEPE, não surgiram pessoas dispostas a levar o projeto para frente e ele foi interrompido no ano de 2012. Esperamos que isso possa um dia se reverter e que outros jovens possam ter a mesma oportunidade que esses sete tiveram, de vivenciar experiências tão ricas para sua formação através da Arte Espírita."

Segue abaixo uma "foto-biografia" rápida, para ilustrar e contemplar alguns momentos vividos pelos *participantes/atores/autores* no grupo Arte em Cena:

Foto 12 - Peça Juízo Final (2001)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Nora Cavalcante

Foto 13 - Arte em Cena no V EMECE (2003)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Nora Cavalcante

Foto 14 - Arte em Cena (2003)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Nora Cavalcante

Foto 15 - Peça: Se fiquei esperando o amor me buscar (2004)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Nora Cavalcante

Foto 16 - Arte em Cena no VI EMECE (2005)



Foto 17 - Peça: Fala mesinha (2006)



Foto 18 - Peça: Fala Mesinha (2006)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Nora Cavalcante

Foto 19 - Arte em Cena (2007)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Nora Cavalcante

3.3. Os personagens: uma figuração de si

Para compreender um espetáculo de teatro, é necessário conhecer a fundo cada um dos personagens. No nosso caso, já estamos familiarizados com os nomes dos *participantes/atores/autores*, mas, para compreender os seus aprendizados experienciais e os seus projetos vitais, é indispensável que os conheçamos um pouco mais. Com esse propósito dedicamos esse item à “figuração de si” (DELORY-MOMBERGER, 2008) que cada jovem fez a partir do CRB.

Durante o CRB, eles eram constantemente instigados a refletir sobre si. Afinal, o ato de biografar-se busca constantemente desenvolver “uma compreensão biográfica do processo educativo, integrando a globalidade do ser em todas as duas dimensões de ser-no-mundo como sujeito-ator de sua formação, de suas transformações e de seu vir-a-ser” (JOSSO, 2010, p. 60). Assim, questões como: “Quem eu sou?”; “Como me tornei a pessoa que sou hoje?”; “Quais as experiências que contribuíram para a minha formação?”, permearam todas as atividades do CRB e acredito que até excederam os “muros da pesquisa”, adentrando na vida cotidiana de alguns deles.

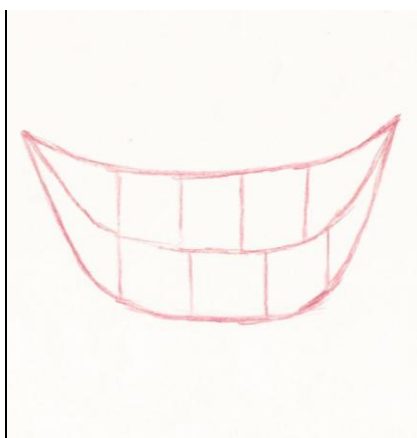
Dessa forma, buscamos construir situações em que eles pudessem realmente se (re)descobrir dentro de si. Com o propósito de mostrar uma parte dessas (re)descobertas,

trouxemos um pouco das reflexões desses personagens da vida real, que surgiram a partir de 3 atividades: a descrição de si⁴², a dinâmica “Uma imagem de quem sou” (do 1º encontro do CRB) e a construção da mandala. Sem mais delongas, eu lhes apresento, os ilustres personagens deste trabalho:

3.3.1. Marina Leite, a sorridente.

Estou como Marina Leite Soares e sou filha de Maria da Penha Leite Araújo (não a da Lei Maria da Penha, graças a Deus) e de Luis Augusto Lima Soares. Nasci numa manhã de 20 de agosto de 1988, no “Cratim de Açúcar”. Insisti oito anos por uma irmã, e ela nasceu em 28 de outubro de 1996, chamando-se Magali Leite Soares. Nesta encarnação, estou advogada e “concurseira”, mas sou dançarina. Quando descobri meu lado artístico, me descobri. Quero um dia poder contribuir para que as pessoas se reconheçam uns nos outros, seja por meio da arte, seja por qualquer outro meio divino.

Foto 20 - Desenho da Marina



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 21 - Mandala da Marina



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

No desenho, a Marina se descreveu como um sorriso. Afirmou que era a maneira como ela gostava de ver a vida e de tentar sempre manter as boas vibrações. Ela busca sempre ver o lado positivo das situações, de maneira que sempre caminhe para frente, e nunca para trás.

A mandala da Marina é bem harmônica. Ela iniciou o processo de uma forma mais

⁴² Pedi que eles escrevessem sobre si depois que o CRB havia finalizado.

intuitiva, pois não sabia bem o que fazer. Mas depois que ela deixou o sentimento guiá-la, o processo fluiu. Observando sua fala e a própria mandala, percebe-se que ela é um ser muito ligado às forças da natureza, busca constantemente um amor maior, que una as pessoas como irmãos e está buscando sempre o equilíbrio entre a responsabilidade de uma tarefa que assume enquanto adulta e o prazer de fazer aquilo com que ela se sente livre para ser quem ela é. A seguir, alguns trechos da descrição que ela faz de si e de sua mandala:

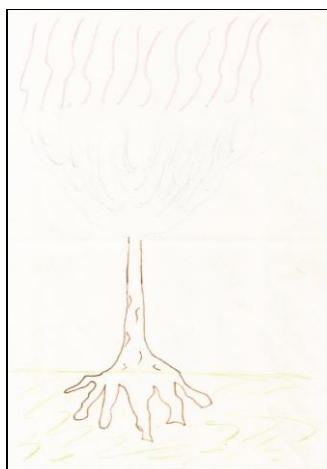
*Essa mandala, quando eu pensei, a primeira coisa que veio à minha cabeça foi a imagem do sol. Por isso que eu fiz logo a parte amarela. Porque o sol, “pra” mim, representa vida. Quando eu acordo de manhã e vejo o sol, percebo que um novo dia é um recomeço. Aqui em cima e aqui em baixo eu coloquei esses símbolos porque eles representam: os laços, a união de todos esses outros elementos que partem de mim [apontando para a fitinha que estava na parte de cima]. E esse infinito dentro do coração significa o exercício diário de amor ao próximo, que a gente vai tentando exercer todo dia... Não só com as pessoas próximas, porque, para amar os mais próximos, não precisa fazer nada, mas amar as pessoas que a gente não tem convivência é realmente difícil. Eu trabalho muito com gente, o tempo todo, de ter contato, então a gente tem que sempre estar exercitando. Esse lado aqui [apontando para a direita da mandala] é o meu lado profissional, o meu lado mais adulto. Eu trabalho com direito, então coloquei uma caneta, que representa muito bem isso; a balança, que é a análise das questões que a gente tem que fazer todo dia; esse monte de gente, aqui, mostra que o exercício dessa profissão, me fez ter uma visão diferente das coisas e das pessoas. [...] eu comecei a me perceber como uma pessoa no mundo. [...] Com isso, eu pude aumentar o meu contato pessoal, comecei a perceber mais as pessoas. Aqui tem um livro, que é tipo a minha rotina diária, é uma coisa de que eu gosto, é uma coisa que me dá prazer, eu tenho sempre sede de conhecimento, então é uma coisa que está sempre perto de mim. Isso aqui é uma estrada e representa a minha sensação de que eu estou sempre numa estrada. [...] E esse lado aqui (esquerdo) representa muito o meu lado espiritual. Eu digo muito, aos meus amigos mais próximos, que eu **estou** advogada, mas que eu sou, que eu me descobri, dançando. Eu gosto muito de dançar. E a minha descoberta maior foi... eu fiz várias danças, e meu encontro comigo mesma foi no balé. [...] Isso me dá uma paz de espírito, que é transcendental. E, “pra” finalizar, essa arvorezinha e essa conchinha uma ligação que eu tenho com a natureza muito grande. A concha representa o mar, que também é uma fonte de purificação pra mim, e*

as árvores, que trazem uma relação de paz e harmonia.

3.3.2. João Romário, o buscador.

Aceitei reencarnar em Fortaleza (CE) para aprender algumas lições no campo da atenção, da humildade e da tolerância. Vim num núcleo familiar composto ainda pelos meus pais, Marlene e Romário, e meus irmãos, Dimitri e Svetlana. E tenho constituído um outro núcleo, com minha esposa Bruna e minha filha Letícia. Formei-me em Comunicação Social, mas tenho interesse por quase todas as áreas do conhecimento. Tenho me esforçado para caminhar sobre as bases do Evangelho, quaisquer que sejam as direções que decida tomar. Espero alcançar os objetivos que me trouxeram novamente à Terra, antes de voltar à Vida Real.

Foto 22 - Desenho do Romário



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 23 - Mandala do Romário



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

O Romário desenhou uma espécie de árvore para lhe representar. Nessa árvore ele destacou a dualidade que ainda existe dentro de si, em que a copa, fluida e flexível, busca as aspirações crescentes das práticas e dos assuntos espirituais, e o tronco e as raízes, simbolizariam a ligação que ele ainda possui com os aspectos e os elementos da Terra. Ele enfatizou também a ideia de que ela representa a busca por uma base sólida que ele tem

procurado descobrir em si, assim como uma boa árvore precisa ter, sem perceber a sua maleabilidade de ser dinâmico e fluido que está em constante busca por contato com as inspirações superiores.

Sua mandala traz elementos que, para quem o conhece, o descrevem de forma bem direta. A utilização das cores se mostrou bem intencional e ligada aos sentimentos, ou seja, cada cor realmente possui um significado para ele e está naquele local com um intuito bem claro e objetivo. A utilização de diferentes elementos como as pedras e o glíter, demonstra que ele realmente refletiu sobre cada detalhe que foi inserido. Isso ficou explícito na sua fala a respeito da mandala:

Primeiramente eu tive uma ideia original e fui pensando e percebendo coisas que surgiram depois que eu fiz. Então eu vi essas pedrinhas roxas e achei elas muito interessantes, porque são pedras. E pedras são duras, ásperas, então eu acho que traduz um lado que ainda é bem marcante neste ser espiritual que aqui vos fala. E, ao mesmo tempo, elas têm essa tonalidade violácea, que é uma tonalidade que remete à espiritualidade superior. Então, eu acho que traduz uma dualidade bastante interessante entre o que ainda é duro, áspero, rude e ao mesmo tempo, tem essa propensão para o alto. Eu fiz esse “mondrongo” aqui [o aglomerado de pedras roxas], que ficou ainda mais “embolado” quando eu tentei subir. No fim, ficou assim: mais pedras numa base, que foi depurando, diminuindo, até chegar a pontinhos, em um pontinho único, a partir do qual eu tive vontade de fazer esses raios, como se fosse um desdobramento disso, menos rude, já mais suave, em tonalidades semelhantes. Até desencadear no que eu achei de mais sutil nos materiais que tínhamos, que era esse glíter. Ele é meio azulado e eu acho que representa essa aspiração, essa busca do que eu vim fazer aqui nesta encarnação, hoje, que é realmente, entre outros aspectos, desenvolver essa sutileza, essa leveza, que eu já tenho, em alguns sentidos, mas que, em outros, ainda é difícil de desenvolver. Depois que eu fiz isso, eu cismeiei de fazer uma coisa amarela, umas linhas com tom amarelo, então fui colocando amarelo, amarelo, de um lado, de outro, fiz uns rabiscos, depois eu enchi mais. O amarelo me remete ao sol, eu, que trabalho com astronomia também, o sol é, para mim, algo muito marcante. Eurípedes Barsanulfo me ensinou a ver o sol como a presença diária de Cristo nas nossas vidas, ali, o tempo inteiro. Então, depois que eu fiz isso aqui, eu deduzi que esse é o momento de mais aspereza da minha vida, em que “a coisa tava meio solta”, mas quando você resolve transformar essa aspereza em algo melhor, aí a presença divina [parte com mais amarelo concentrado] lhe ajuda, fica mais presente, mais

marcante. Até o momento em que você vai prosseguindo, vai se desvencilhando, até o momento em que você pode ir mais tranquilo. Foi o que eu pensei, depois que eu fiz. Em suma, é isso.

3.3.3. Lucas Moura, o metódico.

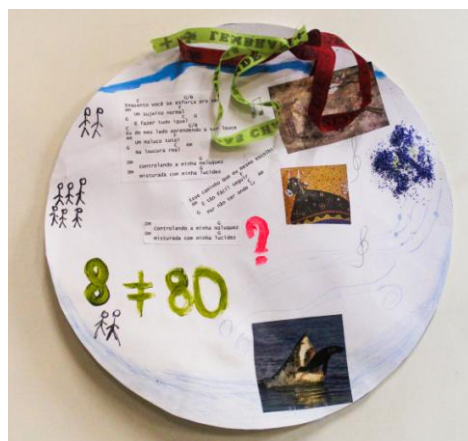
Meu nome completo é Lucas Macêdo Moura. Nasci em Fortaleza no dia 21 de Outubro do ano de 1989. Meus pais são Roberto e Rogélia e possuo apenas uma irmã que é a Mariana. Eu me cognominei de “o metódico”, porque sou, de fato, metódico. Porém, não vejo isso como uma coisa ruim, pois caracterizo minha “metodice” como uma forma de encarar com os pés mais fincados no chão as coisas. Sou Biólogo de profissão, músico de coração. Hoje em dia, me caracterizo assim, pois, anteriormente, não me caracterizava nem como artista. Mas sim, minha vida sem a música iria ser algo muito triste. Além disso tudo, eu gosto muito de conhecer coisas diferentes. Culturas, histórias, ideias, etc. Sou também uma pessoa muito familiar. Meus entes queridos, entre familiares e amigos, são muito importantes para mim. Acho que é isso que posso dizer de mim, pois é o que consigo entender dessa complexidade que sou; até agora!

Foto 24 - Desenho do Lucas



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 25 - Mandala do Lucas



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

No seu desenho, o Lucas se representou com um desenho de uma mente cheia de coisas. Cada cor que está lá remete a uma face da sua vida e da sua personalidade. Ele afirmou que sente muita dificuldade de se definir, porque existem muitas ideias, pensamentos

e sentimentos dentro dele que, na maioria das vezes, nem ele consegue organizar ou entender. Será que essa dificuldade de se definir é na verdade uma dificuldade de se conhecer, ou uma dificuldade de se mostrar para o outro?

Na mandala, essas questões começaram a ganhar uma organização e uma compreensão maior, por parte dele e nossa. A dificuldade no começo ainda persistiu, mas ele tentou trazer, de uma forma mais pontual, elementos que representassem coisas internas e externas a ele, que, de certa forma, o definem e definem sua prática no mundo.

Se alguém souber o que eu estou dizendo que sou eu, me diga, porque nem eu sei (risos). Estou brincando. Eu tentei representar, na verdade, coisas da minha vida. Porque, como diz a música do Teatro Mágico “eu não sei na verdade quem eu sou”, eu “tô” buscando ainda. Porque, ao mesmo tempo em que eu digo “eu sou isso porque eu gosto disso”, na verdade eu não sou isso, eu faço aquilo porque tenho que fazer ou faço porque gosto. Então é uma mistura e eu tentei representar isso aqui. Eu comecei desenhando esse azul aqui [apontando para as bordas da mandala] para tentar representar o mar, porque, se sou eu, então tem que “ter” água. E eu represento como se a minha vida fosse esse mar, cheio de coisas. Em cima eu coloquei uma coisa azul, que, na verdade, era para fechar esse círculo, que já traz outro aspecto da minha vida, que é a minha vontade de que tudo esteja certinho, fechado, do jeito que eu acho que devam ser. Assim, ou é 8 ou é 80. Às vezes, eu não aceito as coisas como elas devem ser, e isso me traz muitos problemas, lógico. Mas aí eu coloquei outros aspectos da minha vida também, que seria do ponto de vista artístico, que eu vou falar com mais detalhes na biografização, mas aqui eu coloquei a música, porque realmente a música pra mim, é aquilo que mais me segurou, até hoje. E, para representar isso, eu coloquei uma música das que eu gosto, porque eu gosto de muitas, que representaria um pouco do que eu sou. É aquela música do Raul Seixas, Maluco Beleza, “enquanto você se esforça pra ser; um sujeito normal...”, daí, no final, ele fala: “controlando a minha maluquês, misturada com minha lucidez...”; e aí eu coloquei uma interrogação no final. Porque ao mesmo tempo que eu sou lúcido, que eu tenho um lado que quer ter as coisas certas, que quer as coisas racionais, também tem um lado maluco. Mas a interrogação é “o que realmente manda em mim?”. Não sei também. Os outros detalhes que eu coloquei foram as fitinhas, porque pra mim elas remetem à religiosidade, porque é algo que – e, hoje em dia, eu percebo mais ainda isso – sempre esteve comigo. Eu só nunca tinha parado para refletir sobre isso, mas, quando eu

para “pra” pensar, é um negócio que esteve sempre lá. As figuras têm a ver com o resto da mandala, mas cada uma tem um pouco mais de significado. Tudo isso são coisas que eu admiro. Por exemplo, no momento em que eu vejo uma imagem de um tubarão atacando uma presa, é algo que, pra mim, tem uma beleza peculiar. [...] Essa coisa do mundo animal me fascina. Outras coisas que eu admiro muito são as culturas dos povos [...]. Porque aquilo mostra uma história por trás. Da mesma forma, aspecto histórico das coisas, eu gosto muito de “cacareco” velho, a Larissa me chama e acha que eu sou velho mentalmente, porque eu gosto de coisas que tenham e que transmitam uma história. E, pra finalizar, coloquei essas pessoas, porque o meu mundo precisa de pessoas, tanto as mais próximas quanto as mais distantes.

3.3.4. Allan Denizard, o nefelibata.

Sou Allan Denizard Mota Marinho, nasci ao dia 25/07/1984, no Hospital Geral Dr. César Cals, filho de Pedro de Castro Marinho e Antonia Irami Mota Marinho, tendo como irmãos principais (pois há muitos do lado do meu pai que eu não tenho proximidade) Raimundo Edson Mota Magalhães (o filho da mãe) e Angélica Mota Marinho (a filha do meu pai com a minha mãe). Gosto de escrever e fazer “mungangos”. Sou médico e trabalho atualmente no âmbito da Atenção Primária à Saúde. Atualmente faço curso de palhaço para incrementar essa arte essencial em mim, participo de uma banda em que sou letrista e estou esperando um filho junto a minha esposa. Sonho em ter vários livros publicados e que a minha banda faça sucesso.

Foto 26 - Desenho do Allan



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 27 - Mandala do Allan



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

O desenho do Allan foi uma pena com uma aura ao redor. Ele considera que a escrita é um canal, uma ponte, um dos momentos em que ele se encontra com Deus e com a espiritualidade. O ato de escrever, para ele, é muito mais do que simplesmente colocar palavras em um papel, ele considera um momento de total contato com o que há de mais divino dentro de si.

A mandala do Allan, assim como suas ideias, representa um turbilhão que, a olhos superficiais, poderia ser classificado como bagunça, mas, dentro do caos, existe uma linha de raciocínio mais profunda do que podemos imaginar. Ele utilizou elementos de várias naturezas (pedra, imagens, linhas) e refletiu sobre cada informação que queria representar visualmente. Essa busca por refletir sobre si e sobre tudo o que acontece a sua volta fica clara no seu discurso a respeito da mandala:

Primeiro comecei com essa gosma que foi jogada bem no meio da mandala, que eu me identifiquei muito na hora que eu olhei pra ela, porque eu sou meio assim “um negócio que foi gerado na vida”. Eu gosto desse negócio grudado e espalhado também. Achei legal, porque uma das ramificações da gosma gera uma dúvida. Depois eu comecei a desenhar o verde e, nessa parte aqui, eu desenhei meio caótico, mas, na outra parte, eu tentei desenhar mais harmônico, e aí a minha mandala começou a ficar “metade-metade”. Em uma das metades, eu coloquei mais liberdade [apontando para do lado esquerdo da mandala], coisas mais... “menos cheias de regras”. E nessa daqui [lado direito], começou a ficar mais regrada. E aí eu vi que, tem uma parte da minha vida, a parte artística, a parte de amizade, é a que eu não sigo regras. E tem a outra parte que surgiu na minha vida cheia de regras com a medicina. Inclusive eu suturei a mandala, com um nó de cirurgião e coloquei umas agulhas de sutura aqui no meio pra representar isso. Durante essa faculdade, a faculdade de medicina que eu fiz, houve vários recortes e recortes que tiveram um certo significado para mim, que eu percebo que foram divididos e foram dolorosos. Desse lado de cá (esquerda), existe uma coisa muito importante que surgiu, e que eu percebi agora: eu gosto de conectar coisas, pessoas. E gosto de dar sentido a elas. Teve um momento em que a Lara disse assim:

“é bom colocar a cola antes de colocar as contas”, mas eu queria fazer assim, colocar as contas primeiro, via como que ia ficar e depois colava. Isso acontece muito na minha vida, eu vivo várias coisas e depois que eu vou tentar encontrar conexão, mas uma coisa que eu acho bem legal é que, eu não deixo de me aventurar, não deixo de querer viver. Por exemplo, o projeto de “palhaço-terapia”, esse nariz aqui [apontando para o ponto vermelho no nariz do boneco central] é um nariz de palhaço, que o palhaço tem muito, muito a ver comigo, eu adoro fazer comédia, adoro levar a vida numa brincadeira. Firo pessoas por causa disso, conquisto pessoas por causa disso, deixo o clima pesado, deixo o clima leve por causa das minhas brincadeiras. Enfim, eu gosto muito de conectar as coisas, eu gosto muito de encontrar conexões, e uma das principais coisas que eu tenho no meu peito é que eu queria muito conectar o mundo inteiro. Acho que por isso que eu conectei tudo ao redor da mandala, tentei conectar as coisas de dentro [...]. E uma das coisas que mais me fere é eu não conseguir conectar verdadeiramente. Às vezes, eu tento conexões que as pessoas não compreendem ou que elas acham que eu “tô” tentando colonizá-las com a minha verdade. Mas, na verdade, o que eu queria era que todo mundo conseguisse encontrar uma verdade só, que unisse todas as pessoas. Enquanto a gente não consegue, eu aceitei ser essa gosma que, de vez em quando, toma forma e, na maioria das vezes, não tem forma nenhuma, exatamente pra tentar conseguir conquistar as pessoas que eu amo muito. Muitas vezes, eu abandono muitas verdades pra conseguir amar. [...] A vida é uma confusão que, muitas vezes, a gente não entende. Ela vai criando significado com a nossa explicação. [...] Às vezes, eu sofro por não encontrar uma justificativa, uma explicação, mas isso também são coisas que eu estou aprendendo a “suturar”.

3.3.5. Tamara Larripa, a educadora.

Sou Tamara Queiroz Bezerra Larripa, nasci em 30 de dezembro de 1984. Me formei em Artes Cênicas, sou professora de teatro e integrante da Companhia Plural de Artes Cênicas. Sou casada e tenho um filho de coração. Estou tentando seguir carreira acadêmica nos caminhos da educação, mas tenho o sonho de estudar Psicologia.

Foto 28 - Desenho da Tamara



Foto 29 - Mandala da Tamara



No desenho, a Tamara, levada pelo sentimento de felicidade pelo reencontro com amigos tão queridos, se representou desenhando todos nós dentro de um coração. Ela explicou que estava muito contente de poder vivenciar aquela experiência ao lado de pessoas que eram tão importantes para ela e que aquele sentimento, naquele momento, lhe definia.

Sua mandala foi construída com muito cuidado e zelo. Utilizando, também, elementos e materiais de várias naturezas (plástico, pedra, tinta fita, cola). Ela representou uma paisagem onde havia uma árvore, localizada no centro da mandala, em que ela própria se encontrava. Durante toda a participação da Tamara no CRB, esta se identifica de forma muito intensa com a figura da árvore. No próximo item, durante o seu caminho, ela mostra claramente que o processo de pertencimento ao grupo Arte em Cena assemelhou-se a uma planta que finca raízes em um local, cresce e gera frutos, os quais depois se espalham pelo mundo recomeçando novos ciclos. Na sua descrição, senti falta de uma reflexão mais aprofundada sobre os detalhes, sobre o significado de cada elemento utilizado, as cores, as disposições, as formas. Nesse exercício, tudo que está no papel possui um sentido, precisamos apenas buscar e entender.

Acho que a nossa presença física ao lado fez com que a gente pensasse num inconsciente meio parecido, depois que eu ouvi o Romário falando. Quando veio a ideia de fazer a mandala, “pra” mim veio imediatamente a imagem de um círculo roxo ao redor. E eu não tinha visto as pedrinhas, eu tava procurando algo, tentei misturar uma tinta, mas não funcionou, e foi então que eu vi o saquinho das pedrinhas. [...] Eu me sinto uma árvore com frutos. Eu achei interessante esse simbolozinho do reciclado [se referindo ao símbolo de material reciclável existente nas bolinhas de plástico vermelhas], porque eu acho que a gente

“tá” nisso sempre. A gente está sempre se reciclando, está sempre em construção. E então ficou uma árvore meio flores, meio sorriso. Eu quis um sol diferente, um sol que representasse a busca por esse sol, por essa luminosidade e eu achei lindas essas folhas secas, e as escolhi para ser meu sol. Foi aí que eu vi que o sol estava muito sozinho e coloquei o azul do céu e depois eu senti falta de um amarelo, acho que os nossos inconscientes estavam ligados. A partir disso eu trilhei meio que um caminho, também dentro de um círculo, porque os caminhos da gente são confusos mesmo. A gente tem algumas metas, vai atrás delas, de repente, por aqui não dá, e a gente tem que virar à esquerda. Mas os caminhos estão certos, eles chegam do sol, às vezes chegam pela terra. E essa cor rosa do meio é porque sem o amor a gente não consegue. Tem que ter o caminho do amor.

3.3.6. Aline Rodrigues, a tímida.

Me chamo Aline Maria Moreira Rodrigues, nasci no dia 09 de novembro de 1987, aproximadamente às 8 da manhã. Meus pais, Elias Rodrigues e Verônica Moreira, me conceberam um ano e seis meses depois do meu irmão Everton. Tenho uma irmã mais velha chamada Eveline que me presenteou com um sobrinho muito amado, chamado Davi. Sempre que posso vou à praia ou a alguma serra e adoro dirigir. Trabalho com educação e amo! Sou arte-educadora e atriz (atividade inicialmente praticada apenas para lidar com a timidez) e tenho a arte como essência orgânica de mim.

Foto 30 - Desenho da Aline



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 31 - Mandala da Aline



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

A Aline se representou com as máscaras da tragédia e da comédia, porque, segundo ela, hoje, o teatro é o que mais a representa. Apesar de não estar atuando, trabalha constantemente como arte-educadora e isso move e define sua vida. Ela afirmou que deve toda a sua formação humana e profissional à arte.

Sua mandala é bem objetiva e organizada. As máscaras do teatro permaneceram no centro, mostrando que realmente a arte possui um papel fundamental na sua formação. Julgando pela descrição da sua mandala, podemos ver que as reflexões sobre si, não são de agora e que essa experiência a ajudou a organizar as concepções e definições a respeito de si:

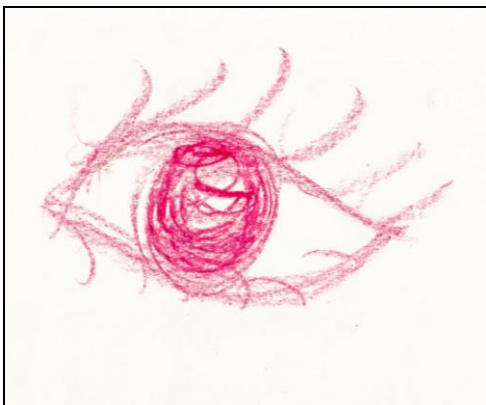
Sensações. Primeiro de dúvida, porque eu acho que é uma coisa muito complexa você se perguntar quem você é. Seja em que período da vida for. Seja hoje, ontem, qualquer período que você se vê, é muito difícil responder. Então eu comecei com um ponto. Eu sou um ponto inacabado, em construção eterna. E aí desse ponto foi surgindo o que eu acho que eu sou: essa coisa vermelha sou eu. Eu fui me vendo em questões do que a gente é enquanto formação. O que faz você ser o que é na sua vida inteira. Então, acho que tudo começa pelos meus pais que são os verdes [apontando para os traços verdes que cruzam a mandala]. Eles são a minha base, são as pessoas que me conduzem, até hoje a ser o que eu sou, e me ajudam nas minhas escolhas. Os traços azuis são os meus irmãos, que, no primeiro momento da minha vida, eram em quem eu me espelhava, quem eu queria ser, quem eu imitava. Nas besteiras que fizessem, bom ou ruim, eu imitava. A partir daí eu era a minha família. Depois eu passei a ser eu mesma e a me ramificar [mostrando as linhas amarelas], e a fazer outras escolhas, partindo de outras pessoas. Quando eu penso que essas escolhas vieram, muito se deu pelo teatro. Pela nova arte que entrou na minha vida. Então a religião, que é a espírita, se firmou mais em mim depois da arte. Meu trabalho hoje é com arte. A minha vida pessoal tem muito de arte. Então, as minhas ramificações estão muito centradas nessas máscaras. E esse mar vermelho é tudo que eu ainda vou construir.

3.3.7. Larissa Bezerra, a intensa.

Nesta vida presente, chamo-me Larissa Rogério Bezerra. Voltei à Terra (nasci) no dia 16 de julho de 1987, no interior do Piauí, e até esse dia foi “coisa de cinema”. Tenho uma família

bem grande, cujos pais são Sérgio e Jeânia, as irmãs, Lorena e Laurinha, e os agregados, padrasto Edson e “boadrasta” Angélica. Minha vida sempre foi muito agitada, elétrica e intensa. Minha mãe costuma dizer que “sou ligada no 220V”. Não consigo ficar parada, tenho que estar sempre fazendo alguma coisa. Uma das coisas que mais me acalma é criar, e aí a arte entra na minha vida como se fosse o meu combustível. Criando eu me sinto viva. Adoro fazer coisas pela primeira vez e amo descobrir algo que ainda não sei fazer, e aprender. Formei-me em Publicidade e Propaganda, mas atuei e aturei por pouco tempo nessa área. Decidi ser professora. Acredito que assim posso contribuir mais com o mundo. Hoje estou terminando o Mestrado em Educação e me apaixonei pela Arte-Educação, pretendo finalizar a Licenciatura em Artes Visuais e me tornar uma arte-educadora um dia.

Foto 32 - Meu desenho



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Foto 33 - Minha mandala



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

A autoanálise é complicada, já que sou a pesquisadora desse trabalho. Falar em primeira pessoa do singular já é estranho, e mais ainda falar a respeito dos meus pensamentos e sentimentos. Pensei em “retirar-me” da análise e permanecer apenas como pesquisadora. Mas, refletindo sobre a relevância de “estar aqui”, acredito que é um exercício difícil e complexo, mas necessário para o trabalho. Afinal, eu, enquanto indivíduo, estou completamente implicada no grupo pesquisado (sou a participante que permaneceu durante mais tempo no grupo, cerca de nove anos). E, enquanto pesquisadora, acredito que essa oportunidade está me possibilitando um constante afastamento e aproximação do processo e do grupo, importantes para a compreensão deles.

O desenho que escolhi para me definir foi um olho. Encontro-me em busca de

conhecimento, de experiências, de crescimento, de aprendizados. E a maneira pela qual representei esse momento atual que estou vivendo, foi através do que considero “a porta de entrada e saída da alma”, o olho.

Minha mandala não se restringiu a me definir apenas como Larissa, mas como um espírito imortal em busca do aprimoramento e da evolução. Não é a primeira vez que me vejo dessa forma, a certeza da imortalidade e a crença na reencarnação, me fazem não olhar apenas para o agora, mas para uma vida que possui um passado maior do que consigo lembrar e um futuro maior do que consigo imaginar. A descrição da minha mandala seguiu essa linha de pensamento:

Eu não consigo me ver só como Larissa, nesta minha vida presente. Eu tento me ver com a minha imortalidade, com meu ser integral, na minha vida inteira. Então, eu acredito que comecei, e ainda tenho muito em mim, nas sombras. Ainda tenho muito de bagunça, de confusão, de coisas que eu “tô” tentando organizar; coisas que eu “tô” tentando arredondar e conquistar, que são esses círculos coloridos lindos. Eu adoro cores. Eu acho que as cores representam a elevação, o que eu idealizo, uma vida cheia de cores, cheia de conquistas. Cada florzinha dessas são conquistas do meu espírito, conquistas de alguém que está tentando se modificar, tentando se melhorar. E cada pontinha ondulada dessas aqui, é um emaranhado que eu consegui desfazer, é um defeito que eu consegui desfazer e resignificar, para que, um dia, tudo possa se transformar em círculos coloridos. [...] Primeiro de tudo, eu fiz só a linha do meio de pedras, pensando assim: aqui são os desafios que me ajudaram a me modificar. Só que depois eu fiquei pensando, não existe só uma linha de dificuldades, elas vão se espalhando na nossa vida e outras já existiram desde sempre, só que a gente só começa a dar valor a elas, a aprender realmente com elas, em um determinado momento da vida. Então, a partir desse momento, eu fui conseguindo conviver com esses desafios. [...] Cada conquista dessas que eu representei são coisas como: a família, meus amigos, minha profissão, são as grandes conquistas que eu tive. Eu acho que a Arte e o Espiritismo estão aqui no meio, fazendo com que eu chegue a esse meu ideal de luz e cor na minha vida.

The image features a pair of vibrant red curtains, parted in the center to reveal a bright white background. Each curtain is gathered at the bottom by a wide, gold-colored band. The lighting is soft, creating gentle shadows and highlights on the folds of the fabric.

TERCEIRO ATO
O UNIVERSO DO
ARTE EM CENA

CAPÍTULO 04 - ARTE EM CENA E SUAS PRODUÇÕES DE SABERES: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA FOMATIVA

"[...] arte é um veículo bastante motivador de um ser mais evangelizado e como nos disse uma certa vez um espírito amigo, permite que os holofotes que iluminam o palco sejam as luzes que saem de dentro de nós."

Lucas Moura

Este capítulo é dedicado à análise das narrativas dos jovens nas elaborações expressas em suas biografias educativas produzidas no Círculo Reflexivo Biográfico. Pelo seu caráter de síntese e de produção coletiva, resolvemos intitular esta parte do trabalho dissertativo de “a peça”. Aqui expomos os saberes produzidos e os elementos fundantes para a constituição do projeto vital de cada um, por meio de um caminho que se dividiu em três estágios: antes, durante e depois da participação no Arte em Cena. Esperamos, assim, que os aprendizados experienciais desses jovens possam ser bem representados no presente capítulo, podendo colaborar com outras experiências formativas com arte.

4.1. A peça: os aprendizados experienciais e os projetos vitais, antes, durante e depois do palco

Os ensaios, o enredo e os personagens já foram apresentados, só nos resta conhecer, analisar e compreender a peça. As biografias educativas, construídas através do CRB, nos deram margem para mapear e interpretar alguns dos saberes produzidos na vivência com a Arte Espírita, através da experiência no Arte em Cena. Além disso, pudemos observar como esses saberes contribuíram na constituição do projeto vital dos sete jovens.

Para melhor compreender como se deu essa experiência formadora na vida de cada um, iremos apresentar os aprendizados a partir de três fases dos seus caminhos: antes, durante e depois do Arte em Cena. Optamos por trabalhar com as categorias de forma individual, para valorizar os aprendizados e seu processo de construção particular e único. Afinal, por mais necessária que seja a presença do outro nesse processo de conhecimento de si, o trabalho é muito singular e, inevitavelmente, modifica-se de pessoa para pessoa (JOSSO,

2010).

Porém, antes de iniciarmos a apresentação dos caminhos, devemos destacar alguns pontos que surgiram em algumas falas, mas que se mostraram significantes para a compreensão da concepção geral do que foi o Arte em Cena. O primeiro ponto é o sentimento de família que permeava a convivência entre a maioria dos membros do grupo. Esse sentimento foi unânime e apareceu explicitamente em todas as narrativas. Sem dúvida, foi algo que marcou muito a vida de todos. Era uma união, um companheirismo, uma fraternidade, que rompia até as barreiras da amizade, estendendo-se pelos laços de uma família, por eles, considerada espiritual.

Isso desenvolvia em nós, um senso de responsabilidade não só pelo trabalho, mas pelos relacionamentos e pelas pessoas que conquistávamos. Questões relacionadas ao respeito, à educação e à solidariedade, eram trabalhadas sem que fossem impostas. Esses sentimentos não partiam de uma pessoa só, ou de duas ou três. Ele estava imbricado na essência do grupo. Era algo que permeava as relações, sem que ninguém precisasse forçar ou exigir nada de ninguém. Eram laços invisíveis que nos uniam em uma só vibração, em um só objetivo, em uma só família.

Foi nessas vivências que conheci quase a totalidade dos meus grandes amigos. A Edillany, a Tatiana, o Arthur, todos vocês que participaram deste projeto e tantos outros, pois, apesar das intempéries da vida nos afastarem fisicamente, o carinho e o desejo da felicidade do próximo é tamanho que parece que somos membros da mesma família. (Marina)

Se antes o sentimento de família já se manifestava pelo fazer junto, ainda mais com o orar unidos. O meu teatro, meus dons, meus dotes, iam deixando de ser eu, meu, meus, para ser dos outros também, para ser nossos. Como em um ágape cristão. Aquele banquete que os primeiros cristãos faziam após as reuniões de lembrança da palavra de Jesus, em que cada um contribuía segundo sua possibilidade sem esperar nada em troca que não fosse a alegria daquela união em Cristo. [...] O coração que a gente colocava nessas peças era o que mais importava! E mesmo que essas peças fossem ruins, só o fato de elas serem motivo de a gente estar juntos, ensaiando, unidos, decorando o texto, já bastava. (Allan)

Eu morria de vergonha, mas o que me fazia realizar esse trabalho foi justamente o que o Allan desenhou na fala dele sobre o sentimento do arte em cena. Sentimentos de amizade, companherismo, vivacidade, bem em prol do próximo e atitude cristã, eram justamente os sentimentos que eu sentia naquele período. (Lucas)

E as nossas relações transcendiam ao domingo, construimos amizades reais. (Tamara)

Outro ponto que surgiu de forma bem enfática foi a dimensão do Arte em Cena como oficina e não como grupo de Arte Espírita. Segundo as biografias educativas, a diferença entre as duas classificações é que, enquanto oficina, o Arte em Cena nos possibilitava uma dinâmica e um ritmo de trabalho tal, que desenvolveu em nós, o senso do dever e da produtividade coletiva, enquanto trabalhadores espíritas. Já se fôssemos um grupo, talvez, o foco do trabalho acabasse sendo outro e seguiríamos um caminho que não nos possibilitaria as vivências que tivemos.

O Allan falou há pouco dessa dimensão de oficina que era própria do Arte em Cena, de não ser um grupo formal. E isso nem estava muito no meu consciente, mas a menção dele me fez lembrar de como isso era falado, de como era significativo. Estar no teatro era algo importante por me trazer autoconfiança, mas também acabava estimulando a vaidade, a necessidade de aparecer e receber a aprovação do outro. O Arte em Cena, tanto pela estrutura dinâmica, quanto pelo foco no caráter “oficina” refreava um pouco isso. Eu estava no teatro, estava fazendo teatro, mas era uma experiência teatral diferenciada, com ênfase no trabalho, no serviço e na doutrina espírita. Algo que depois eu acabaria perdendo um pouco de vista, em experiências artísticas posteriores – mesmo nas espíritas, quando elas não se definiam como “oficinas”, mas tinham a pretensão de ser “arte de qualidade” para “atingir um público”. (Romário)

Na época que eu entrei no arte em cena, também era martelada essa questão de que não era um grupo e sim uma oficina de arte. Hoje eu percebo como isso foi importante para tirar essa responsabilidade dos jovens, de “profissionalismo”, que gera a vontade de fazer sucesso e só gera orgulho e vaidade no trabalho. Não me entendendo mal, pois profissionalismo deve ter,

mas sem a vaidade que disso decorre. E isso que a oficina de arte ensina sem elevar a vaidade e orgulho. (Lucas)

Encarar o Arte em Cena como uma extensão da MEPE, um lugar onde pudéssemos colocar em prática aquilo que estudávamos sobre a Doutrina Espírita, ou seja, uma oficina, acabou nos possibilitando um aprendizado, não só retirado dos livros, mas principalmente, pautado na experiência e na vivência (DEWEY, 1976; FREIRE, 1992), através da Arte Espírita.

Na oficina de teatro, era tudo muito dinâmico, a gente se movimentava muito, a gente queria aprender se movimentando. Então, passava uma ideia de espiritualidade ativa, de família ativa, de espiritualidade-família ativa. Era uma escola também, mas com um aprendizado diferenciado. É diferente de quando você entra em uma sala, vai assistir aula, parado, passivo. No teatro, não só o intelecto está concentrado, mas o seu corpo se engaja no aprendizado, e todas as suas células, não só os neurônios, aprendem lições. “Ai, isso aqui é um aprendizado?”, pergunta um tolo. Isso daqui é muito mais aprendizado do que você vai aprender nos livros. Ainda aqui, é a família como modelo de escola, pois é nessa célula da sociedade onde o dinamismo das relações mais nos ensina a viver. Terceiro ponto importante: o aprendizado, como um processo ativo que deve envolver todo o ser, isto é, o ser-corpo e o ser-espírito, porque no corpo também há um ser, é o instrumento de que o Espírito se utiliza para se manifestar. (Allan)

Nessa perspectiva de oficina, o Arte em Cena trabalhava com todas as linguagens artísticas, mas a principal era o teatro. O teatro⁴³, dentro da Arte Espírita, além de auxiliar na divulgação da Doutrina Espírita, é uma importante ferramenta de educação do espírito,

na medida em que atua na personalidade do Ser. Quando exercido sob orientação adequada, auxilia o Espírito a perceber seus conteúdos íntimos, seus sentimentos valorosos e também desequilibrados. A interpretação de papéis fortes por Espíritos que apresentam estrutura de personalidade frágil ou papéis suaves para aqueles de temperamento exuberante, auxilia na drenagem de energias estagnadas no

⁴³ Não nos cabe, neste trabalho, utilizar ou compreender o termo Teatro Espírita. Acreditamos que só a discussão a respeito de Arte Espírita já é um tanto quanto complexa para uma dissertação de mestrado, então preferimos deixar a definição e as questões sobre Teatro Espírita para outra oportunidade.

periespírito e na reestruturação das vibrações conflitantes. (AMUI, 2007, p. 58 e 59)

A metodologia de *Evangelização de Espíritos*⁴⁴ propõe que o teatro seja uma das formas pela qual o espírito entra em contato com experiências contrastantes com sua personalidade, experiências que ele não viveria se não estivesse interpretando, e reflita sobre o que aquela situação ensina ao seu espírito. Acaba sendo uma maneira de se autoconhecer e se autoformar, porque a partir do momento em que o espírito identifica suas características desequilibradas, seus vícios, seus defeitos, ele, desejando mudar, poderá buscar uma maneira de transformar aquilo em virtudes. E o que são isso, se não aprendizados experienciais?

Ademais, o “fazer teatro” me ajudou, enquanto indivíduo, a desenvolver/melhorar diversos aspectos da minha personalidade e da minha vivência. O aspecto mais evidente diz respeito a minha timidez, pois aquela garotinha que outrora temia o contato social deu espaço a uma pessoa mais comunicativa, o que me permitiu fazer escolhas profissionais que envolvem lidar com o público corriqueiramente. (Marina)

Foi aqui que eu aprendi a fazer careta, com o Allan. Ele me ensinou a fazer careta sem ter vergonha de ficar feia e isso me ajudou a trabalhar o não me importar com o que as pessoas pensam de mim. Foi aqui que eu aprendi a ser palhaço, que eu coloquei o medo de lado em prol de algo maior do que eu, que era a mensagem que a gente tentava passar com as peças. Foi aqui que eu fiz amigos para a vida toda. Foi aqui que eu conheci minha segunda família. Aqui que eu vivi muitos momentos bons. (Larissa)

Esse papéis nem sempre foram representados em cima do palco, na maioria das vezes eles extrapolavam os limites do lugar físico e a arte se mistura com a vida, e a vida com a arte.

Quando eu completei 18 anos, entrei no projeto jovem monitor, as “tias” já nos encaminhavam para monitoria dos grupos, e isso pra mim, teve um peso muito grande,

⁴⁴ Para saber mais ver o livro *Princípios que fundamentam a Educação do Espírito* (AMUI, 2007).

porque, a partir do momento em que eu passei a ser monitora, [...] foi um grande aprendizado. A diferença de idade nem era tão grande, eu tinha 18 anos, e eu tinha que acompanhar o jovem de 16, ou de 12, ou de 13, ou de 14 anos, quer dizer, a diferença não era tão grande, mas estar nesse papel de exemplo me fez melhorar muitas coisas na minha vida, porque eu tinha a sensação de que eu não poderia mentir pra eles, eu não poderia dizer pra eles fazerem uma coisa, se eu não estava conseguindo fazer aquilo. Então eu comecei a ter muito mais cuidado na relação com a minha mãe, na minha relação com o meu pai, que era muito problemática, com a minha tia também, e com a doença da minha avó. [...] E comecei a testar o perdão, a paciência, [...] depois de perceber o quanto aquilo era importante, o quanto aquelas sementes eram importantes, foi despertando em mim, uma necessidade de plantar mais sementes. (Tamara)

Isso tudo foi me favorecendo a cuidar do outro, a pensar mais no outro do que em mim. Respeitar o pensamento do outro, saber trabalhar em equipe. (Aline)

Me parece que toda essa experiência com a arte acabou se mostrando um ensaio para que eu fosse adquirindo a disposição e a tranquilidade necessárias para fazer o que faço até hoje, que é assumir a responsabilidade de projetos e tarefas na casa espírita. Além disso, essa experiência abriu caminhos para que eu me tornasse locutor, palestrante, apresentador... (Romário)

O teatro serviu até para unir irmãos em desavença. Revelar uma Angélica que eu não conhecia. O que acabei de falar exemplifica uma qualidade da arte espírita de uma forma geral sobre nós: a transformação a que ela conduz no íntimo de cada um que a vive, seja assistindo, lendo ou ensaiando. Já não falo apenas do teatro, nem simplesmente da oficina, mas percebam que tudo começou quando fui tocado por um romance espírita. O resto se desenrolou nas provações do trabalho diário para o bem. Essencial frisar que era para o bem, porque duvido muito que essa experiência de reconciliação houvesse acontecido se estivesse me dedicando para a destruição de vidas, para o feio, para o desamor. Um processo de afloramento espiritual acontecia totalmente longe do meu conhecimento, era o da minha

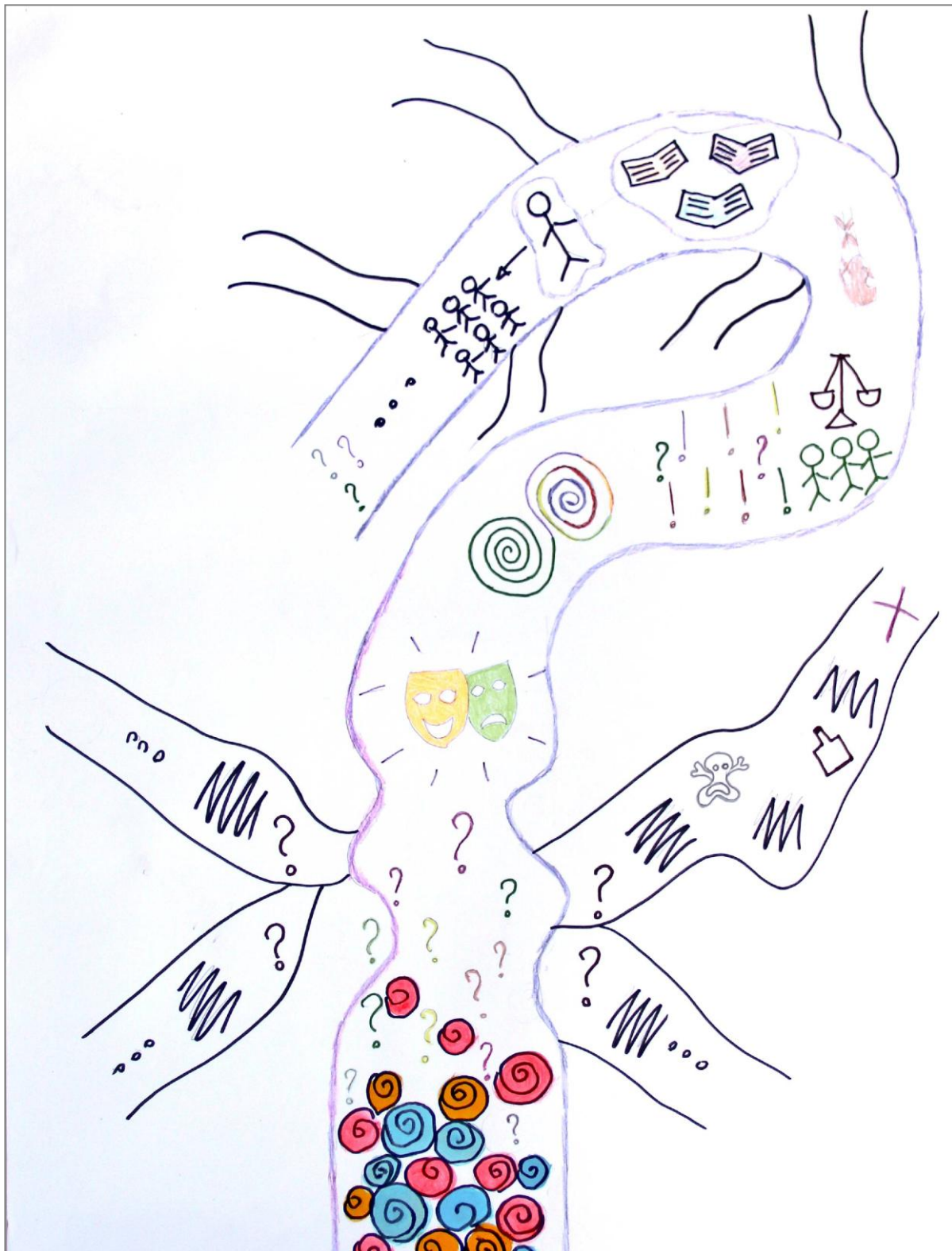
irmã. Ela também iniciou com os romances espíritas. Que arte abençoada, esta que se utiliza do verbo para nos modificar! (Allan)

Assim, o teatro ganha, com a Arte Espírita, uma conotação diferente na relação com o ser humano. Ele passa a atuar, como a própria biografização, como um estímulo à descoberta de si, a partir do momento em que propõe que o indivíduo se descubra na narrativa, não apenas da sua história, mas da história dos personagens que passam a existir através dele.

Cientes dessas questões expostas, passaremos agora para a observação e análise dos aprendizados experienciais, a partir dos caminhos traçados pelos jovens na fase final do CRB.

4.1.1. A arte encena a vida - Marina Leite

Foto 34 - Caminho da Marina



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

Em seu caminho, Marina dá um destaque especial para o Arte em Cena. Segundo ela própria, essa experiência foi um divisor de águas em sua vida, ou como Josso (2010) costuma chamar um “momento-charneira”⁴⁵. Ela coloca o Arte em Cena como um paradigma, após sair de uma infância tímida e iniciar uma pré-adolescência um pouco conturbada, ela encontra no grupo um caminho para descobrir e construir o mundo que possui hoje.

A partir desse momento, deixei de frequentar a infância, pois uma gama de possibilidades e novas experiências estavam na minha frente me convidando para vivenciar a fundo. Agora, eu era uma pré-adolescente que frequentava a juventude e a oficina de teatro de uma casa espírita, uma total mudança de paradigma.

O projeto de futuro da Marina, começa a partir dos livros desenhados. Segundo ela, esse é um projeto que envolve conhecimento, aprendizado e prática, em que ela está, no momento, buscando novas formas de ver o mundo, novos saberes, para que, uma vez acumulados, ela possa, de alguma forma, contribuir para o crescimento de si e dos outros. Essa consciência surgiu não só da vivência da Doutrina Espírita, mas da prática dentro do Arte em Cena.

➤ **Antes do Arte em Cena**

A Marina, antes de ter qualquer contato com a arte, dizia-se uma pessoa extremamente tímida. Ela mal conseguia se relacionar com as outras pessoas. Isso, segundo ela mesma, atrapalhava sua desenvoltura em todos os campos da vida. Esse problema a seguiu durante toda sua infância, e só na pré-adolescência, ela resolveu que iria mudar, e o Arte em Cena surgiu como essa oportunidade.

O Allan era animado, extrovertido, tudo que eu tinha vontade de ser, mas não tinha conseguido encontrar um caminho. Talvez, por isso, tenha surgido uma admiração por sua

⁴⁵ Momentos ou acontecimentos-charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida (JOSSO, 2010, p. 90).

figura logo de início. Nesse mesmo ano, o Allan divulgou que haveria uma oficina de teatro para a infância durante as férias de julho. Não sei de onde eu tirei forças, mas fui e fiz a oficina. Nem pensei muito a respeito, se não eu poderia desistir. Nesta oportunidade, conheci o Romário e a Natália, outros futuros companheiros que também se tornariam inspirações para mim.

A admiração e o exemplo são forças impulsionadoras de transformação e educação do espírito, principalmente no processo de evangelização. O evangelizador⁴⁶ precisa cultivar uma conduta que materialize os princípios e valores em que ele acredita, para que o evangelizando possa observar e decidir por ele mesmo que caminho quer tomar. Para isso, é necessário que o indivíduo aprenda a “dinamizar o pensamento e a percepção pela observação constante, lógica e dedutiva, promovendo a ação experimentadora dos acontecimentos palpáveis da vida, levando a compreender os fatos subjetivos que se desenrolam na intimidade do Ser” (AMUI, 2007, p. 21).

➤ **Durante o Arte em Cena**

No Arte em Cena, Marina foi conquistando uma autonomia dentro e fora do palco que era como um despertar para a vida. Era como se a arte estivesse aguçando seus sentidos para que ela enxergasse um mundo novo e empolgante. Era uma experiência que gerava uma consciência de si e do outro diferente da que ela já possuía (DUARTE Jr., 2001).

No Arte em Cena, eu entrei quase que de paraquedas [...]. Não sabia exatamente o que estava fazendo ali, mas eu estava ali e ia me esforçar para permanecer. E o teatro foi me envolvendo de corpo e alma, tomando forma e formando a minha vida. [...] Recordo-me que as mensagens, inúmeras vezes, foram recebidas de coração aberto por aqueles que assistiam às apresentações. Por exemplo, em uma encenação da peça intitulada “Juízo Final”, em uma empresa de coleta de lixo, ao final, nos surpreendemos com os funcionários chorando copiosamente. A peça tinha uma simples mensagem de amor e perdão que tocou o coração das pessoas. Quão gratificante era a sensação de fazer parte disto!

⁴⁶ O evangelizador, nesse contexto, é um educador do espírito, ou seja, um educador que vê os educandos, não como alunos, mas como espíritos em processo de evolução, que trazem experiências e vivências dessa e de outras vidas e que estão aqui não só para aprender, mas para ensinar também.

Além dos momentos bons, as dificuldades e os problemas enfrentados dentro do Arte em Cena, foram fundamentais no crescimento do grupo e de cada membro. Dentre eles os mais comuns eram: a falta de apoio dos centros espíritas às iniciativas dos jovens e a própria dificuldade de convivência em grupo. Em alguns casos, a pouca atenção disponibilizada à juventude nas casas espíritas, aqui em Fortaleza, é um reflexo da visão de que juventude é uma categoria que carrega consigo vários estigmas sociais e ideias preconcebidas, muitas vezes equivocadas. Ainda existem aqueles que acreditam que o jovem é um indivíduo desprovido de responsabilidade e capacidade para tomar decisões sábias. Aos poucos essa visão está sendo modificada e o jovem está caminhando para assumir papéis na sociedade que antes não lhe eram atribuídos (GROPPO, 2000). O próprio Arte em Cena pode ser tomado como um exemplo desse protagonismo juvenil.

As dificuldades de conviver em grupo se dão pelos conflitos intersubjetivos que a maioria dos conjuntos de pessoas enfrenta. Relacionar-se com o outro é, muitas vezes, complicado. Na maioria dos casos, é necessário que haja um sentimento ou um objetivo muito forte, em comum, para que duas ou mais pessoas consigam colocar suas diferenças de lado e trabalhar juntas em prol de algo. Transpor essas barreiras e construir alguma coisa coletivamente, através dessa união, para Marina, se configura como um grande aprendizado.

O dinamismo das nossas atividades também foi muito importante para que aprendêssemos a reagir a situações de dificuldades rapidamente, tanto quando em cena quanto nos obstáculos que tínhamos para desenvolver e concretizar nosso trabalho. Algumas vezes fomos surpreendidos com dificuldades burocráticas ou falta de apoio da casa espírita que quase culminaram no encerramento de nossas atividades, oportunidade em que tivemos que, em grupo, enfrentar e solucionar tais problemas.

A arte, então, chegou à vida da Marina, não apenas como uma forma de fazê-la perder a timidez, mas também como uma maneira sublime de entrar em contato com aquilo que ela considera divino. Seria uma forma de se conectar com Deus, com a espiritualidade e com ela mesma, conforme elaborações de Tolstoi (2002).

Outra consequência desta experiência foi o surgimento de uma necessidade constante de “fazer arte” na minha vida. Durante o meu crescimento, nunca fui estimulada para desenvolver qualquer lado artístico pelos meus pais, haja vista que a minha mãe, vinda do interior, e o meu pai, não tiveram, por sua vez, estes estímulos. Antes de conhecer a arte, ou um pouco dela, não sentia sua falta, pois fazia parte de uma realidade muito distante da minha. No entanto, depois de ter contato, descobri que é uma das formas mais belas de comunhão com Deus, ou o universo, como preferir. [...] O teatro talvez tenha se consagrado na minha mente como um instrumento de comunicação espiritual, embora não signifique que não possa ter outras tantas funções sociais igualmente importantes.

➤ **Depois do Arte em Cena**

Mesmo depois de sair do Arte em Cena, Marina não conseguiu se desvencilhar completamente da Arte e foi na dança que ela se encontrou. Para ela, a dança é o momento que ela encontra-se consigo mesma, com a verdadeira Marina.

A arte encena a vida, a minha vida, desde que obtive a experiência transformadora de vivenciar a oficina de teatro arte em cena da mocidade espírita do Grupo Paulo e Estevão (GEPE). [...] Talvez, por isso, após deixar o arte em cena, sempre procurei fazer algo que envolva arte, e me entreguei pra dança de corpo e alma.

A experiência de parar e refletir sobre os aprendizados construídos a partir dessa vivência foi, para a Marina, uma forma de identificar as manifestações desses aprendizados refletidos ainda hoje em sua vida, contribuindo inclusive para embasar e fortalecer seus projetos futuros.

Já havia parado para refletir sobre como os meus anos desta experiência tinham sido enriquecedores para as minhas escolhas da juventude, contudo não parado para pensar sobre os reflexos que teriam na minha vida após a minha saída destas atividades.

4.1.2. A Arte que me colocou no Caminho - João Romário

Foto 35 - Caminho do Romário



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

O caminho do João Romário foi representado por elementos que estão em seu cotidiano de estudos, como professor de astronomia: as ondas. No começo, ele se apresenta com um traço retilíneo em direção ao lado direito, composto por uma cor clara, onde ele identifica sua pré-adolescência cheia de timidez. A primeira espiral, de cor vermelha, representa a experiência com o teatro no Colégio Militar, onde ele começou a se socializar mais. A espiral de cor violeta representa o Arte em Cena. Segundo o próprio Romário, ela está em um sentido contrário à espiral do Colégio Militar, porque a proposta das experiências era diferente. Enquanto no Arte em Cena o teatro tinha um engajamento, seguia uma direção de formação do ser, no Colégio Militar, ele era constantemente estimulado a desenvolver sentimentos de vaidade e orgulho.

A espiral maior, também de cor vermelha, engloba uma diversidade de experiências com a arte – LEMA, Espírito de Arte, Faculdade, teatro no IBEU. Essa fase, na opinião dele, foi muito conturbada, o seu foco estava mais em ser conhecido e reconhecido, do que verdadeiramente merecer esse reconhecimento, ou seja, ele estava se preocupando mais com a imagem que teria diante dos outros, do que com o que ele verdadeiramente estava tentando transformar dentro de si. Até que o raio encontra uma luz amarela, que significa a imersão na Metodologia de Evangelização de Espíritos, realizada no período em que morou em Belo Horizonte, Minas Gerais. A partir desse contato com as ideias do educador Eurípedes Barsanulfo, o Romário deu uma nova direção para o seu caminho, representada pela grande onda azul, levando suas experiências artísticas para um âmbito mais ligado à formação e educação do espírito. (AMUI, 2007) Seu projeto de futuro caminha no sentido de se aprofundar cada vez mais nesse universo evangelizador da Arte Espírita.

Neste trabalho, nós nos limitamos a observar apenas a espiral que representa o Arte em Cena.

➤ **Antes do Arte em Cena**

Como ele mesmo narrou na descrição do seu caminho, a arte já estava presente em sua vida antes do seu primeiro contato com o Arte em Cena. Porém, o teatro do Colégio Militar tinha um contexto e um propósito diferenciado.

Eu me lembro de que o teatro, pra mim, no colégio, onde eu já havia me iniciado nas atividades artísticas um ano antes, foi uma forma de me soltar mais, de ganhar confiança. Acho que eu tinha uma certa falta de autoestima. Eu não era um atleta, era meio gordinho até os 12 anos, era um cara tímido, e o teatro teve esse papel de estímulo para eu me soltar, ganhar mais confiança.

➤ **Durante o Arte em Cena**

O Romário destaca, com bastante importância, que o Arte em Cena foi a primeira de todas as atividades que ele participou dentro de um centro espírita. E que isso, no início, foi decisivo para sua permanência.

Eu me lembro de que o meu primeiro dia na MEPE foi 24 de setembro de 1999. Fui a convite do Allan. Estávamos, num certo dia, eu, ele e o Ítalo na biblioteca do IBEU, conversando sobre a vida, até que o Allan começou a falar da visão espírita sobre temas como o surgimento do Universo, a vida, a morte, e eu achei muito interessante. Pedi alguma coisa pra ler e ele me deu o Livro dos Espíritos. Eu tinha 14 anos. Gostei do que li e, pouco depois, ele me perguntou se eu não queria ir ao centro espírita. Eu aceitei e, no dia 24 de setembro, lá estava eu. [...] Obviamente, como era a estrutura da MEPE na época, antes da mocidade, tinha o Arte em Cena, de forma que a primeira coisa que eu fiz num Centro Espírita na vida foi participar de uma oficina de teatro, antes de ir para mocidade, ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita), AE (Atendimento Espiritual) ou qualquer coisa outra atividade tradicional.

Segundo ele próprio, uma das grandes contribuições do Arte em Cena para sua vida foi a oportunidade de começar seu contato com a Doutrina Espírita já através do trabalho. Esse sentimento de poder contribuir com o crescimento do outro e, com isso, crescer também é algo que surge da forma impulsionadora do jovem, ávido por transformações em prol de um mundo melhor (PAIS, 1993).

Pois bem, assim que eu cheguei à MEPE, fui me entrosar exatamente com o teatro e isso certamente colaborou para que eu “ganhasse raiz” rapidamente, me fixando. Serviu para eu firmar base, em vez de ser aquele jovem que vai e fica só como participante, que não traz uma contribuição para o trabalho. No teatro, eu me sentia apto a contribuir de uma forma concreta. Graças ao Arte em Cena, já cheguei à juventude espírita como participante de um projeto dentro da casa. [...] se não fosse a arte, possivelmente eu não teria me fixado como me fixei na casa espírita, que eu percebo agora como uma frente de trabalho essencial dentro dos meus compromissos reencarnatórios. A arte foi um recurso que funcionou melhor do que qualquer outro poderia, porque, no Arte em Cena, eu tinha um compromisso. E eu gostei tanto de ter um compromisso, me fixando à casa espírita, que hoje eu não largo de jeito nenhum! Estou nele e entendi a importância de estar na casa espírita para a minha existência, para os meus propósitos aqui nessa vida. De forma que eu não tenho nenhuma pretensão de, em nenhum momento dessa encarnação, deixar isso de lado. Estou aqui como trabalhador espírita ativo em tudo o que eu consigo fazer. E a experiência de arte espírita na minha juventude foi muito importante para isso.

➤ **Depois do Arte em Cena**

O que ficou mais claro no caminho e na biografia educativa do Romário é que o Arte em Cena foi uma experiência que lhe deu suporte para a visão de arte e de mundo que ele possui hoje. Uma visão que, de certa forma, se aproxima de uma “arte formativa” na medida em que não tem como finalidade a obra finalizada, mas a vivência do processo artístico e o que aquilo nos traz de sentimentos, sensações e aprendizados (DUARTE Jr., 1981).

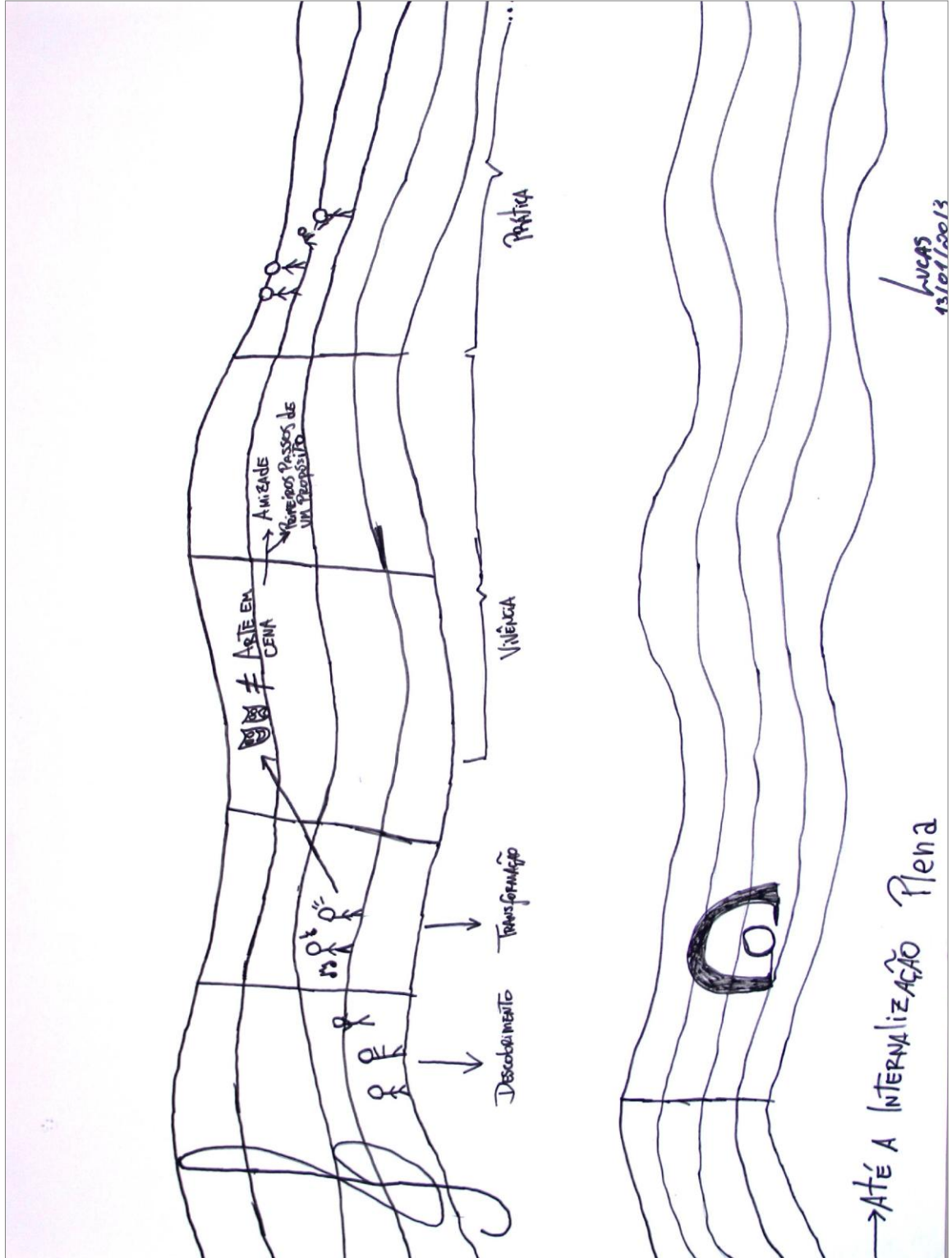
Essa visão parte do princípio de que a Arte Espírita é um estímulo “que estrutura a base da motivação do Espírito, e é através da motivação que o Ser renova seus conteúdos, amplia seu arcabouço de conhecimento, expande o campo da inteligência e a sua cultura” (AMUI, 2007, p. 46). Assim, a partir dessa experiência, o Romário passa a ter uma perspectiva de vida mais voltada para a educação do seu próprio espírito através da Arte Espírita, de uma forma mais prática e dinâmica.

Eu sinto que o Arte em Cena foi uma prévia da atual visão que eu tenho da arte: um recurso

de edificação do Ser, que serve antes de tudo para me transformar, e não para exhibir para os outros. É claro que o Arte em Cena fazia peças para serem apresentadas, mas o processo era muito mais significativo, mais interessante do que as apresentações em si, já que as peças eram, em geral, curtas. [...] O que eu tenho por certo é que, se não fosse a arte na minha juventude, eu teria sido um jovem muito mais introspectivo, talvez excessivamente intelectual e não muito prático... Afinal, o fazer artístico no Arte em Cena era algo muito intenso, que me obrigava a estar sempre pronto, construindo, fazendo, compartilhando, o que me estimulava a um dinamismo que eu sinto que ainda demoraria muito a conquistar se não tivesse trilhado esse caminho.

4.1.3. A oficina do crescimento - Lucas Moura

Foto 36 - Caminho do Lucas



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

O Lucas representou seu caminho através de uma tablatura. Segundo ele, ela possui começo, meio e fim, assim como a sua história. Ele resolveu utilizar esse formato, porque a música sempre esteve presente na sua vida. Foi por meio dela que ele se descobriu e se ligou às outras linguagens artísticas. Assim como a maioria, ele passou por um período de timidez, até encontrar o Arte em Cena. Depois que ele começou a fazer teatro uma série de transformações foram ocorrendo em seu modo de ver a vida e sentir o mundo. Ele nomeou esse momento-charneira de “despertar” (JOSSO, 2010).

No seu caminho, o que mais se destacou foi o momento em que ele desenhou as máscaras do teatro seguidas de um sinal de diferente e do nome Arte em Cena. Ele explicou que, para ele, a experiência do Arte em Cena era diferente do teatro, e até da arte por si só. Ela era uma experiência de vida. Ele chega a defini-la, no desenho, como uma “fonte de amizades e os primeiros passos de um propósito”. Propósito esse que se encontra e se materializa na prática.

De acordo com o Lucas, o caminho dele começa nas notas mais graves, demonstrando ainda o processo de busca pelo conhecimento vivenciado nos primeiros anos da infância e da pré-adolescência, e vai evoluindo para as notas mais agudas, demonstrando as conquistas, o amadurecimento e os aprendizados que foi construindo ao longo do tempo. Na parte de baixo da tablatura, ele desenhou a fermata, que é um símbolo que significa o momento, na música, de parar. O Lucas disse que esse símbolo aparece na partitura para que o músico fique atento à condução de parada do maestro, ou seja, aquele símbolo, em seu caminho, se refere à confiança que ele tem de que só o Maestro Divino poderá dizer quando e onde a sua música deve parar. Abaixo da tablatura ele escreveu “até a internalização plena” e afirmou que esse é seu projeto para o futuro, a verdadeira compreensão e aplicação de todos esses aprendizados que acumulou ao longo da sua vida.

➤ **Antes do Arte em Cena**

O Lucas anuncia, desde o começo da biografia educativa, que sempre teve contato com a arte, através da música, e que isso era um fator fundamental para entender como ele se tornou a pessoa que é hoje. Outro fator relevante é a presença da Doutrina Espírita desde a sua infância. Sendo o único que nasceu “em berço espírita”, o Lucas não consegue diferenciar ou estabelecer um antes e depois do contato com o espiritismo e com a Arte Espírita, afinal, isso

sempre fez parte do seu cotidiano.

Eu comecei a me envolver com arte na música. O primeiro instrumento que aprendi foi a flauta e eu aprendi sozinho. Foi então que meus pais sugeriram para que eu aprendesse a tocar violão e, como espírita desde o berço, curiosamente fui aprender a tocar violão dentro de uma igreja Franciscana, onde o Frei era quem ministrava as aulas de violão. [...] Eu frequentava outros centros espíritas antes do GEPE. Eu frequentava o Centro Espírita João, o Evangelhista (CEJE) e frequentava o Instituto de Cultura Espírita (ICE). Ambos são perto da minha casa. Frequentando a evangelização infantil e, posteriormente, a mocidade, a primeira coisa que eu fiz com arte foi entrar para o Coral Cativeiro do CEJE, na mesma época que estava aprendendo violão. Esse coral era do pessoal da mocidade, que se encontrava no sábado, e, aos domingos, havia os encontros do coral.

Apesar de a arte sempre ter feito parte da vida do Lucas, ele nunca se sentiu um artista. Durante a etapa da colaboração narrativa⁴⁷, pedimos que ele refletisse sobre essa questão, porém, ao trazer sua biografia educativa finalizada ele afirmou não ter chegado a uma conclusão sobre isso. Afirmou, ainda, que hoje ele consegue se sentir um artista, mas que é um tipo de artista diferente, um artista com uma prática e um objetivo diferente dos outros. Essa afirmação pode ser consequência da visão preconcebida e perpetuada por anos na nossa sociedade, de que o artista é aquele ser que recebeu um dom divino e que nunca poderá ser alcançado pelos outros indivíduos. Aos poucos, vamos identificando necessidades de mudança nesses parâmetros, para que a arte possa alcançar outras dimensões no fazer-humano (DUARTE Jr., 1981; DEWEY, 2010; BARBOSA, 2002).

Mas, uma vez, eu não queria vir, porque eu era muito envergonhado e também, porque eu nunca me senti artista. Eu sempre me senti uma pessoa que gostava de arte e fazia isso por diversão.

⁴⁷ Etapa do CRB desenvolvida no quarto encontro.

➤ **Durante o Arte em Cena**

Essa tranquilidade que o grupo me proporcionava, graças às amizades e às diversões saudáveis junto de todos, foi então quebrando a minha timidez, esse meu medo que eu tinha de me expor mesmo. Eu era muito de aceitar as coisas, por timidez também. E o grupo me ajudou nisso. [...] Cheguei à Mocidade Espírita Paulo e Estevão em 2005 e, desde então, eu não sai mais. Me ausentei apenas em 2007 no ano em que tentei vestibular e um ano depois quando eu passei no vestibular; em 2008, eu voltei. Só que eu já voltei querendo trabalhar, querendo ser o tal “jovem aprendiz”. Desde 2008 até hoje eu estou como evangelizador da Mocidade. Nesse percurso, mais uma vez eu me envolvi justamente com o grupo arte em cena que, na época, estava quase parado por falta de alguém estar à frente.

Mais uma vez o protagonismo juvenil surge nas biografias educativas. Essa vontade de fazer algo, de “colocar a mão na massa”, é comum aos sete participantes/atores/autores e, de certa forma, diferenciava os jovens que estavam na oficina dos que estavam apenas na mocidade. A Arte Espírita, nesse contexto, estimulava uma espécie de autonomia e pensamento crítico a respeito da vida e de si, a partir do momento em que colocava em pauta, nas apresentações e nos estudos, assuntos⁴⁸, em sua grande maioria, polêmicos, mas necessários para a juventude de uma forma geral.

➤ **Depois do Arte em Cena**

Quando estimulado a refletir sobre a importância dessa experiência para sua formação, o Lucas se define como um “artista das belezas eternas”, cujo intuito de fazer a arte não está tanto fora de si – na apresentação, na técnica, no espectador –, mas dentro de cada espírito artista que tenta fazer da arte uma experiência de transformação de si (EMMANUEL, 1999).

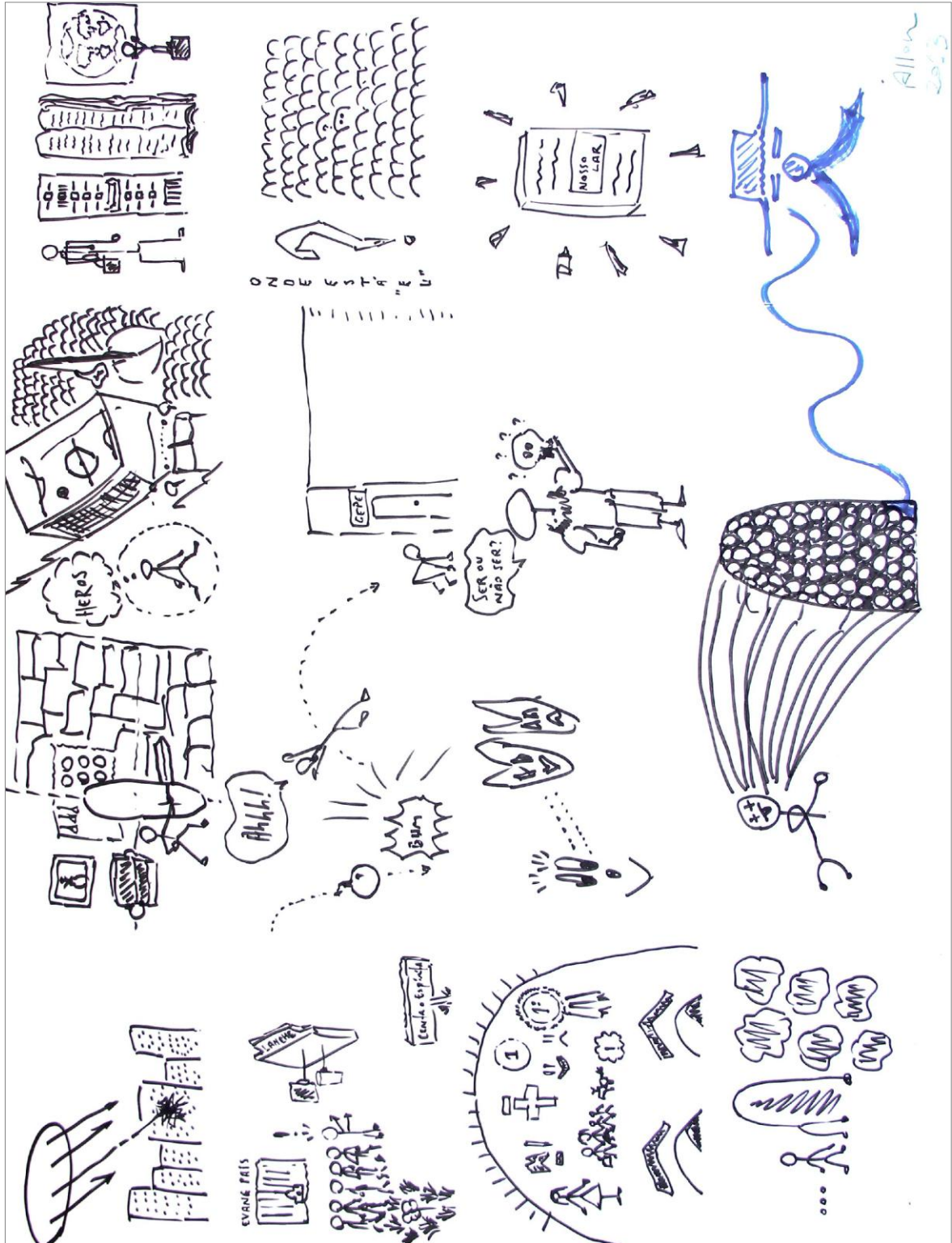
Hoje, o Lucas vê a Arte Espírita como uma oportunidade de fazer com que a luz que ilumina, anima e revela qualquer manifestação artística, seja a luz que parte do criador, do artista, do espírito inspirado pela vontade divina.

⁴⁸ Assuntos como aborto, suicídio, família, relacionamentos, depressão, sentimentos, drogas, dentre outros.

Essa foi uma pequena trajetória do meu envolvimento com arte e com o Arte em Cena e se fosse pra dizer mesmo assim o que isso importou na minha formação enquanto quem eu sou hoje, eu diria que toda a minha responsabilidade que adquiri, muitas das decisões que eu tomo são frutos dessa quebra de timidez que a arte me proporcionou. A arte sempre esteve na minha vida, embora muitas vezes eu tivesse, sem saber, renegado esse ofício. A arte está presente na minha vida até hoje, é algo muito importante, mas só hoje em dia que me vejo como artista das belezas eternas, como muito bem disse Emmanuel, me ajudando a crescer enquanto espírito espírita e o que eu carrego pra mim é que a arte é um veículo bastante motivador de um ser mais evangelizado e como nos disse uma certa vez um espírito amigo, permite que os holofotes que iluminam o palco sejam as luzes que saem de dentro de nós.

4.1.4. A fonte da juventude - Allan Denizard

Foto 37 - Caminho do Allan



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

O Allan fez uma história em quadrinhos do seu caminho. No primeiro quadrinho ele desenhou sua chegada à Terra, ou seja, seu nascimento. No segundo, a infância cheia de imaginação e fantasia. No terceiro, a solidão heroica que ele sentia no colégio. No quarto, o pai – também médico –, representado do mesmo tamanho do prédio onde morava e dos estudos – relevando o nível de importância que a figura paterna tem para ele – e no fim ele pequeno, olhando o mundo pela janela. No quinto, um centro espírita que ele frequentava quando pequeno, onde a lembrança mais marcante era dos lanches que recebia no fim da reunião e das fugas para o evangelho dos pais. No sexto, mudanças drásticas o fizeram sair do antigo centro espírita e o “lançaram” até o GEPE. No sétimo, a sensação de não conhecer ninguém e de ser mais um no meio da multidão. No oitavo, as várias coisas que passavam por sua cabeça na juventude. No nono, o encontro com a Arte Espírita, no Arte em Cena. No décimo, a representação de como ele se via na busca de si e na interpretação teatral dentro dessa proposta espiritualizada. No décimo primeiro, um dos livros que marcou essa época. No décimo segundo, a passagem para a faculdade e os mistérios que o aguardavam após o “portal do estetoscópio”. No décimo terceiro, o portal engancha no pescoço dele e retira todas as suas lembranças e memórias e as coloca dentro de uma gaiola⁴⁹. E no décimo quarto, o “homem de bigodes”, Eurípedes Barsanulfo, consegue entrar na gaiola das lembranças e salvar, uma a uma, as memórias, resgatando assim o sentido da verdadeira Arte Espírita para o Allan, que era o discurso proferido e professado já no Arte em Cena.

➤ **Antes do Arte em Cena**

A experiência que ele teve com arte, antes do Arte em Cena, foi do teatro na escola. Suas investidas na arte se restringiam a uma prática destinada a perder a timidez, se relacionar mais e melhor com as pessoas e se divertir.

Me arvorei a tentar novamente encenar diante da classe, primeiramente uma história sobre os bandeirantes que desbravaram o Brasil, depois um esquete sobre uma certa Dona Baratinha, em que, em uma equipe de apenas homens, fui o único a se atrever ser a Dona Baratinha. Incrível e divertida a minha desenvoltura dessa vez, a facilidade de improvisar, de

⁴⁹ Aqui o Allan faz menção às dificuldades que ele teve de enfrentar dentro da faculdade de medicina. Na sua biografia educativa ele descreve que teve de “abandonar” muita coisa que gostava de fazer para se dedicar à faculdade; o Arte em Cena foi uma dessas coisas.

fazer graça e de decorar os textos. Uma amiga gostou muito das encenações e me convidou para participar do grupo de teatro da mocidade espírita.

O Allan foi o membro do Arte em Cena, mais antigo convidado para participar deste trabalho. Ele ajudou a fundar e manter o grupo durante muitos anos. Sua presença é muito enriquecedora, porque ele viu e influenciou diversas gerações do Arte em Cena, e aparece em todas as narrativas dos outros *pesquisadores/atores/autores* como uma figura importante para a compreensão da história do grupo e para a formação de todos nós.

Participei do Arte em Cena antes de ele ser o Arte em Cena. A mocidade espírita em que ele se inseria era bem menor, tinha bem menos jovens. E desde que entrei, já havia um grupo de teatro que se reunia antes das aulas da mocidade. Sem nome que o singularizasse, era tão somente o grupo de teatro da mocidade espírita Paulo e Estevão.

➤ **Durante o Arte em Cena**

A pertença a um grupo social pode contribuir para a formação da identidade de um jovem, por isso, muitos deles possuem uma necessidade de serem aceitos e fazerem parte desses núcleos sociais (GROPPO, 2000). O Arte em Cena possibilitou ao Allan uma inserção social que ele buscava desde muito novo. Mostrou que ele era um jovem tão capaz de se enturmar como qualquer outro. Fez com que ele desabrochasse para a vida e para o mundo, trabalhando seu protagonismo, enquanto jovem, além de lhe proporcionar uma nova perspectiva de juventude (PAIS, 1993).

Com o tempo, e principalmente, com assiduidade e disciplina, fui crescendo no grupo de teatro da juventude espírita. Saí do papel de obsessor para ser mais alguma coisa, e mais alguma coisa. Aquele coordenador teve de sair, outra pessoa assumiu, e outra, e mais outra. Fui tomando um certo protagonismo, porque aqui tinha me encontrado. Estaria eu perdido até então? No mundo dos adolescentes, sim. Quando eu cheguei ali, naquela mocidade, era incrível, era extremamente tímido. [...] ao chegar à mocidade, eu não conhecia ninguém e estava em um centro espírita diferente. Some-se a isso aquele processo de identificação e

vontade de aceitação tribal do adolescente: “Será se sou bonito para as meninas? Será se sei falar?”. Então, às vezes, ficava angustiado de ir ao centro espírita, porque embora gostasse do centro, não me sentia à vontade. Tudo começou a mudar quando entrei no teatro. Comecei, enfim, a me enturmar.

Outro aprendizado identificado na biografia educativa do Allan é a consciência de poder contribuir com o crescimento não só de si, mas do outro. Uma das máximas defendidas pela Doutrina Espírita é “Fora da caridade não há salvação” (KARDEC, 2009). Caridade, nesse contexto, não se limita apenas a uma visão assistencialista, mas se estende a um trabalho complexo de auxílio e formação do próximo, visando o seu crescimento e amadurecimento enquanto espírito.

Estudar ciência, estudar matemática era bacana. Mas, as coisas mais lindas que eu vi na minha vida estavam no domingo. [...] O que mais resplandecia no nosso dia a dia, o que já fazia valer o nosso esforço, ainda que não houvesse amanhã, não era aquele lugar no céu, que vinha como uma consolação quando tudo parecia difícil, mas sentirmos ter tocado nas fímbrias das almas das pessoas: “Cara, você salvou o meu dia!”. Ou ainda: “Allan, que legal o trabalho que tu faz. Obrigado por tu fazer esse trabalho!”. Ou os jovens: “Puxa! Como eu tô feliz aqui!”. Terá a lógica do capital capacidade de produzir felicidade tão autêntica? Não acredito.

A dimensão de oficina do Arte em Cena era realmente algo que todos lutavam para preservar, e o Allan era um dos mais ferrenhos defensores. Ele acreditava que “o fazer” era mais importante do que a “obra”. O processo era mais importante do que o resultado, os ensaios e as relações construídas eram mais importantes do que as apresentações (DUARTE Jr., 1981). Nessa perspectiva, a oficina surgia como uma escola do espírito, onde os membros seguiam “aprimorando seus valores e intensificando sua capacidade de compreender a vida” tanto social, quanto espiritual (AMUI, 2007, p. 20).

O Arte em Cena não é para sair de dentro do Centro Espírita. O Arte em Cena não é um grupo de teatro. Ele é uma oficina, porque na oficina a gente está sempre trabalhando, nos

trabalhando, trabalhando as outras pessoas ao redor. O Arte em Cena, não é um grupo profissional, é uma oficina. Nós estamos sempre aprendendo, sempre crescendo. Nunca deveremos tirar o olho de que nós precisamos trabalhar para o nosso crescimento. Não estamos aqui para nos mostrar, exhibir. Não estamos aqui para ganhar audiência. Não estamos. Quando a vaidade começar a dominar nossos trabalhos, o Arte em Cena nem mais grupo será. O discurso da oficina nos lembrava que estamos na vida com o objetivo maior de aprender, de crescer rumo a um objetivo último que mora ao lado de Deus. Temíamos que a profissionalização do nosso grupo colocasse o sentido educativo em segundo plano em prol do capital. Leia-se capital, na verdade, vaidade, orgulho, estrelismo. Na oficina, não. Todos construtores de si. Na escola, não. Todos aprendizes de si.

➤ **Depois do Arte em Cena**

O Arte em Cena lhe proporcionou uma base para a compreensão que ele possui atualmente a respeito da Arte Espírita, ou, mais especificadamente, do teatro espírita. Para o Allan, ele se configura como um instrumento para a transformação e a educação do espírito. Alega, ainda, que a arte não teria o mesmo significado para ele se não fosse engajada em um objetivo nobre e voltada para o bem (TOLSTOI, 2002; KANDINSKY, 1995).

Até então eu não tinha dado meu dote para nenhum lugar que não as besteiras e brincadeiras em casa. [...] Acho que essa facilidade que tinha de inventar histórias acabou sendo sublimada para um canto muito bom, que foi esse de fazer teatro. Engraçado eu falar em “dar o dote”, porque faz lembrar não o dom gratuito que trazemos nesta vida, mas a herança que já temos e que é dada para aquele com quem vamos casar, a fim de começar nova vida. Seria bem isso o que aconteceria entre mim e o teatro. Iniciaria um casamento inseparável. E graças a Deus que meu teatro foi priorizado para um teatro que sempre, ao contrário do que muitos artistas acham, “ah! o teatro (e todas as artes com ele) deve prestar culto à deusa liberdade, ele não deve ser engajado em nenhuma proposta, ele deve ser o teatro por si só”, mas não, sempre se direcionou ao bem, a ensinar aos outros como ser belo na vida, como amar na vida. Veja que eu disse “ser belo na vida”, e não simplesmente direcionado ao belo. Porque a proposta era um teatro que transformasse as pessoas e a si mesmo. Enquanto mexíamos com o belo, nos transformar nesta beleza. É a primeira lição do teatro espírita: um instrumento para a transformação do Espírito.

A Arte Espírita se mostrou, para ele, como uma forma de relacionamento e conexão com a espiritualidade. A noção e a crença em um mundo espiritual, que, a todo o instante, interfere, auxilia e direciona os nossos passos, estão de tal forma presentes na sua história, que ele assemelha isso a uma tatuagem, marca que nunca sairá do seu corpo e da sua alma. Essa “ajuda divina”, tão presente no dia a dia do Arte em Cena, permanece até os dias de hoje permeando suas atitudes e escolhas.

O Arte em Cena me deu uma noção de espiritualidade que ficou tatuada no meu peito: a de que o universo inteiro é movido por Espíritos, de que não estamos sós. [...] e que o meu personagem transcende a mim mesmo, e que havia pessoas ao meu redor que estavam me ajudando a atuar junto com ele. [...] mesmo em coisas pequenas, mas boas, pois não estávamos fundando uma empresa filantrópica ou ajudando crianças da África, nossa caridade era aparentemente menor, e, mesmo assim, havia Espíritos iluminados ao nosso redor, ajudando-nos nessa empreitada. Não há caridade menor para Deus, eis a matemática divina. [...] a mensagem da espiritualidade contrasta com esse mundo líquido, que hoje é e amanhã não mais. A definição materializada do conjunto vazio da matemática: um conjunto portador de todo e qualquer elemento que é sempre e a todo instante diferente dele mesmo. É isso o que a vida parece sem espiritualidade: vazia. [...] No momento que realizava a análise desta escrita junto com os companheiros que compartilharam esta lembrança, havia colocado as seguintes contribuições da arte espírita para mim: uma marca profunda de um sentimento de espiritualidade viva, não só por conta dos Espíritos atuantes ao nosso redor, mas também de virtudes que nos faziam militar por essa causa maior de melhorar a humanidade com amor.

Após ter entrado na faculdade de medicina e se ver forçado a abandonar aquilo que o fazia feliz e o definia, o Allan sente como se tivesse perdido sua juventude. Em muitos momentos da sua biografia, ele relata como foi difícil passar por essa fase que o afastou não só daquilo de que ele gostava, mas também dele mesmo. Foi só após retomar o contato com a arte, que ele pôde se reencontrar e refazer suas experiências criando novos significados e aprendizados (JOSSO, 2010).

A faculdade, portanto, comeu o meu nome, parafraseando João Cabral de Melo Neto, a minha casa, o meu endereço, metros e metros de gravata, comeu minha paz e minha guerra, meu dia e minha noite, meu inverno e meu verão, o meu medo da morte, comeu. Estou sendo menos dramático e mais verdadeiro do que se possa imaginar. A maior parte do dia, passávamos na faculdade, lá era o novo endereço e a nova casa. Dormíamos na biblioteca ou no chão de algum departamento. Adentrei noites para estudos intensos. Fiquei de recuperação várias vezes, consumindo parte das férias. Minha força para lutar por um mundo melhor se esvaia de meu corpo. [...] E quando eu pensava estar perdido, procurei um grupo de ajuda de lá mesmo que proporcionava consultas psiquiátricas gratuitas para os alunos. Das sessões que participei, das conversas terapêuticas que travei, um diálogo em particular me tocou: - Estou fraco, doutora, estou fraco. Eu pensava ser um super-homem. Quantas coisas não fiz em minha juventude fora daqui e agora já não consigo fazer nada. Sou um fraco. - Você é um fraco ou sua força é que é diferente? Porque me parece que não é a mesma qualidade de tarefas as que você fez lá e as que você pelega por fazer aqui. – rematou a psiquiatra que me atendia. A mais pura verdade saía da boca dela. Os tempos haviam passado e eu me esqueci que o que separou minhas derrotas das minhas vitórias foi o afastamento da minha arte. Foi quando encontrei um certo projeto de palhaçoterapia a que denominamos de Projeto Y, que era a cara do Arte em Cena, do qual me tornei o líder.[...] Esse projeto resgatou a minha juventude.

Sua relação com a arte é tão forte, que ele afirma que aquela experiência vivida no Arte em Cena chega a ser tão importante quanto a atividade que ele exerce hoje como médico. A medicina se configura, para ele, uma prática que busca a cura para as dores do corpo físico de uma forma paliativa, ou até superficial, se comparada às verdadeiras transformações que podem ser feitas diante de uma experiência verdadeiramente formativa, que auxilie a cura das dores da alma.

Aqui confesso, seguindo essa linha de raciocínio, e dando asas ao que estou sentindo ao professar essas lembranças, que toda aquela atividade domingueira me parece agora ainda mais importante do que o que faço atualmente: uma medicina centrada em sinais e sintomas

de um indivíduo desmembrado em que preciso oferecer apenas o antídoto para o mau que afeta uma de suas partes. [...] Todo domingo eu ia até o poço encontrar com Jesus e beber aquela água viva que ele puxava com carinho todo especial do mais fundo de seu coração generoso para quem quisesse dessedentar-se.

Esse processo de resgate das experiências e reflexão sobre essas, possui um poder formativo, pois, além de construir os aprendizados, ela leva os *participantes/atores/autores* a pensarem sobre como isso irá contribuir para seus planos futuros. Segundo Josso (2010, p. 194), esse resgate funciona como uma “tomada de consciência”, pois

elaborar sua narrativa para daí retirar os materiais para uma compreensão do que foi a sua formação, depois trabalhar na construção de uma história, a sua história, que confira sentido a esses materiais, constitui uma prática de pôr em cena o sujeito que se autoriza a pensar sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nas suas aquisições do passado e na sua perspectivação do que está em jogo no presente, entre esse passado e um futuro, numa palavra, a sua existencialidade.

Pelo fato de se ver como jovem novamente, após a retomada do contato com a arte, o Allan demonstra a redescoberta de si, de dimensões que o definem e que direcionam a sua existencialidade no mundo.

Todavia, quando novamente confrontado com a pergunta “qual o significado da arte espírita vivenciado na minha juventude para minha formação”, me veio automaticamente a resposta “juventude”. Percebi a ambigüidade significativa do “ter abandonado a juventude” no período da faculdade. Aquele trabalho era a juventude do meu Espírito. Retomar a arte engajada a uma proposta humanitária junto ao projeto de palhaçoterapia foi rejuvenescedor.

4.1.5. A contribuição do Movimento Espírita para minha vida - Tamara Larripa

Foto 38 - Caminho da Tamara



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

A Tamara começa seu caminho com um desenho dos seus pés. Entre os pés, ela fez um olho derramando algumas lágrimas, simbolizando as dificuldades que ele teve em seu caminhar, até encontrar o Arte em Cena. Nesse caminho o Arte em Cena ganha um lugar de destaque. Colorido, vivo, praticamente iluminado, é como uma placa luminosa composta por laranja, representando a dinamicidade e a alegria que ela encontrou no grupo e o verde representando suas esperanças. A partir daí, o caminho segue fazendo referência ao caminho de tijolos amarelos do livro *O mágico de Oz*. Ela desenha os tijolos amarelos envolvendo e direcionando a sua trajetória e, no meio do percurso, identifica algumas virtudes que ela encontrou dentro do Arte em Cena: a consciência, o amor e a coragem.

Em seguida, ela desenhou, de um lado da estrada, a palavra “sonhos” e, do outro, “realizações”, e, no meio das duas palavras, várias pedras e buracos, demonstrando que, entre essas duas instâncias da vida, existem vários desafios, e que ela conseguiu vencer alguns deles. Depois, segue com as palavras ensinar e aprender, que são necessidades que nasceram a partir da prática dentro do Arte em Cena. Foi então que surgiram a faculdade de Teatro e a Cia. Plural, que a levaram a trabalhar com o ensino de Arte até os dias atuais. Nesse momento do caminho, a Tamara destacou como as vivências dentro do Arte em Cena e da MEPE contribuíram para sua formação profissional e para sua visão de mundo enquanto educadora.

Dentro do seu projeto vital, nos planos para o futuro, está a faculdade de Psicologia, que sempre foi um sonho para ela. Ao lado do caminho, ela escreveu um trecho de uma música que diz “você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui...”. Para a Tamara, este foi um dos maiores aprendizados que adquiriu no Arte em Cena: a consciência e a certeza de que nós nunca estamos sozinhos, seja por causa da espiritualidade, seja por causa das amizades.

➤ **Antes do Arte em Cena**

Durante toda a sua biografia educativa, a Tamara se utiliza da metáfora da árvore para se definir e definir suas ações. Ela se vê como uma árvore que fincou raízes no Espiritismo e na arte, por meio da experiência que viveu no Arte em Cena. Sua relação com a Arte sempre foi forte, e, assim como para o Romário, a Arte foi o adubo fértil, que fez com que ela fincasse suas raízes e permanecesse no Espiritismo durante muitos anos, gerando sementes e frutos até os dias atuais.

Eu gostava muito de teatro, na escola, sempre procurava apresentar trabalhos com encenações, mas nunca tinha feito nada mais concreto. O fato de ser em um centro espírita não me chamou muita atenção, mas a oportunidade de fazer uma Oficina de Teatro, sim. [...] A oficina foi ministrada pelo grupo Arte com Texto, na época com a Caroline Treigher e a Maria Castro. Fui muito bem recebida, apesar de atrasada, e o exercício proposto foi bem interessante. Todos de pé, espalhados pela sala, deveríamos imaginar que nossos pés se tornavam raízes, e criar movimentos dos pés no chão, como se essas raízes crescessem para o solo. Talvez, essas raízes tenham sido muito mais profundas do que eu podia imaginar naquela época. Essa analogia de raízes, plantar, sementes, e frutos, eu utilizo muito nas minhas falas. Acredito que as nossas ações vêm das nossas raízes, e essas ações se ramificam, e essas ações podem ser sementes, e essas ações trazem frutos.

➤ **Durante o Arte em Cena**

Para a Tamara, o sentimento de família, anteriormente mencionado neste capítulo, é algo muito importante. Era um sentimento que transcendia os laços da amizade construídos dentro do grupo, e englobava os familiares, os amigos e todos os que fazem parte dessa grande família que foi surgindo no dia a dia, no convívio, dentro e fora do palco.

Antes eu passava a semana querendo que o domingo não existisse, agora eu já chegava na segunda-feira, querendo que já chegasse o domingo de novo pra voltar ao GEPE. [...] A importância do Arte em Cena, a dedicação que nós tínhamos, quando precisava ensaiar no sábado, precisava fazer um cartaz no meio da semana, a gente ia pra casa de um ou de outro amigo do teatro. As mães faziam o lanche, faziam almoço, a tia Gegê, mãe da Lara, mãe do Allan, o chocolate quente da mãe da Salena... E as nossas relações transcendiam ao domingo, construímos amizades reais. [...] Vocês fazem parte da minha vida.

Ao declarar “Vocês fazem parte da minha vida”, a Tamara não está dizendo uma simples frase solta. Se analisarmos bem, fazer parte da história de uma pessoa, é fazer parte de sua vida, de sua formação. É, de alguma forma, ter contribuído para que ela se tornasse a pessoa que é hoje. A respeito dessa relevância do outro no nosso processo de formação, Josso

(2010, p. 196) afirma que

caminhar com os outros passa, pois, tanto por um saber-caminhar consigo, em busca do seu saber-viver, sabendo que cada encontro será uma ocasião para se aperfeiçoar ou se infletir, até mesmo de transformar o que orienta o nosso ser-no-mundo, o nosso-ser-dentro-do-mundo, o nosso ser-com-o-mundo num paradigma da fragmentação, de uma abertura ao desconhecido, na convivência consigo, com os outros e com os universos que nos são acessíveis. É uma busca que visa despertar-se para uma existencialidade que não se satisfaz com os *prêts-à-porter* sociais e culturais, uma existencialidade capaz de reconhecer os limites de qualquer epistemologia.

É bom perceber o quanto as experiências foram formadoras, e como eles tomam consciência disso. O aprendizado vem justamente desse “despertar” (Josso, 2010) para observar as experiências vividas e refletir sobre elas, gerando os aprendizados. (DELORY-MOMBERGER, 2008)

De alguma forma, estar no Arte em Cena trazia não só a responsabilidade do trabalho, mas uma imagem dos integrantes diante dos outros jovens da mocidade. Quem participava do teatro era mais cobrado no sentido de “dar o exemplo para os outros”, porque éramos considerados mais engajados e, por isso, tínhamos de ser mais responsáveis. Isso, de certa forma, exigiu um crescimento e uma maturidade nossa que nos fez enxergar os problemas, os desafios e as conquistas de uma forma diferente, mesmo quando tínhamos 15, 16 ou 17 anos.

E assim, com o passar do tempo, eu fui me envolvendo cada vez mais com as atividades, e nós exercíamos uma liderança, meio que sem querer. Virávamos referência meio que sem querer, nós éramos “os meninos do teatro”.

Os aprendizados não se restringiam ao ambiente do Arte em Cena, eles permeavam todas as dimensões da vida. O grupo se tornou um porto seguro, um lugar aonde todos iam para encontrar forças para resistir às dificuldades da juventude. Cada um tinha necessidades diferentes, mas a maioria conseguia encontrar o que haviam ido buscar, nas experiências vividas e nos relacionamentos conquistados. A juventude necessita de cada vez mais espaços que lhe proporcionem essa redescoberta de si e dos seus processos de

aprendizagem (PAIS, 1993).

Esse contato com a espiritualidade, principalmente com o teatro espírita, me deixava mais forte, me fazia compreender algumas situações, e eu podia conversar com muitos amigos, com as “tias”, nossas monitoras, eu recebia conselhos, e era acolhida quando não estava bem. Eu podia chorar, e rir, e todo esse apoio que eu recebi, também se transformava na vontade de retribuir essa atenção, e era tão bom ajudar quanto ser ajudada.[...] Conhecer outras pessoas, ter a prática do teatro, da mocidade, de vir pra evangelização, isso me transformou completamente, me deu um norte, me trouxe pensamentos, me trouxe reflexões, muitas reflexões.

➤ **Depois do Arte em Cena**

Para a Tamara, o aprendizado mais forte que permaneceu até os dias atuais foi a presença da espiritualidade em sua vida.

Pode parecer meio contraditório, eu ter me afastado da casa espírita porque eu não dava mais conta dos compromissos, mas, por outro lado, eu nunca subi num palco pra fazer uma apresentação em que eu não estivesse fazendo uma prece antes, pedindo para dar tudo certo. [...] eu estava lá quietinha, pedindo à equipe espiritual, que até hoje eu peço, em todos os meus trabalhos, à equipe espiritual que protege o Arte em Cena, que inspira o Arte em Cena, que possa estar iluminando o nosso trabalho, que a gente possa continuar plantando sementes. Mesmo que as peças não sejam mais espíritas, todas as peças da minha companhia, por uma filosofia minha, por uma filosofia do meu esposo, que não é espírita, mas que tem essa visão também de estar plantando as sementes através do teatro, que sempre trazemos uma mensagem, por acreditar no teatro como uma ferramenta poderosíssima de transformação.

A Tamara define o ato de “plantar as sementes” como uma forma de espalhar aquilo que ela possui de melhor dentro dela para os outros. As sementes seriam os aprendizados compartilhados e transmitidos para o outro. Josso (2010) afirma que somos seres capazes de socializar aspectos da nossa vida interior, seja através do exemplo, seja

através da experiência.

A Arte Espírita, nesse caso, vem complementar sua formação profissional no aspecto de ampliar sua visão para enxergar os seus alunos, não só como crianças ou jovens com dificuldades de aprendizado, mas como espíritos que necessitam educar seus sentidos, sentimentos e pensamentos (DUARTE Jr., 2001), e podem fazer isso através da arte, com o auxílio da espiritualidade.

A arte pra mim vem como uma ferramenta de vida, e arte espírita me deu essa possibilidade de, antes de qualquer coisa que eu vá trabalhar, eu vou estar fazendo uma prece antes, eu vou estar pedindo inspiração, vou estar pedindo auxílio espiritual pra estar conduzindo aquele trabalho, seja um trabalho com as crianças, ou com os adolescentes. [...] Com certeza, se eu não tivesse passado pela arte espírita, eu não seria a profissional com a competência que eu tenho hoje.

4.1.6. Arte e afeto: o início de minha trajetória - Aline Rodrigues

Foto 39 - Caminho da Aline



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

A Aline iniciou seu caminho pelo mar, porque, segundo ela, “a gente vem da água e volta para a água”. Esse mar representa a sua infância, que foi uma época de muita liberdade e espontaneidade. Ela afirma que essa naturalidade e essa fluidez vão se perdendo ao longo do caminho à medida que nos ligamos a coisas “teoricamente” mais sérias e nos desvencilhamos da inocência da criança que existe dentro de nós. A área pedregosa representa a sua adolescência, com todos os conflitos e as dificuldades que a maioria dos jovens enfrenta. Ela

nomeou as pedras com sentimentos que lhe traziam uma série de dificuldade, como: “insegurança” e “dependência do outro”. As outras pedras, ela não conseguiu definir e afirma que essas deveriam estar mais à frente do caminho, porque elas ainda existem e ainda precisam ser trabalhadas e resolvidas.

Seu caminho seguiu se estreitando e mudando de cores. Ela relacionou isso às mudanças que foram ocorrendo em sua vida a partir de várias experiências vivenciadas, até que uma árvore nasceu e trouxe cores para sua história. A semente que germinou no meio do seu caminho foi a Arte. Ela afirma que cada folhinha representa os frutos e as conquistas que brotaram dentro do seu espírito e que crescem cada dia mais, dentro dela. Essas folhinhas ganham o mundo e são conduzidas para lugares que nem ela mesma sabe, até encontrarem um ponto onde possam ganhar raízes e germinar. Ela se encontra, nesse momento, cultivando essa nova árvore que está nascendo dentro dela, uma árvore que está revelando “uma nova Aline”.

Quando pensou no futuro, a imagem que lhe veio à mente, foi uma montanha, porém, ela não soube dizer o que aquilo significava. Indicamos que talvez fosse uma questão interessante e importante para ela refletir, não só para o trabalho, mas para sua vida. Sabemos que esses processos de redescoberta e construção do caminho não são tarefas simples, muitas vezes, são necessários anos para se compreender e traçar metas, objetivos e trajetos, por isso, não pressionamos a Aline nessa busca. Acreditamos que a dúvida gerada, já é uma experiência que ela levará por muito tempo, até encontrar seu caminho.

➤ **Antes do Arte em Cena**

A arte surgiu na vida da Aline, também, para combater a timidez que tomava conta da sua infância e início da adolescência. Nesses casos, sempre surge alguém para servir de modelo, de inspiração, de exemplo. No caso da Aline foi um professor da escola. Mesmo travando uma batalha entre o medo e o nervosismo, o professor identificou nela uma vontade de ser diferente. O teatro veio então como uma oportunidade de mudança e transformação.

Eu também sempre fui muito tímida, inclusive minha trajetória na arte começou por causa de um professor meu, Paulo Augusto, que um pouquinho depois foi meu diretor. [...] Então, eu gravei... Morrendo de tremer a voz, horrível o trabalho, mas terminei. No fim ele me abraçou e disse: “faça teatro”. Disse que ele era louco; a pessoa não consegue gravar um vídeo e vai fazer teatro? “Não, mas faça, você vai se dar muito bem”, ele disse. Foi assim que eu entrei

no teatro da escola.

➤ **Durante o Arte em Cena**

Mais uma vez, as relações estabelecidas dentro do grupo foram destacadas como fundamentais para aprendizados experienciais. A presença do outro, o carinho, o amparo, o companheirismo são sentimentos que contribuem com os processos formativos dos indivíduos, que são, ao mesmo tempo, coletivos e singulares. Segundo Josso (2010, p. 197),

é sobre esse fio que se efetua o itinerário do caminhar para si com os outros e do caminhar consigo para com os outros. A alternância de atividades individuais e em grupo que parece-me ser uma garantia desse duplo enfoque necessário tanto ao trabalho biográfico como a qualquer outra atividade de cooperação.

A Aline expressa essa concepção do seguinte modo;

Acredito que o mais importante para mim enquanto arte foi a minha formação humana, que eu tive em vários cantos. E no GEPE eu tive demais, porque, na época que eu fui da mocidade, tudo foi muito rápido e muito intenso. A minha vida era aqui e era muito forte a forma como a gente se gostava. Fiz grandes amigos. Existem pessoas com quem eu converso até hoje. E é tão forte isso que, apesar da distância, independente de onde a gente se encontre, a emoção é a mesma, a energia é a mesma, o carinho é o mesmo.

É claro que nem sempre a gente se entendia, nem sempre eram só flores, tinha momentos difíceis, momentos que cobravam da gente.

Como toda família possui conflitos, no Arte em Cena não era diferente. Apesar das dificuldades, foi durante os piores momentos que descobrimos a força e a maturidade que tínhamos em grupo. As superações acabavam por nos unir ainda mais e nos davam um senso de responsabilidade, pois éramos nós que tínhamos de conduzir não só as atividades do grupo, mas também as relações que lá surgiam, desde namoros a brigas e desentendimentos. Nós éramos protagonistas não só na nossa vida, mas da história do Arte em Cena.

➤ **Depois do Arte em Cena**

Após sua saída do Arte em Cena, a Aline terminou a faculdade de teatro e continuou trabalhando com ensino da arte até os dias de hoje. Para ela, a arte educa, transmite mensagens e expressa sentimentos (DUARTE Jr., 2001). Essa visão, provavelmente é consequência não só das suas vivências na faculdade, mas também, e principalmente, das experiências do Arte em Cena.

Quando essas experiências extrapolam os muros do centro espírita e envolvem as outras práticas do cotidiano, observamos o quanto foi significativo vivenciar tudo aquilo, o quanto a arte pode se configurar como uma experiência realmente educadora. (DEWEY, 2010)

No encerramento da sua biografia, ela revela a importância das pessoas que considera mestres. Essas pessoas, de alguma forma, possibilitaram seu encontro com a arte e, de forma decisiva, fazem parte de quem ela é hoje. No processo de biografização, as várias dimensões, fases, épocas e pessoas que permeiam nossas histórias necessitam de atenção especial, pois

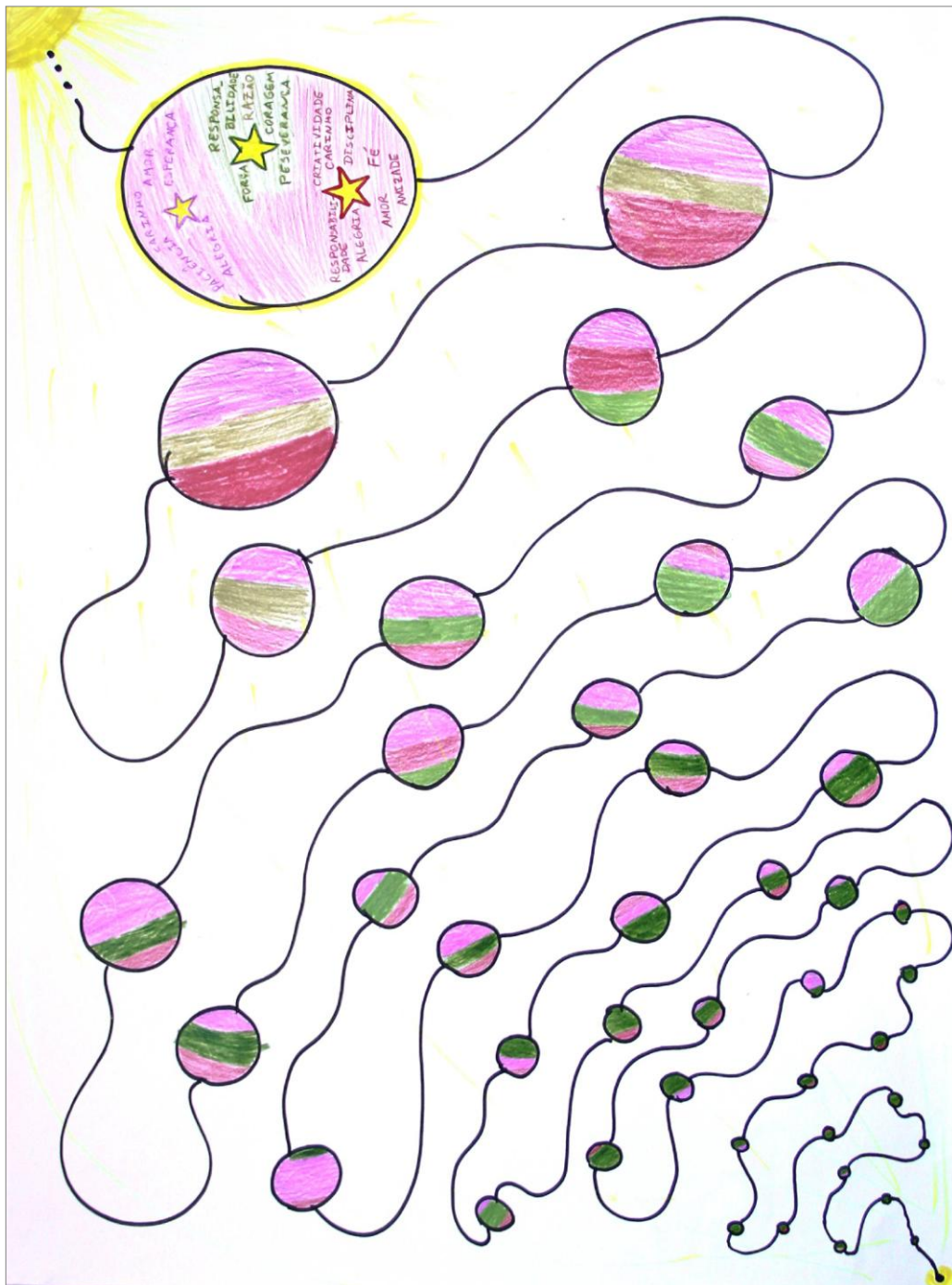
é no decurso dessa situação, em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa, de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência dos seus recursos e fragilidades, das valorizações e representações, das suas expectativas, dos seus desejos e projetos (JOSSO, 2010, p. 86 e 87)

Na vida da Aline, não foi diferente:

Eu tive muitas histórias marcantes no Arte em Cena e eu acho que o que vivi durante aquele tempo tem muito a ver com a minha formação [...] Hoje eu sou atriz, não sei se posso dizer profissional, mas continuei trabalhando profissionalmente com o teatro, atualmente, mais como arte-educadora do que como atriz. Dou aula para jovens em situação de risco ou não, mas de uma classe desfavorecida, e eu sempre tento me lembrar desses mestres. Sempre vêm à minha cabeça o Allan, a tia Nora, o Paulo Augusto, a Socorro Machado... Eu tive muita sorte na minha formação artística por conta disso, foram pessoas que trouxeram pra mim, não só a arte, mas também o humano. Pois com eles aprendi que a arte não é pra você se mostrar, a arte é pra você levar uma mensagem, seja ela qual for, tendo sempre cuidado com o que se diz, já que ela é também uma ferramenta de sensibilização e formação.

4.1.7. Arte em Cena e em minha vida - Larissa Bezerra⁵⁰

Foto 40 - Meu caminho



Fonte: Arquivos do CRB. Foto: Larissa Bezerra

⁵⁰ Mais uma vez peço licença ao leitor para modificar a voz para a primeira pessoa do singular, a fim de desenvolver a análise da minha biografia educativa.

Antes de falar a respeito do meu caminho, gostaria de justificar a minha presença enquanto pesquisadora e *participante/atriz/autora* deste trabalho. Acredito que, como membro que permaneceu durante mais tempo no grupo Arte em Cena, cerca de 10 anos, minhas memórias podem contribuir no processo de significação e construção dos aprendizados dessa experiência. Essa visão é embasada na proposta de Josso (2010, p. 154 e 155), que afirma que

a participação do formador na pesquisa-formação por meio do trabalho sobre sua própria biografia é mais um ato de reciprocidade e uma marca de confiança numa pesquisa participativa do que um enriquecimento real para o formador-pesquisador: o trabalho sobre seu próprio processo de formação e de conhecimento torna sua sensibilidade mais apurada para pressentir as dinâmicas dos outros e questionar as suas articulações. Por fim, a verbalização de uma reflexão sobre o seu próprio percurso de vida, em presença dos participantes no seminário, pelo qual é responsável, facilita a abordagem de assuntos considerados "pessoais" e cuja narração apresenta-se, para alguns como uma situação de vulnerabilidade.

Meu caminho está representado não só com a trajetória dessa vida atual, mas com as várias vidas que o meu espírito imortal pode ter tido ao longo de sua existência. Então, cada bolinha representa uma encarnação⁵¹. Essas bolinhas foram preenchidas com três cores que representam algo específico: o roxo é a família, o verde são os assuntos ligados ao corpo físico e o vermelho é o lado espiritual. Eu comecei meu caminho como uma bolinha totalmente racional, voltada apenas para os assuntos materiais e corporais. À medida que fui crescendo e amadurecendo, fui passando por diversas experiências que me ensinaram que aquele não era o melhor caminho, as outras cores foram surgindo na minha vida e tomando seu espaço.

A minha vida atual é representada pela bola maior, e, dentro de cada cor, eu trouxe alguns pensamentos relacionados para cada âmbito da minha vida. Na família, eu coloquei: paciência, amor, esperança e alegria. No de assuntos mais ligados ao corpo, destaquei: responsabilidade, racionalidade, força, coragem e perseverança. E no da espiritualidade, escrevi: criatividade, fé, amizade, amor, alegria, disciplina e responsabilidade.

Nos meus planos para o futuro, quero tornar minha vida uma bola de cores equilibradas, em que todos esses sentimentos, condutas e âmbitos da minha vida possam se encontrar equilibrados em busca da luz. Essa luz representa uma realização plena de formação

⁵¹ Para nós, espíritas, encarnação significa vida.

integral do meu ser, na qual eu poderia encontrar, antes de tudo, a paz de espírito.

➤ **Antes do Arte em Cena**

Minha experiência com arte, antes do Arte em Cena, quase não apareceu na biografia educativa. Acredito que só depois que entrei para o grupo é que meu envolvimento com a arte, não só a espírita, foi se tornando mais profundo e significativo. As experiências vividas na escola e no dia a dia não se mostram com tanta força como as vivenciadas a partir do Arte em Cena.

Sendo assim, o primeiro contato com a arte narrado na biografia educativa foi uma encenação de teatro durante um evento espírita, no qual eu descobri o nível de envolvimento que aquela arte poderia me proporcionar. Comecei então a compreender a arte como “parte do processo orgânico da evolução humana”, pela qual o indivíduo é capaz de encontrar a si mesmo, representando outra pessoa (READ, 2001, p. 16).

Pela primeira vez eu pisei num palco de teatro. Foi algo inexplicável. Foi como se o palco estivesse me abraçado. De todas as artes que eu amo fazer, cada uma tem um sentimento especial que me envolve enquanto eu a vivencio, e, no teatro, o sentimento foi de estar em casa. Quando eu subo no palco me sinto no meu próprio lar. É uma mistura de euforia com tranquilidade que não dá pra explicar, só sentir.

➤ **Durante o Arte em Cena**

A certeza da presença da espiritualidade em praticamente toda a biografia educativa demonstra que a Doutrina Espírita é mais do que uma religião para mim, ela é uma filosofia de vida, um conjunto de princípios e valores que norteiam meu crescimento, a partir dos aprendizados que adquiro ao longo da vida. (KARDEC, 2009)

Então acho que o Arte em Cena foi um dos ambientes em que eu mais cresci e amadureci na minha vida, e eu praticamente fui conduzida pela espiritualidade para estar aqui.

O grande aprendizado que eu quis destacar na minha biografia educativa foi a construção do sentido de trabalho. Um trabalho engajado não só no auxílio ao próximo, mas também na busca de uma autoformação. Trabalhar a Doutrina Espírita na prática, através da arte, fez-me compreender que essa vontade de mudar o mundo precisa começar dentro de mim, e que toda forma de trabalho se configura como uma oportunidade de aprendizado e crescimento para o espírito (AMUI, 2007).

Foi lá que eu aprendi a ter responsabilidades e a me engajar mais no movimento espírita. Porque quando eu estava ensaiando, ou participando, eu me sentia integrante do movimento. Do movimento juvenil, do movimento de arte espírita e do movimento espírita como um todo. Eu sentia que estava fazendo alguma coisa, mesmo que pequena, para o mundo ser um mundo melhor. Mesmo que fosse só fazendo outra pessoa sorrir lá da plateia, ou que fosse fazendo uma pessoa chorar, ou, de alguma forma, apresentando e representando a Doutrina Espírita para aquelas pessoas que estavam ali. [...] Eu achava que era uma forma de trabalho e me sentia muito útil com o que a gente fazia. Participar do Arte em Cena era o momento em que eu tinha de colocar tudo o que eu via na Mocidade em prática. Tipo colocar a mão na massa, fazer a diferença. E isso é uma vontade que vem do meu espírito, acredito que de outras encarnações. Essa vontade de trabalhar de fazer a coisa acontecer. O Arte em Cena, durante muito tempo, foi a única possibilidade, dentro do movimento espírita, que eu tinha de fazer isso.

➤ **Depois do Arte em Cena**

De uma forma bem homogênea, a arte ia atuando na minha formação no dia a dia, mostrando um mundo que só era possível enxergar através dela. Ela me ensinou a ler o mundo com meus próprios sentidos, a ouvir o silêncio, ver o invisível e sentir o intocável (DUARTE Jr., 1981).

Foi nessa época que o meu contato com a arte se tornou mais intenso e isso marcou e mudou a minha vida. A arte passou a ser parte de mim. Não que ela não fizesse antes, mas eu comecei a ter consciência da importância que ela tinha na minha vida. O Arte em Cena e o LEMA foram cruciais nesse processo. Foi através da arte que eu comecei a botar a mão na

massa e assumir o protagonismo da minha vida. E eu acho que, grande parte de eu ser o que sou hoje, eu devo a esse maior envolvimento com a Doutrina Espírita e com a sua arte espiritualizada.

As superações vencidas e os aprendizados construídos dentro ou por causa do Arte em Cena são muitos e variam de pessoa para pessoa. É como se cada um estivesse em busca de algo quando entrou no grupo e, ao chegar lá, houvesse encontrado justamente o que precisava aprender para crescer e se desenvolver. É como se o Arte em Cena fosse não só uma oficina de arte, mas uma oficina da alma, uma oficina do espírito, uma forma de educar e mostrar novas possibilidades de aprender e crescer com as experiências da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A arte encena a vida, a minha vida, desde que obtive a experiência transformadora de vivenciar a oficina de teatro arte em cena da mocidade espírita do Grupo Paulo e Estevão."

Marina Leite

Este trabalho objetivou compreender o significado da arte espírita na formação juvenil, avaliando seu papel na produção de saberes e sentido para a vida, a partir das narrativas de vida expressas nas biografias educativas de jovens que, na Mocidade Espírita Paulo e Estevão, em Fortaleza, participaram do grupo Arte Em Cena no período de 2000 a 2011. Para isso, traçamos como objetivos específicos: conceituar Movimento Espírita, identificando ações, sujeitos e instituições que se ocupam do segmento juvenil; refletir sobre o perfil dos jovens que participam do Movimento Espírita em Fortaleza, a partir de dados coletados pela Federação Espírita Brasileira; discutir o conceito de arte espírita, problematizando sua contribuição na formação humana; e mapear e interpretar, a partir das narrativas de vida, os saberes produzidos nas vivências com a arte espírita e os elementos fundantes para a constituição do projeto vital de cada um.

Não tivemos pretensão de impor conceitos e verdades encerradas, pois acreditamos que “a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta” (GOMES, 1994, p. 77), e esta permanece em constante transformação, construindo e reconstruindo o conhecimento a cada reflexão. Trouxemos algumas considerações finais que julgamos interessantes e relevantes, a fim de contemplar tudo o que foi discutido e gerar mais reflexões para futuros projetos.

Nas narrativas deste trabalho, o Espiritismo apresentou-se como um guia, um direcionamento, uma experiência de intenso aprendizado. Participar das atividades do Centro Espírita ao lado de pessoas que se amam e sentem afinidades era, para os jovens, uma forma de encontrar sentimentos e sensações que eles não encontravam no dia a dia.

Quando passei a frequentar a casa espírita, eu estava no auge da minha timidez. Conheci o movimento espírita através da minha mãe, que me levou, quando eu tinha apenas cinco anos, à Evangelização infantil do Grupo Espírita Paulo e Estevão. Eu cresci e vi aquela casa

espírita crescer junto comigo. Na época, não havia “maternal”, apenas os três ciclos⁵². Em cada ciclo eu fiquei uma média de três anos. À época, eu não conseguia visualizar a importância de estar na casa espírita, afinal, como criança, eu entendia estar em um colégio onde se aprendia os ensinamentos de Jesus. Minha mãe foi essencial para a minha permanência nessa etapa da minha vida, pois, além de sempre me estimular a ir, ela também ia e ficava nas reuniões dos pais, o que me passava a sensação de segurança. (Marina)

Foi naquele lugar que, através daquelas experiências, algumas dimensões do “ser-no-mundo” (JOSSO, 2010) foram descobertas e reinventadas. As potencialidades adormecidas despontavam como formas de manifestações artísticas, fato que, só hoje, conseguimos enxergar e compreender.

*[...] o quanto a mensagem da espiritualidade contrasta com esse mundo líquido, que hoje é e amanhã, não mais. A definição materializada do conjunto vazio da matemática: um conjunto portador de todo e qualquer elemento que é sempre e a todo instante diferente dele mesmo. **É isso o que a vida parece sem espiritualidade: vazia.** [...] Dia desses, eu estava relendo uma das peças que fiz. Não conseguia acreditar que aquelas palavras saíram dos meus dedos. Não que racionalmente eu não as pudesse elaborar, mas é que, pela naturalidade com que elas saíram de mim, para preencher a boca de um mentor espiritual, ainda hoje é surpreendente que elas mesmas possuam o poder de me consolar. Como se eu tivesse dado à luz uma mensagem que, sobrevivendo ao tempo e ao esquecimento, acordada hoje e sendo pronunciada feito dizeres mágicos, ainda esquentasse meu coração:*

"Filho, as vicissitudes da vida te perturbam? As calúnias e os males que constantemente aparecem nos corações humanos te ferem? Após tanto sacrifício e abnegação às tarefas humanas, tu achas que não vale a pena continuar lutando? Criança, não temas. Tu não estás só. Levanta teu rosto, segue em frente, vê a luz e deixe-a penetrar no teu corpo avivando o sol que tu és. Podes tudo, meu filho. Fiz o possível em minha vida para te fazer um verdadeiro homem, grande em tuas ações, imenso em teu coração. Não tenhas vergonha de quando precisares pedir ajuda a Jesus. Ele te ama, eu também. Estamos do teu lado. Ouça bem: não quero ver a esperança se esgotar neste coraçãozinho. Tudo há de dar certo... tenha fé."

⁵² No ciclo 1 ficava as crianças de 4, 5 e 6 anos. No ciclo 2, as crianças de 7,8 e 9 anos. No ciclo 3, as crianças de 10, 11 e 12 anos.

Hoje, quando escrevo, tento colocar cada personagem com sua psicologia própria, com seu momento de participação próprio, porque entendo que, com o Espiritismo, não estamos mais na era dos demônios que são apenas figuras de perdição no universo, mas irmãos em aprendizado como todos os outros ao seu redor. Cada qual com seu drama particular e com uma energia de transformação do mundo. (Allan)

Quando, nesta dissertação, falamos das experiências com arte de jovens espíritas, levantamos uma questão ainda pouco discutida: a existência e a definição de um movimento juvenil espírita. Vimos, no capítulo 01, que o movimento espírita surge a partir de uma necessidade de organização e compartilhamento das atividades dos adeptos da Doutrina Espírita. Mas e no caso dos jovens? Eles possuem essa articulação e envolvimento suficiente para formar um movimento juvenil espírita? Eles estão conscientes do seu papel dentro e fora da mocidade?

De uma maneira geral, essas questões ainda não possuem respostas definitivas, porém, no caso dos *participantes/autores/atores*, sim. Na época em que participávamos da MEPE, éramos os protagonistas da maioria das atividades desenvolvidas na mocidade e fora dela. Tínhamos responsabilidades não só com o nosso Centro Espírita, mas com o movimento espírita como um todo. Possuíamos uma consciência e um objetivo em comum, que era, de alguma forma, contribuir para um mundo melhor através da nossa arte.

Moarje foi um evento muito importante. O Momento da Arte Juvenil Espírita era um evento anual, feito por jovens para os jovens, nos dava responsabilidade de criação, de produção, de organizar um grande evento, de lidar com as divergências de opiniões e saber voltar atrás, com serenidade. (Tamara)

No momento em que realizava a análise desta escrita junto com os companheiros que compartilharam esta lembrança, havia colocado as seguintes contribuições da arte espírita para mim: uma marca profunda de um sentimento de espiritualidade viva, não só por conta dos Espíritos atuantes ao nosso redor, mas também de virtudes que nos faziam militar por essa causa maior de melhorar a humanidade com amor. Todavia, quando novamente

confrontado com a pergunta “qual o significado da arte espírita vivenciado na minha juventude para minha formação?”, me veio automaticamente a resposta “juventude”. Percebi a ambigüidade significativa do “ter abandonado a juventude” no período da faculdade. Aquele trabalho era a juventude do meu Espírito. Retomar a arte engajada a uma proposta humanitária junto ao projeto de palhaçoterapia foi rejuvenescedor. Recentemente, em minha sessão de terapia, em que estou tentando organizar a alma, a terapeuta me chamou a atenção como meu semblante mudara drasticamente ao me remeter às vivências que eu tive junto à arte. (Allan)

Essa arte, como vimos no capítulo 02, possui várias vertentes que trabalham com diferentes dimensões do humano – sociocultural, educativa, experiencial e espiritual. A Arte Espírita, nesse sentido, não se resume apenas a uma arte engajada na tarefa de divulgar o Espiritismo, é, acima de tudo, uma experiência formativa de educação do espírito. É a expressão de seres que se aventuram na autotransformação, conscientes de sua condição de seres multidimensionais, vocacionados a conquistarem sua humanidade permanentemente, dando passos na escalada evolutiva espiritual.

Participar do Arte em Cena foi uma experiência formativa, porque, além de possibilitar o desenvolvimento das várias dimensões constitutivas do ser, as biografias educativas deixaram explícito o quanto aqueles aprendizados foram significativos para que nos tornássemos as pessoas que somos hoje. No grupo Arte em Cena, o mais importante não eram as apresentações em si – essas eram feitas, na maioria das vezes, com pouquíssimos recursos e ensaios – mas o processo de construção, desconstrução e reconstrução de si, através dos relacionamentos, conflitos, conquistas, vivências, sentimentos, sensações, pensamentos e reflexões, que o “fazer artístico” nos possibilitou.

Os principais aprendizados identificados e mapeados no capítulo 04 foram: o sentimento de família que existia dentro do grupo, a união em prol da superação dos problemas, o senso de responsabilidade, a necessidade do trabalho, a crença na espiritualidade, a importância de se descobrir e de se transformar e, finalmente, a esperança de poder fazer do mundo um lugar melhor.

A escolha da pesquisa (auto)biográfica se mostrou imprescindível para alcançar os resultados aqui sintetizados. Voltar ao Grupo Espírita Paulo e Estevão, com aquelas pessoas e

com a proposta de lembrar um tempo que foi tão marcante para todos, foi um exercício não só de resgate das amizades, das experiências e dos aprendizados, mas também, acima de tudo, de formação, ilustrando a dupla dimensão da abordagem investigativa vivenciada: pesquisa (produção de conhecimentos) e formação (na tripla dimensão – auto (eu), hetero (outro) e eco (as coisas)).

Eu estou muito feliz por esse resgate e por estar aqui com vocês trazendo toda essa experiência para o consciente, e mais do que isso, podendo registrar o quanto isso foi importante e o quanto isso se torna importante a cada dia, porque a cada dia que passa, a gente vai se deparando com as dificuldades e vai lembrando como deu certo quando eu fiz daquele jeito lá atrás, naquele tempo. [...] Como também é muito emocionante encontrar meninos que foram meus jovens⁵³, hoje sendo trabalhadores. [...] São caminhos que se cruzam e se descruzam e se encontram de novo. É muito bom estar aqui com vocês fazendo esse resgate, muito bom mesmo. Mais uma vez transformador. Amo vocês. (Tamara)

Todos esses aprendizados construídos e adquiridos no Arte em Cena se refletem, atualmente, na vida de cada um. Não seríamos quem somos hoje se não tivéssemos vivido tudo isso no passado. Nossos projetos estão recheados de elementos que lembram a experiência vivida no Arte em Cena.

Quando a “Larissa, querida companheira e amiga de vivências artísticas no Arte em Cena, me convidou para participar do projeto de mestrado dela e explicou a temática, fiquei encantada com a oportunidade de resgate de lembranças tão maravilhosas. Que excelente momento de autodescobrimento que a espiritualidade estava proporcionando para todos nós! [...] Feito e aceitado o convite, uma pergunta se instalou na minha cabeça nos meus momentos de divagação: “Como seria a minha vida se eu não tivesse vindo para o arte em cena?”. Depois de muito refletir, conclui que teria sido muito diferente. (Marina)

⁵³ Aqui a Tamara se refere aos jovens que ela evangelizava na época que era monitora da mocidade.

Levando em consideração que o indivíduo não é formado apenas por uma ou outra dimensão, Josso (2010, p. 186) afirma que

[...] a nossa herança não se limita a esse corpus legitimado por uma dita visão científica. É preciso juntar-lhe conhecimentos diversos oferecidos pelas artes e pelas nossas práticas artísticas, quando as temos, pelas práticas corporais e de saúde, pelas práticas espirituais ou as cosmogonias de referência, bem como por todos aqueles saberes herdados das relações familiares ou sociais.

Mas será que todos possuem a noção do poder da arte enquanto experiência formativa? A “Arte-formação” pode um dia existir plenamente em todas as dimensões do “ser-no-mundo”? Essas são questões que, possivelmente, serão aprofundadas em pesquisas futuras.

No mais, acreditando na relevância deste trabalho e dos questionamentos que ele suscitou e vai continuar suscitando, defendemos que a abertura no meio acadêmico para a interação e o diálogo entre os saberes populares e os conhecimentos científicos, é importante para o crescimento reflexivo de ambos. Esta dissertação pretendeu, então, aprofundar o conhecimento a respeito dos fenômenos estudados e analisados e contribuir para a formação dos *participantes/autores/atores*. Esperamos que a partir desse conhecimento construído coletivamente, possamos nos posicionar como protagonistas do processo de educação e transformação de si e da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Jesus S. F. [et al.]. **Enciclopédia mirador internacional**. São Paulo: 1995. (Revolução francesa), vol. 18. Item III, p. 9852-9859.
- AMUI, Alzira Bessa França. **Princípios que fundamentam a Educação do Espírito**. 1ª ed. Sacramento-MG: Editora Esperança e Caridade, 2007.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002c.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília:Liberlivro, 2010.
- BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BRITO, Chrysanto. **Allan Kardec e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 2010.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed.São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- DAHLKE, Rüdiger. **Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmo e a energia divina**. Tradução de Margit Martincic. São Paulo: Pensamento, 2007.
- DAMON, William. **O que o jovem quer da vida? como pais e professores podem motivar e orientar os adolescentes** (trad. Jaqueline Valpassos). São Paulo: Summus, 2009.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. São Paulo: Paulus, 2008.
- DEMO. Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. 2ª Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- DENIS, L. **O Espiritismo na Arte**. Niterói: Lachâtre, 1994.
- DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Trad. de Anísio Teixeira. 2ª Ed. São Paulo: C. E. Nacional, 1976.
- _____. **Arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DOSWELL, W. M., KOUYATE, M., & TAYLOR, J. The role of spirituality preventing early sexual behavior. **American Journal of Health Studies**. Vol. 18. 2003, Issue 4, p. 195 - 202.
- DUARTE Jr., João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1981.

DUARTE Jr., João-Francisco. **O Sentido dos Sentidos**. Curitiba: Criar, 2001.

EMMANUEL, (Espírito). **O Consolador**: 20ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita: programa complementar, tomo único. Cecília Rocha (Org.). 1ª ed. 4ª impressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método autobiográfico. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Cadernos de Formação, no 01, 1988, p. 19-34.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **História dos movimentos e lutas sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. 2ed. São Paulo: Loyola, 2003.

GOLDBERG, Luciane Germano, OLINDA, Ercília Maria Braga de, BEZERRA, Larissa Rogério Bezerra. **Narrativas de experiências formativas em arte**: a linha do tempo de estudantes universitários. Anais do V Congresso de Pesquisa (Auto)Biográfica - CIPA, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano, BEZERRA, Larissa Rogério Bezerra. **Linha do Tempo: narrativas de vida e experiências formativas em arte**. In: Arte/Educação: Corpos em Trânsito: anais do XXII CONFAEB. São Paulo: UNESP, 2012a. CD-ROM

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Maria Cecília de Sousa Minayo (organizadora). 25 ed. Revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

INCONTRI, Dora. **Para entender Allan Kardec**. Niterói: Lachâtre, 2004.

INCONTRI, Dora; PRZEMYSŁAW, Grzbowski. **Kardec educador**. São Paulo: Comenius, 2005.

INCONTRI, Dora. **A Educação segundo o Espiritismo**. 7. ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 37-50.

_____. **Experiências de vida em formação**. 2ª ed. Natal: EDUFRRN, 2010.

_____. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião Oriental**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular**. Tradução: Álvaro Cabral. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KARDEC, Allan. O Espiritismo sem os espíritos. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos, Brasília, v. 9, n. 4, p. 150-156, abril. 1866

_____. **Obras Póstumas**. Tradução: Guillon Ribeiro. 13ª ed. Rio: FEB, 1973.

_____. **O Espiritismo em sua Expressão mais Simples**. Tradução de Dafne R. Nascimento. 2 Ed. São Paulo: Edições Feesp, 1989.

_____. **O que é o espiritismo**: noções elementares do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos; tradução direta do original francês por Wallace Leal V. Rodrigues. 25ª ed. São Paulo: LAKE, 1996.

_____. **O livro dos médiuns**, ou, Guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental / Allan Kardec; tradução de Guillon Ribeiro da 49.ed. francesa]. 71. ed. - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003

_____. **O Livro dos Espíritos: princípios da doutrina espírita: filosofia espiritualista**. Tradução: Guillon Ribeiro. 274 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. 363 ed. São Paulo: IDE, 2009.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História Geral e do Brasil**: trabalho, cultura, poder. São Paulo: Atual, 2004.

LAKATOS, M. E. MARCONI, M. A. de. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LANTIER, Jacques. **O Espiritismo**. Lisboa: Edições 70, 1971.

LEFÈVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; Teixeira, Jorge Juarez Vieira. **O Discurso do Sujeito Coletivo. Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul; Educus 2000

MACHADO PAIS, Jose. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas, in Luiz Pereira e Marialice M. Foracchi

(orgs). **Educação e sociedade**. Leituras de sociologia da educação, 1978, PP. 91-100.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Revista **Lua Nova**, No. 17. São Paulo, 1989, p. 49-66.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Maria Cecília de Sousa Minayo (organizadora). 25 ed. Revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NOVAES, Regina. **Juventude, percepções e comportamentos**: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena. Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania – Fundação Percecu Abramo. São Paulo, 2005. p. 263 a 290.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Grupo Fantasia**: esperança, responsabilidade e alegria. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

_____. Círculo Reflexivo Biográfico: dispositivo de Pesquisa e de Formação. **Anais do IV Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo, 2010.

_____. Biografia Educativa: a experiência do Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas - DIAFHNA. In: VASCONCELOS, José Gerardo (Org). **Cultura, educação, espaço e tempo**. Fortaleza, Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, Terezinha. **Espiritismo**: a doutrina e o movimento. 2 ed. Campinas, SP: Centro Espírita Allan Kardec, Depto. Editorial, 2003.

OSINSKI, D. **Arte, história e ensino**: uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In: **Educação e Pesquisa**. V. 32, n.2. São Paulo, 2006, p. 329 – 343.

PIRES, José Herculano. **O Centro Espírita**. São Paulo: Editora Paidéia Ltda, 1980.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROCHA, Cecília. **Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infantojuvenil**. 4. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

RODRIGUES, Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues. **Educação Espírita**: Práxis Pedagógica do Grupo Espírita Renascendo com Jesus. 1. ed. Ceará: Universidade Federal do Ceará. 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio**; ou, Da educação. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ALVEZ, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: vozes, 1975.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. 7 ed.. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, F., L. da. Espiritismo à Brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, Londrina, n 17, 2002. Disponível em : < <http://www.espacoacademico.com.br/017/17cluiz.htm>>. Acesso em 23 maio. 2013.

TEIXEIRA, Cícero Marcos. Reflexões **sobra a evangelização infanto-juvenil à luz do Espiritismo**. In: Juventude Espírita. (Org) Sylvio Dionysio de Sousa. 1ª ed. Capivari: Editora EME, 1997.

TOLSTOI, Leon. **O que é Arte?** Tradução de Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002.

VILHENA, Maria Ângela. **Espiritismos** – Limiares entre a vida e a morte. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Paulinas. 2008.

APÊNDICE 01

ACORDO BIOGRÁFICO ACORDO PARA O FUNCIONAMENTO DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO

O presente documento expressa um acordo feito entre as pessoas que compõem o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) desenvolvido na Faculdade de Educação da UFC no semestre letivo 2012.2, com a mediação da aluna mestranda Larissa Rogério Bezerra. Após discussão de todos os pontos deste acordo decidimos orientar o processo de biografização⁵⁴ em que estamos implicados, segundo os princípios e compromissos expressos a seguir:

- 1) Somos iguais em nossa humanidade e na busca pelo transcender-se. Somos diferentes por nossas trajetórias e identidades e, na igualdade e na diferença, respeitamos e respeitaremos uns aos outros;
- 2) O respeito começa por mim mesmo(a). Respeitarei minhas limitações, resistências e meu modo de ser, porém por querer investir no meu processo de formação, desde já decreto que **o desejo que tenho de autoconhecimento é maior que minha resistência**;
- 3) Sabemos que estamos no lugar correto e com as pessoas certas para a realização do trabalho biográfico que desejamos, por isso estamos abertos(as) à partilha e ao “agir solidário”;
- 4) Tudo que dissermos e fizermos aqui ficará em sigilo;
- 5) Somos livres para fazermos a narrativa de nossas vidas e para dizermos o que conseguirmos, sem, contudo, comprometer outras pessoas que compartilharam/compartilham experiências conosco;
- 6) Procuraremos falar, buscando equilíbrio entre o nosso tempo e o tempo do outro;
- 7) Somos livres para tecer nossas histórias, mas estamos cientes de que “os outros” nos revelam e que haverá momentos de “cooperação narrativa” em que serei interpelado dialogicamente pelo outro (Delory-Momberger chama de “pressão narrativa”, mas gostaríamos de propor uma nomenclatura diferente: “Colaboração narrativa”, por acreditarmos que se caracteriza como algo maior do que uma pressão do outro);

⁵⁴ Atividade de hermenêutica prática, ou seja, “um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma *história* que ele reporta a si mesmo.” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.27). Atividade constitutiva do ser social. Processo essencial de socialização e de construção da realidade social. Interface entre indivíduo e sociedade.

- 8) Seremos pontuais, pois o trabalho de biografização implica numa dinâmica grupal que é quebrada com entradas bruscas. Os próximos já ficaram determinados (ver calendário em anexo).
- 9) Faremos de tudo para não faltar aos encontros e seremos assíduos, pois cada dia aprofundamos nossos laços e nossas descobertas pessoais. Também sabemos da necessidade de valorização das contribuições de cada membro do grupo;
- 10) Tentaremos fazer todas as atividades e os exercícios propostos para facilitar e proporcionar o melhor desenvolvimento desse processo de descoberta e figuração de si;
- 11) No processo, apontaremos fraternalmente, aspectos do trabalho que não estão sendo bem encaminhados pela mediadora ou pelo grupo. Poderemos falar a pessoas determinadas sobre o que não estamos gostando do comportamento delas, mas, sobretudo estaremos atentos(as) a nós mesmos(as). Comprometo-nos a não julgar, nem aconselhar, a não ser que sejamos solicitados(as);
- 12) Estamos cientes de que a o processo de biografização a ser realizado neste CRB é um processo em construção, estando inspirado em fontes múltiplas: a proposta do Ateliê Biográfico de Projetos de Christine Delory-Momberger (2006); o trabalho coletivo com experiências de vida em formação de Marie Christine Josso (2004); a tradição dos Círculos de Cultura freireanos e a práxis de pesquisa, formação e de ação comunitária desenvolvida no Grupo de Pesquisa Dialogicidade Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA);
- 13) O CRB será realizado em, pelo menos, 6 encontros de no mínimo 2 horas, envolvendo os seguintes momentos: despertar consciencial; biografização e integração experiencial. De início, estão previstas as seguintes atividades: a) “Acordo e Acorda”; b) A Mandala (partindo do foco: “quem sou hoje”); c) narrativa oral de si (gravada em áudio ou vídeo – papel de ator e narrador da sua própria história – até 30’ de narração); d) transcrição da narrativa oral e primeiros ajustes na forma; f) leitura da narrativa no grupo (papel de leitor) e discussão em pequenos grupos para a reescrita – “colaboração narrativa”; e) caso precise, vivências específicas para acionar memórias-referência que não emergiram nas fases anteriores; f) reflexões sobre as experiências formadoras - “elucidação narrativa”; g) escrita final da “biografia educativa”⁵⁵ (papel escritor – versão suficientemente boa de si para o momento); j) integração experiencial e avaliação do processo (metáfora do caminho e da árvore).

⁵⁵ Escrita de si, produzida em grupo com a mediação de um formador. Produto sempre inacabado, pois o sujeito não cessa de se instituir. Resulta de um trabalho reflexivo sobre a própria vida, com ênfase nos processos de formação, conhecimento e aprendizagem, demonstrando, como chegamos a ser o que somos.

- 14) A pergunta disparadora das narrativas será: “Qual o significado da arte espírita, vivenciada na minha juventude, para minha formação?”

FORTALEZA, 13 de Novembro de 2012

Assinatura dos membros do grupo:

APÊNDICE 02

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACED - MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Prezado(a),

Vimos, através desse documento, solicitar a sua participação e colaboração com as pesquisas dos Mestrados em Educação Brasileira, Jahannes Rodrigues e Larissa Bezerra, a respeito do Movimento Espírita no Brasil e em Fortaleza. Acreditamos com a sua colaboração poderemos ter uma noção mais ampla e verdadeira do que é o movimento espírita e quais suas contribuições para a sociedade atual. Agradecemos pela disponibilidade e atenção.

Qual a(s) casa(s) espírita(s) que você frequenta? Em que cidade?

Quais os trabalhos que você desenvolve nessa(s) casa(s) espírita(s)?

O que é movimento espírita para você?

APÊNDICE 3

Roteiro do 1º Encontro do CRB – Arte Em Cena

Horário: 19h30 às 21h30

Local: FACED – Sala 02 do Bloco 122

DESPERTAR CONSCIENCIAL (20 MINUTOS)

Pedirei que eles se sentem confortáveis nas cadeiras e farei um “relaxamento conduzido”, onde o objetivo final será levá-los a encontrar uma caixa. Dentro dessa caixa estarão guardadas todas as memórias mais importantes da vida deles. Eles observarão a caixa e passados alguns momentos irão abri-la. Dentro dela irão encontrar outras caixinhas menores. Essas caixinhas são os vários núcleos sociais, familiares em que eles vivem ou viveram. No meio dessas caixinhas eles irão encontrar uma caixinha chamada: “Arte Em Cena”. Eles irão pegar essa caixinha e, sem abrir ainda, colocá-la no bolso. Fecharão a caixa grande e voltarão para a sala onde nos encontramos. Eles irão abrir os olhos e terá uma caixinha na frente deles.

Conversaremos sobre como eles se sentiram, o que eles visualizaram e como foi esse processo. A partir disso eles levarão para casa a tarefa de a partir de agora começar a pensar e refletir sobre os momentos marcantes que eles tiveram dentro do Arte em Cena, com a arte espírita, que foram significativos na sua formação.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA (30 minutos)

Apresentar através de slides o que é o projeto de pesquisa, os objetivos, metodologia, conceitos utilizados e tirar todas as dúvidas que eles tenham.

MOMENTO ACORDO (50 minutos)

Pedirei para que cada um desenhe algo que o represente para se “apresentar” para o outro e propondo a ideia do “banquete de conhecimento”, pedir que cada um mostre o que poderá trazer para esse banquete em 3 palavrinhas.

Apresentarei o termo de acordo com todos os itens que irei propor e, juntos, decidiremos como irá ficar o nosso acordo.

Decidiremos as datas dos próximos encontros.

MOMENTO DE INTEGRAÇÃO (10 minutos)

Levarei uns comes e bebes para o momento de integração.

ANEXO 01

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL – CFN**

ARTE ESPÍRITA

**Elaborada pela
Comissão sobre Arte Espírita**

**Texto aprovado em caráter experimental na
Reunião Ordinária do CFN,
em novembro de 2010.**

**Brasília
2010**

ARTE ESPÍRITA

‘Sim, certamente, o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado; e quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações [...]’

Allan Kardec – *Obras Póstumas*

1 ARTE – O que é Arte?

‘A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse ‘mais além’ que polariza as esperanças das almas’

Emmanuel – *O Consolador*

‘O Espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas, horizontes sem limites. A comunicação que ele estabelece entre os mundos visível e invisível, as informações fornecidas sobre as condições da vida no Além, a revelação que ele nos traz das leis superiores da harmonia e de beleza que regem o universo, vem oferecer aos nossos pensadores e artistas inesgotáveis temas de inspiração.’

Léon Denis – *O Espiritismo na Arte*

‘As Artes não sairão do torpor em que jazem, senão por meio de uma reação no sentido das idéias espiritualistas.’ [...]

[...] É matematicamente certo dizer que, sem crença as artes carecem de vitalidade e que toda transformação filosófica acarreta necessariamente uma transformação artística paralela.’

Allan Kardec – *Obras Póstumas*

2 A ARTE ESPÍRITA

2.1 O que é a Arte Espírita e qual o seu objetivo?

A *Arte Espírita* é uma manifestação cultural dos espíritas que se propõem a aliar os princípios e valores éticos e morais do Espiritismo às manifestações artísticas em geral, por meio da arte-educação, a serviço do bem e do belo. A *Arte Espírita* traduz os postulados espíritas em seu conteúdo, na finalidade e na intenção que inspirou o processo criativo e na nascente do coração que se propõe a servir.

A *Arte Espírita* tem por objetivo a divulgação da Doutrina Espírita, aliada ao entretenimento e à educação, à luz do Consolador prometido pelo Cristo.

“Assim como a arte cristã sucedeu à arte pagã, transformando -a, a arte espírita será o complemento e a transformação da arte cristã.”

Allan Kardec – *Obras Póstumas*

“O Espiritismo irá depurar a arte que conhecemos e esta arte, depurada, será aquela inspirada nos ensinamentos da Doutrina Espírita”. [...]

Espírito Rossini – *Obras Póstumas*

“[...] Oh! Sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia não ser assim? Seu advento transformará a arte, depurando-a. Sua origem é divina, sua força o levará a toda parte onde haja homens para amar, para elevar-se e para compreender. Ele se tornará o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas irão buscar nele suas inspirações e ele lhes fornecerá, porque é rico, é inesgotável”.

“Toda gente reconhece a influência da música sobre a alma e sobre o seu progresso. Mas, a razão dessa influência é em geral ignorada. Sua explicação está toda neste fato: que a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa.”

Espírito Rossini – *Obras Póstumas*

O impulso criativo do ser, que deseja buscar o Cristo, construindo a sua transformação moral, alicerçado nos conteúdos espíritas, provoca manifestações artísticas as mais diversas. Essas manifestações culminaram no surgimento de um segmento novo de trabalhadores espíritas, conscientes dos objetivos de sensibilização, evangelização,

divulgação doutrinária, entretenimento e terapia, além de se observar a importância da utilização da arte como poderosa ferramenta pedagógica.

A *Arte Espírita*, na sua finalidade precípua de transformação interior, pode ser apresentada nos mais diversificados meios de comunicação tanto no meio espírita, quanto fora dele, alcançando a mídia, praças, palcos de auditórios, universidades, teatros, etc.

2.3 Em quais modalidades Artísticas pode a Arte Espírita expressar-se?

A *Arte Espírita* abrange todas as modalidades de arte que intentem expressar no seu conjunto a mensagem e os valores da Doutrina Espírita.

A veiculação pode dar-se por meio de teatro, música, cinema, televisão, literatura, poesia e prosa, dança, pintura, desenho, arte digital, etc.

2.4 Em quais circunstâncias podemos empregar a Arte Espírita?

As diversas modalidades de expressão artística podem ser estimuladas ou desenvolvidas de uma maneira geral nos núcleos espíritas ou em eventos específicos, tais como:

1. Na divulgação de conteúdo doutrinário nas atividades de evangelização infanto-juvenil (teatro infantil, fantoches, músicas, dança, literatura infantil, jogral, etc.);
2. Nos eventos de confraternização para harmonizar e/ou alegrar o ambiente (coral, grupos de música, jogral/poesia);
3. Na harmonização em palestras e eventos comemorativos (coral, grupos de música, dança, pequenas dramatizações, poesia, etc.);
4. Nas reuniões de assistência espiritual com algum caráter comemorativo (palestra com arte, música, declamação de poesia);
5. Nos eventos artísticos beneficentes para ajudar instituições espíritas nas suas necessidades financeiras (peças teatrais, grupos de músicas, etc.);
6. Na divulgação da Doutrina Espírita para o grande público (cinema com temática espírita, peças teatrais, grupos de música, TV, Rádio, Internet, etc.);
7. Nos eventos específicos para grupos de arte para troca de experiências, tais como mostras de arte e shows artísticos;
8. Em algumas atividades da casa espírita onde possa usar-se a música cantada ou instrumental, para fins de sensibilização e preparação do ambiente.

3 A FORMAÇÃO DE GRUPOS DE ARTE

As instituições espíritas que desenvolverem atividades artísticas precisarão promover a formação técnico-pedagógica-doutrinária de seus trabalhadores através da realização de estudos, oficinas, fóruns, participação em encontros, mostras de arte e cursos preparatórios, na busca do contínuo aperfeiçoamento da(s) área(s) de atuação. Tal investimento deverá sempre estar atrelado à proposta da educação pela arte e principalmente do conteúdo doutrinário, visto que o uso da arte apenas pela arte perde o seu propósito perante o ideal espírita.

Vale ressaltar que ao fazermos uso de atividades artísticas mediúnicas, precisaremos redobrar nossa atenção e cuidados pela exigência natural de preparo e disciplina, a exemplo das demais atividades, relevando-se sempre, nesses casos, a legítima autoria dos Espíritos.

4 O TRABALHADOR DA ARTE ESPÍRITA

“O artista verdadeiro é sempre o ‘médium’ das belezas eternas e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o infinito e abrindo, em todos os caminhos, a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, sabedoria, paz e amor.”

Emmanuel – *O Consolador*

Há que se distinguir os trabalhadores espíritas da arte dos ‘artistas espíritas’. Enquanto os primeiros, na qualidade de trabalhador da Casa Espírita, pautam-se pelos postulados espíritas no exercício constante de orientação, capacitação e qualificação, os segundos, caracterizam-se por profissionais do meio artístico, seguidores do Espiritismo e que, num impulso de generosidade, desejam participar do Movimento Espírita.

Os artistas profissionais espíritas, que produzem trabalhos com conteúdo moral edificante que visem garantir sua sobrevivência com direitos autorais direcionados para o mercado comum, podem até estar trabalhando na divulgação do bem, de maneira legítima e ética, entretanto não devem utilizar as organizações espíritas nem a rede de divulgação espírita para projetos de promoção e sustentação pessoal.

A promoção do bem, do belo, da harmonização, dos valores éticos, morais e da elevação da alma, com seriedade e responsabilidade, são caminhos que darão segurança e credibilidade, para que os resultados sejam colhidos pelas instituições promotoras e realizadoras dos projetos artísticos.

As produções individuais deverão ser acolhidas, desde que analisadas e ajustadas aos critérios e padrões estabelecidos com base na proposta espírita de construção do bem.

O artista, a exemplo dos demais trabalhadores, também passa por necessidade de reajustes e crescimento espiritual. Portanto, deve compreender que a arte na qual se desenvolve é oportunidade de estudo e equilíbrio no campo das emoções por intermédio do Evangelho de Jesus e das claridades trazidas pela Doutrina Espírita.

Cabe ao trabalhador da *Arte Espírita* conscientizar-se de que os trabalhos artísticos nos quais se acha envolvido são seara do Cristo em favor do próximo e dele mesmo.

5 RECOMENDAÇÕES

Considerando-se que em se tratando de arte os conteúdos e interpretações podem ser subjetivos e que a arte pode ser individualista, levando-se em conta níveis pessoais de evolução como sentimentos, conhecimentos, inspirações, criatividade, gostos e preferências do artista e que, semelhante aos demais trabalhos realizados numa Casa Espírita, podemos encontrar em um mesmo grupo divergências conceituais quanto ao belo, o harmônico, o doutrinário, ou mesmo quanto a conveniências e outros mais;

Considerando-se que o produto artístico é uma interpretação sob a ótica individual do artista e que, em tese, tudo poderia vir a ser considerado como arte e, sendo espírita, receberia o rótulo de *Arte Espírita*;

Considerando-se que sendo a arte, como as demais atividades desenvolvidas na Casa Espírita, um trabalho que expõe a Doutrina para a sociedade;

Considerando-se o momento de estruturação por que passam as atividades de produção artística em todos os níveis do Movimento Espírita e a possibilidade de equívocos na divulgação do Espiritismo;

Considerando por fim o mandato recebido dos Espíritos Superiores, para que a Arte seja usada como instrumento de evangelização e de divulgação da Doutrina, prudente torna-se fazer-se as seguintes RECOMENDAÇÕES:

1. Estimular/Incentivar a criação de grupos de trabalho que desenvolvam atividades ligadas às mais diversas manifestações artísticas;
2. Acolher/orientar os trabalhadores espíritas que possuam aptidão ou interesse em desenvolver obras de arte vinculadas à Doutrina Espírita;
3. Promover mostras/seminários/fóruns/congressos com as instituições de arte espírita existentes no Brasil, bem como, com as instituições espíritas que se destaquem pelo

trabalho que realizam nas mais diversas manifestações artísticas com vistas a conhecer as suas experiências e coletar subsídios para a elaboração de projetos que incrementem e desenvolvam a arte espírita;

4. Promover o estudo do Espiritismo na Arte a partir do desenvolvimento de um plano pedagógico a ser elaborado em parceria com os trabalhadores da arte espírita representantes das Federativas Estaduais, bem como, dos artistas espíritas associados às instituições de arte espírita;
5. Propor e promover uma campanha nacional que estimule/oriente e incremente a arte nas instituições espíritas, em suas mais diversas modalidades e atividades;
6. Criar na estrutura organizacional da instituição um setor ou comissão para conhecimento e acompanhamento dos trabalhos artísticos, a fim de que a tarefa não fique somente sob a responsabilidade de uma pessoa ou do grupo artístico envolvido, e sim como uma produção coletiva do produto a ser apresentado;
7. Adotar medidas para que os dirigentes espíritas responsáveis pela promoção de evento com apresentação artística conheçam previamente e acompanhem a obra que será apresentada, evitando-se dessa forma, "surpresas constrangedoras" durante a exposição;
8. Evitar o uso da paródia (colocar conteúdo doutrinário em obras já consagradas do público não espírita). Há que se ter cuidado para não adoção de conduta considerada ilegal para com os direitos autorais, com a possibilidade, ainda, de remeter-se a outras sintonias bem diversas das que o momento exige, podendo envolver negativamente os desencarnados;
9. Avaliar com senso crítico a qualidade técnica e doutrinária do trabalho para apresentações dentro e fora da casa espírita, principalmente no meio não espírita. Lembrar que as pessoas envolvidas na arte, antes de serem artistas, são trabalhadores espíritas;
10. Envidar todos os esforços para que o grupo artístico esteja vinculado a, pelo menos, uma instituição espírita, para que não desenvolva suas atividades isoladas, sem o amparo espiritual, de retaguarda, de uma instituição e que os trabalhadores da *Arte Espírita* filiem-se às instituições, que, por sua vez, se filiarão às federativas e estas à FEB, buscando orientação, assessoramento, fomento e capacitação dos trabalhadores;
11. Promover o hábito do estudo doutrinário contínuo, da oração e da permanente avaliação da melhoria dos trabalhadores envolvidos em atividades artísticas, assim como nas demais atividades da Casa Espírita, considerando que os frequentes contatos com os aplausos, bajulações e elogios do público, podem, em alguns casos, converter-se em

exaltação à vaidade, ao orgulho, ao personalismo e criar dificuldades de relacionamento na equipe de trabalho;

12. Redobrar, juntamente com o médium, os cuidados no caso de tratar-se de trabalhos artísticos mediúnicos. Deve o trabalhador dessa área ser detentor de conhecimentos relativos a seu preparo, consciência e responsabilidade, convicto de que a obra não deve ser comercializada em proveito próprio;
13. Procurar integrar os trabalhadores da arte espírita às demais atividades da casa espírita, colocando-lhes o talento e a criatividade a serviço dos objetivos doutrinários. Entender e divulgar que as produções artísticas são um meio e não um fim em si mesmas. Isso evitará o risco de se ter a atenção voltada às demonstrações meramente promocionais do artista, sem benefícios para o Movimento Espírita e para a divulgação do Espiritismo;
14. Envidar esforços para que os projetos relacionados à *Arte Espírita* sejam institucionais, garantindo assim maior segurança na execução dos objetivos propostos. Projetos pessoais demonstram a manifestação própria de cada um, restringindo-se a ângulos de visão. Não necessariamente representam a fidelidade do pensamento, da cultura e da *Arte Espírita*;
15. Visar sempre o fortalecimento do Movimento de Unificação e da qualidade do produto espírita. Para tal, compete a realização de gestões junto às instituições vinculadas ao Movimento Espírita, que apresentem trabalhos especializados, tais como as produtoras de audiovisual, editoras de obras literárias, distribuidoras e lojas estruturadas. Essas promoções objetivam divulgar as orientações espíritas quanto à estruturação, com a finalidade de integração às demais instituições espíritas e à rede de divulgação que permeia o Movimento;
16. Garantir que as produções promovidas, apoiadas e chanceladas pelo Movimento Espírita e pelas instituições especializadas, recebam tratamento jurídico adequado com relação às questões de direitos autorais, de forma que os recursos fluam para a finalidade de cobertura dos custos das produções artísticas, para a divulgação do Espiritismo e para a criação e manutenção de projetos sociais, resguardando-se a sustentabilidade da instituição;
17. Deliberar para que a utilização da *Arte Espírita* na divulgação do Espiritismo, fora da Casa Espírita, receba tratamento técnico e estético, profissional, adequado às mídias que serão utilizadas;

18. Buscar preservar a fidelidade doutrinária seja qual for a modalidade artística escolhida, para, dessa forma, atender aos propósitos da *Arte Espírita*, quais sejam promover o bem, o belo, a harmonização, os valores éticos, morais e a elevação da alma;
19. Acompanhar as ações operacionais e as definições em nível de atuação das instituições envolvidas.
20. Recomenda-se especial atenção quanto aos direitos autorais, no que se refere a CD, DVD, de músicas, peças de teatro etc., sendo necessário que se firme Termo de Cessão de Direitos Autorais relativos à Publicação e Veiculação de Obra Literária Artística, que pode ser gratuito ou oneroso (dispondo percentual em favor do autor ou obra social por ele indicada), cujo termo deve seguir o disposto no art. 5º, inc. XXVII da Constituição Federal do Brasil/1988 e os artigos 5º, inc. I, IV; 7º, inc. VII; 22º; 29º, inc. I, V, VII, VIII, alíneas b, d, e, f; 30º e 81º da Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 que consolida a legislação sobre direitos autorais.

6 MENSAGEM

PERANTE A ARTE

“E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.” – Paulo (Filipenses, 4:7)

Colaborar na Cristianização da Arte, sempre que se lhe apresentar ocasião.
A Arte deve ser o Belo criando o Bem.

Repelir, sem crítica azeda, as expressões artísticas, torturadas que exaltem a animalidade ou a extravagância.
O trabalho artístico que trai a Natureza nega a si próprio.

Burilar incansavelmente as obras artísticas de qualquer gênero.
Melhoria buscada, perfeição entrevista.
Preferir as composições artísticas de feitura espírita integral, preservando-se a pureza doutrinária.
A arte enobrecida estende o poder do amor.

Examinar com antecedência as apresentações artísticas para as reuniões festivas nos arraiais espíritas, dosando-as e localizando-as segundo as condições das assembleias a que se destinem.
A apresentação artística é como o ensinamento: deve observar condições e lugar.

André Luiz – *Conduta Espírita* – Psicografia: Waldo Vieira

7 REFERÊNCIAS

- DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1990.
- KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro da 5. ed. francesa. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, it. 55.
- _____. *O livro dos espíritos: princípios da Doutrina Espírita*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Q. 566 e 625.
- _____. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Trad. de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. It. 137.
- _____. *O que é o Espiritismo: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos*. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1: Espiritismo e Espiritualismo.
- _____. *Obras póstumas*. Traduzida da 1. ed. francesa por Guillon Ribeiro. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 157 e 158.
- VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Q. 161.
- _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 57.
- _____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 41. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 32.
- _____. *Sinal Verde*. Pelo Espírito André Luiz. São Paulo: Petit, 2004. Pref. de Emmanuel.

8 COMISSÃO DA ARTE ESPÍRITA (Novembro de 2009-2010)

1. **Fábio Peluso** – Representante do ICEB e Clube de Arte (fabiopeluso@clubedearte.org.br)
2. **José Raimundo de Lima** – Representante da Região Nordeste (joseraimundodelima@hotmail.com)
3. **Marcus Azuma** – Representante da Região Sul (azumapanda@gmail.com)
4. **Marisa Priolli dos S. Fonseca** – Rep. Conselho Superior da FEB (marisa.priolli@uol.com.br)
5. **Marival Veloso de Matos** - representante da Região Centro (uembh@uembh.org.br)
6. **Rogério F. da Silva** – Representante da ABRARTE (rogerio@neartes.org.br)
7. **Sandra Farias de Moraes** – Representante da Região Norte (sandra.moraes@pmm.am.gov.br)